



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA

Título

UM OLHAR SOBRE O CASTELO DE NOUDAR
Do castelo medieval à ruína
Proposta de valorização do Lugar

Nome do Mestrando:
António Gabriel

Orientação:
Dr. Arq. Daniel Jiménez Ferrera | Dr. Arq. João Matos

Mestrado em Arquitetura
Dissertação
Évora, Ano 2016

AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação de mestrado só foi possível graças à colaboração e ao contributo de várias pessoas e instituições, às quais gostaria de agradecer.

Ao Prof. Doutor Arquitecto Daniel Jiménez Ferrera, pela disponibilidade para orientar este trabalho, pela orientação científica, pela revisão crítica do trabalho, pelos profícuos comentários, esclarecimentos, opiniões e sugestões, pela cedência e indicação de alguma bibliografia relevante para a temática em análise, pela acessibilidade, cordialidade e simpatia demonstradas.

Ao Prof. Doutor Arquitecto João Matos, pela disponibilidade manifestada para orientar este trabalho e pela exigência criteriosa na estruturação do mesmo.

À câmara municipal de Barrancos, na pessoa do seu presidente Dr. António Tereno e Dr.ª Domingas Segão, pela simpatia, disponibilidade e facilitação de acesso a material relevante.

Aos meus colegas e amigos, pela colaboração, amizade e espírito de entreajuda.

Aos meus pais, por todo o apoio, à minha tia por tantas vezes me ouvir, apoiar e motivar.

A todos o meu apreço e gratidão.

UM OLHAR SOBRE O CASTELO DE NOUDAR

Do castelo medieval à ruína

Proposta de valorização do Lugar

ÍNDICE

p 006 | Resumo / Abstract

p 008 | INTRODUÇÃO

p 010 | Estado da Arte

p 012 | Metodologia de Investigação

p 015 | 01 ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

p 026 | Toponímia

p 027 | 02 A FRONTEIRA E A IMPORTÂNCIA DOS CASTELOS

p 029 | Invasão Árabe

p 031 | Castelo Roqueiro

p 033 | Castelo Califal

p 035 | Castelo de Condal

p 037 | Castelo Românico

p 039 | Castelo Almóada

p 041 | Castelo Gótico

p 043 | O Contexto Raiano

p 045 | Fronteira Permeável

p 049 | 03 EVOLUÇÃO MORFOLÓGICA DE NOUDAR

p 053 | Ocupação Islâmica em Noudar

p 055 | Noudar - 1308

p 057 | Estrutura Urbana da Vila - século XIV/XV

p 065 | Noudar - 1510

p 067 | Noudar - 1541/1557

p 069 | Noudar - 1640

p 073 | Noudar - 1755

p 081 | Noudar - séculos XIX a XXI

p 075 | Plantas de Praças Raianas no século XVII e XVIII

p 087 | 04 PARQUE DA NATUREZA DE NOUDAR

p 091 | Avifauna Noudar

p 093 | Dark sky Noudar

p 100 | 05 PROPOSTA DE VALORIZAÇÃO DE NOUDAR: MUSEU DE ARQUEOLOGIA DO CASTELO DE NOUDAR E OBSERVATÓRIO DO PARQUE DA NATUREZA DE NOUDAR

p 105 | Museu de Arqueologia do Castelo de Noudar

p 128 | Observatório do Parque da Natureza de Noudar

p 155 | Quadro Síntese

p158 | Considerações Finais

p 159 | **BIBLIOGRAFIA**

p 161 | **ÍNDICE DE IMAGENS**

p 166 | **ÍNDICE DE DESENHOS**



Fig. 1 Castelo de Noudar - Vista Aérea, 2011

RESUMO

O Castelo de Noudar está implantado num íngreme promontório da herdade da Coitadinha, a Noroeste de Barrancos, integrando o atual Parque da Natureza de Noudar.

Construído a partir de 1303, foi alvo de diversas transformações ao longo do tempo, para responder às exigências militares de cada época, e chega aos nossos dias num avançado estado de decadência física.

A investigação desenvolvida assenta, em grande parte, no desenho: de Noudar a uma escala territorial, como elemento que participa numa rede fortificada complexa; da evolução morfológica e funcional, que nos permite ter noção das várias configurações do castelo ao longo dos séculos; num desenho propositivo que desenvolve uma estratégia para valorização do lugar e do seu património material e imaterial.

Hoje é fundamental compreender como as valências do Parque e da fortaleza se podem cruzar?

Este trabalho pretende refletir sobre possibilidades de valorização para contrariar a degradação em que a fortaleza se encontra.

A LOOK OVER THE NOUDAR CASTLE

From the medieval castle to the ruin

Site appreciation proposal

ABSTRACT

The Noudar Castle is located in a steep promontory in the herdade da Coitadinha, Northeast from Barrancos, part of the Natural Park of Noudar.

Its construction began in 1303, and underwent several transformations throughout its existence, adapting to the military advancements thru out the ages. Today, it shows an advanced state of decay.

The investigation is focused on the design of Noudar on a territorial scale, taking part in a complex network of fortified systems; its functional and morphological evolution, which allows us to comprehend the configurations of the castle throughout the centuries; and on a proposed design that develops a strategy to enhance and bring value to this place and its material and non-material heritage.

Today it's crucial to comprehend how can the values of the Park and fortress intertwine.

This thesis reflects on the possibilities of valuing this site, counteracting the decay which has fallen upon it.



Fig. 2 Castelo de Noudar - Frente Sul, 2014

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, de caráter teórico-prático, foi realizado no âmbito do Mestrado Integrado de Arquitetura sob a orientação dos Arquitetos e Professores, Daniel Jiménez Ferrera e João Barros Matos.

O objeto de estudo do trabalho é o Castelo de Noudar, localizado num dos pontos mais avançados da raia alentejana, a Noroeste de Barrancos, sobre o promontório entre as ribeiras do Múrtega e Ardila.

Monumento de notável importância na história de Portugal, lugar singular, de fortes relações com o território, com provas arqueológicas que comprovam a sua ocupação desde a pré-história até ao século XIX, encontra-se hoje, num acelerado estado de decadência.

Ao longo dos anos, Noudar esteve associado às guerras de consolidação das fronteiras do território Português. A região foi conquistada por Gonçalo Mendes da Maia, no ano de 1167, sendo reconquistada pelos mouros na ofensiva almóada, e mais tarde recuperada pelos cristãos de Castela. Com o tratado de Alcanizes em 1297, existia a preocupação com a organização e consolidação do território. No início do século XIV era necessário fortificar e povoar terras próximas da fronteira, mais sujeitas a invasões. Em 1308, o rei D. Dinis manda construir o castelo de Noudar, a cargo da Ordem de Avis, e funda, na vila de Noudar, o primeiro Couto de Hominizados do reino.

O facto deste ser um lugar muito castigado em tempo de guerra, como aconteceu na Guerra da Restauração e na Guerra de Sucessão, levou a que, em 1755, fosse projetado um novo reduto que colmatasse as fragilidades da fortaleza. No entanto, este nunca chegou a ser executado ficando apenas registado na belíssima planta de Miguel Luiz Jacob, a qual nos dá uma ideia clara de como a fortificação iria evoluir.

A partir do século XIX, a vila sofre um progressivo despovoamento, o que implicou que a sede municipal passasse para Barrancos.

No século XX, durante os anos 80 e entre 1999 e 2000, Noudar foi alvo de escavações arqueológicas onde se procedeu à realização de diversos trabalhos, entre os quais a limpeza do local, à consolidação de muralhas, à recuperação da cobertura da Igreja de Nossa Senhora do Desterro e à recuperação de alguns edifícios habitacionais.

Devido ao perigo de derrocada, o Castelo possui hoje diversas zonas em que é imposto um perímetro de segurança.

Para o desenvolvimento do estudo sobre este Genius Loci foi realizada a produção de elementos gráficos originais, ao mesmo tempo que foi feita uma reflexão crítica ao contexto atual do lugar e definida uma proposta de intervenção.

O desenvolvimento do estudo tem como principais objetivos:

- A realização de documentação gráfica original que permita ampliar o conhecimento da fortaleza e ser um importante instrumento de apoio para a investigação na área da Arqueologia, da História e da Arquitetura.
- Desenvolver uma reflexão crítica do contexto atual do sítio tendo em conta a relação entre o Parque da Natureza de Noudar e a Fortaleza. Existe uma transformação, de um lugar defensivo que entra em desuso para um lugar de valorização do património natural e cultural.
- Desenvolver uma proposta de intervenção que permita valorizar a fortaleza tendo em consideração as valências do lugar, através do desenho de novas infraestruturas que o preparem para receber novos programas.



Fig. 3 Castelo de Noudar - Vista Aérea Norte, 2011

ESTADO DA ARTE

Da bibliografia existente relativa ao objeto de estudo destacamos como fontes primárias:

- As representações do Castelo de Noudar que fazem parte da obra “ *O Livro das Fortalezas*” de Duarte de Armas, de 1509-1510. Estas peças representam a fortaleza na frente Norte, na frente Sul e em planta, correspondendo às primeiras representações gráficas de que há registo;

- A Planta da Praça de Miguel Luíz Jacob do ano 1755. Esta planta apresenta não só a fortaleza de Noudar mas também um projeto de reforço, num morro, a sul do castelo. Este projeto não viria a concretizar-se mas deixa-nos a ideia de como o castelo iria evoluir.

Poder contar com o Plano de Reforma do engenheiro militar Miguel Luiz Jacob e com os desenhos de Duarte de Armas permitem-nos desenvolver uma interpretação da evolução da fortificação de Noudar, investigação essa que até aos dias de hoje é inédita.

Como fontes secundárias foram estudadas as seguintes obras:

- “*Castelo de Noudar - Fortaleza Medieval*” de Adelino de Matos Coelho, de 1986, destaca-se de entre as obras mais recentes. Consideramos que é a monografia mais completa, a nível histórico e territorial da fortaleza;

- “*Comendas das Ordens Militares: perfil nacional e inserção internacional Noudar e Vera Cruz de Marmelar*”, de 2013, para além de fazer uma correta descrição da fortaleza, dá-nos informação arqueológica importante obtida nas escavações que decorreram no final da década de 80 do século XX e nos anos de 1999 e 2000;

- “Os desenhos do engenheiro militar Miguel Luís Jacob e a Cartografia das Praças de Guerra no século XVIII”, de Margarida Tavares da Conceição, que faz um estudo aprofundado de Miguel Luiz Jacob, autor que nos deixou um valiosíssimo contributo para a compreensão da fortaleza no século XVIII;

- “Castelos em Portugal - Retrato do seu perfil arquitectónico, 1509-1949” de Luís Correia, permite-nos ter uma noção geral da evolução dos castelos no território nacional e ajuda-nos a compreender o contexto histórico em que Noudar surge;

O “Plan Director de las Fortificaciones de Badajoz”, de Daniel Jiménez Ferrera, permite-nos fazer uma análise comparativa entre as fortalezas raianas. A introdução do documento contém um Atlas de cartografia, extensivo da fronteira luso-espanhola do século XVI até os nossos dias, tanto com fortificações realizadas como com projetos de reforço, alteração ou substituição das mesmas em época moderna (século XVII-XVIII).



Fig. 4 Castelo de Noudar - Vista Sul, 2011

METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

Como principais procedimentos na elaboração do trabalho, destacamos: a análise e interpretação de documentação histórica existente; a recolha de testemunhos de naturais do concelho; a compilação de cartografia histórica relacionada com as fortalezas raianas; a realização de levantamentos gráficos parciais e de um levantamento fotográfico sistemático.

Na primeira fase da investigação, realizou-se um enquadramento histórico que nos remete para um entendimento de como se ocupou, transformou e consolidou o território português desde a presença Árabe, no século XVIII, até à definição definitiva da fronteira luso-espanhola. Perceber como os castelos se adaptaram e evoluíram em cada época foi essencial para perceber o contexto em que Noudar se insere.

Na segunda fase da investigação, elaborou-se uma evolução morfológica da fortaleza ao longo dos séculos. Os documentos produzidos basearam-se na cartografia existente, em documentos de análises arqueológicas, e em levantamentos gráficos e fotográficos realizados no local.

Na última etapa deste estudo, é proposto um projecto baseado na criação do Observatório do Parque da Natureza Noudar e do Museu de Arqueologia do Castelo de Noudar. Esta estratégia introduz novos usos do local e dá continuidade à história do sítio.



Fig. 5 Castelo de Noudar - Vista geral, 1984

01 ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

Noudar localiza-se na Herdade da Coitadinha, no concelho de Barrancos, distrito de Beja.

Ocupa um elevado promontório que se destaca na paisagem permitindo o controlo visual das ribeiras do Múrtega e Ardila e da via que ligava Beja e Moura a Jerez de los Caballeros e Via da Prata uma importante rede viária na antiguidade. (1)

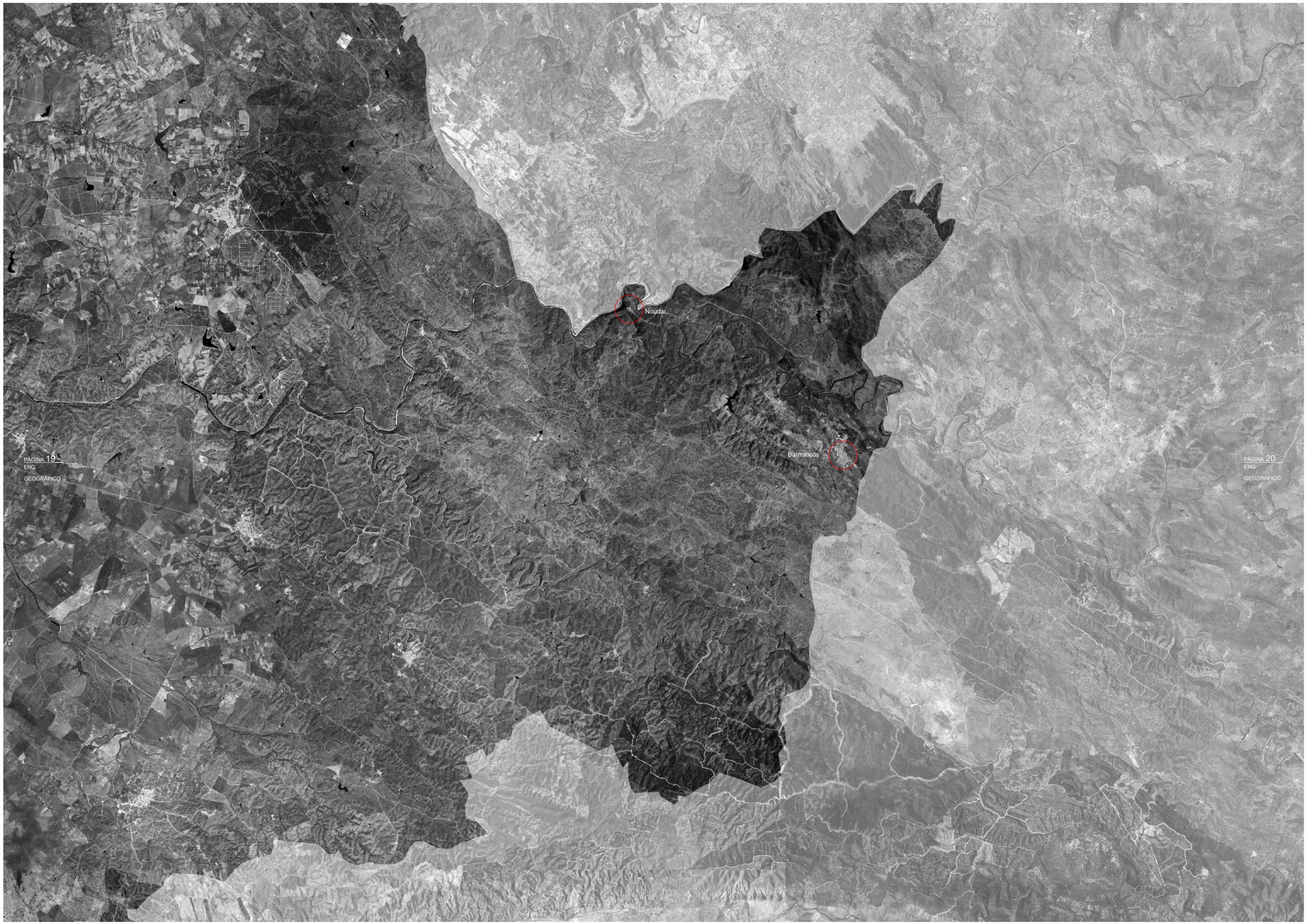
Insera-se numa região situada no remate da Serra Morena, com um microclima muito particular. Apresenta um clima mediterrânico, com baixa pluviosidade - 563 mm é a pluviosidade média anual - e elevadas amplitudes térmicas. Os invernos são frios, com temperaturas que descem, por vezes, abaixo dos 0°C e os verões muito secos e quentes, onde as temperaturas ultrapassam geralmente os 35°C. O Outono e o Inverno são marcados por chuvas concentradas que provocam naturalmente o transbordo do leito normal das ribeiras. A paisagem é marcada por uma extensa sucessão de morros e vales. Os solos são pouco ricos, com baixa fertilidade para o aproveitamento agrícola e de fácil erosão. No entanto, a influência do montado torna viável a atividade agro-pastoril.(2)

A região Noudar/Barrancos está incluída na unidade geotectónica do Maciço Antigo e corresponde a uma zona geológica muito antiga caracterizada pela predominância de xistos e grauvaques. (3)

(1) Cf. (<<http://www.amigosdoscastelos.org.pt/tabid/72/ctl/Details/mid/473/monumentID/59/Default.aspx>>| consult. 18-01-2015)
(2) Cf. Fonseca, L.A. (2013), Pp 100
(3) Cf. Fonseca, L.A. (2013), Pp 99

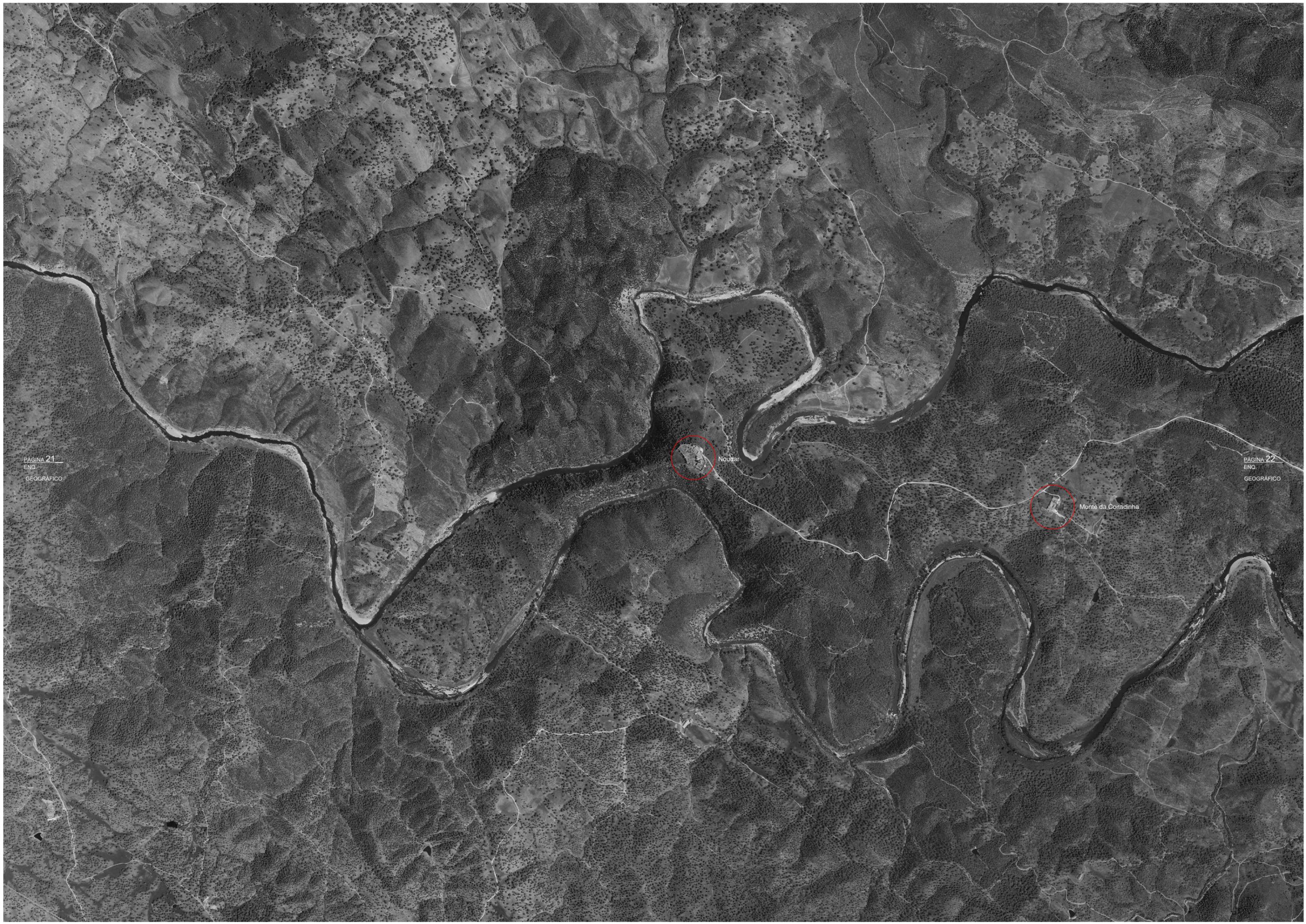
Noudar





Noudar

Barrancos



Noubar

Monte da Colitadilha



Des. 1 Mapa de Abrangência Visual

- Rio/Ribeira
- Linha de Feste
- Povoações/Lugares
- Cota de Noudar





Fig. 10 Vista Oeste do Castelo, 2014

TOPONÍMIA DE NOUDAR

Em termos de toponímia, Noudar está associado à função de controlo e de vigia do território. Este topónimo de origem árabe surge no verbo nadara (avistar), ou no substantivo nadare (Olhar). (4)

Alguns autores têm-se debruçado sobre a etimologia de Noudar. Silveira (1937) defende que «as atalaias devem ser o étimo de Noudar». Esta ideia é baseada na transliteração francesa de BaB en-Nouadeur, porta das atalaias, relativa a uma das entradas da cidade argelina de Laghouat, importante entreposto viário localizado na zona montanhosa do Atlas, sobre a principal via que liga Argel ao Sul do país.

Cláudio Torres associa Noudar a um local de vigia ou controlo, que nem sequer tem de estar no ponto mais alto da área, dando como exemplo a vila de Almodôvar, no distrito de Beja, onde «o Cerro Nodre (que em árabe quer dizer «atalaia») indica ainda a zona que antecedeu a urbanização do século XIV.(4)

(4) Cf. Fonseca, L.A. (2013), Pp. 103

02 A FRONTEIRA E A IMPORTÂNCIA DOS CASTELOS NA EXPANSÃO DO TERRITÓRIO PORTUGUÊS

Para perceber o lugar que hoje é Noudar é necessário um entendimento de como se ocupou, transformou e consolidou o território português. Os castelos tiveram um papel determinante neste processo, daí a importância de fazer uma análise que nos permita ter uma ideia de como estas estruturas se adaptaram e evoluíram em cada época, e com isto perceber o contexto histórico em que Noudar se enquadra.

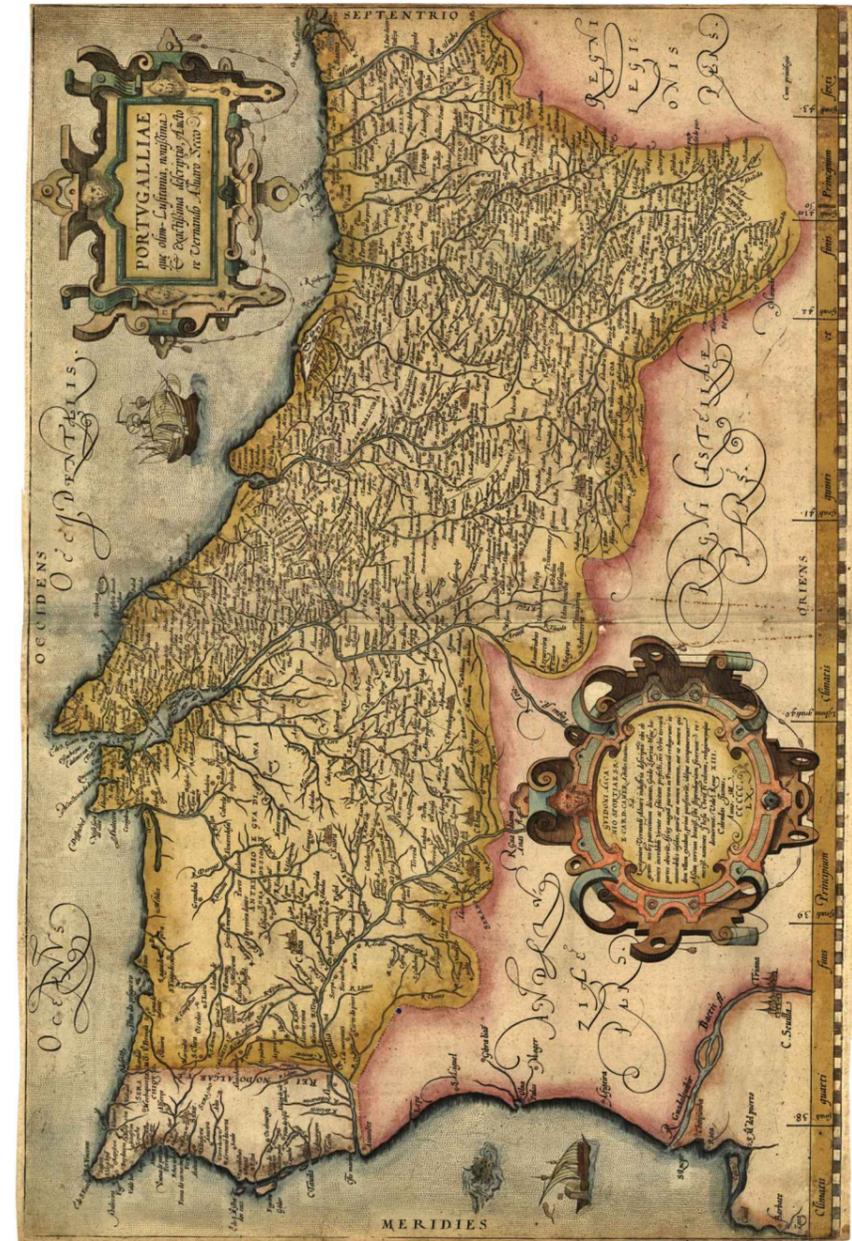


Fig. 11 Carta de Portugal, Álvaro Seco, 1561

OCUPAÇÃO ÁRABE

A ocupação Árabe da Península Ibérica começa com a chegada de Tarique Ibn Ziate no ano de 711. A tomada do território foi um processo extremamente rápido, que se pode justificar face ao clima de guerra civil, desencadeado pela sucessão do rei Vitiza, por Rodrigo, que debilitou bastante os exércitos Visigóticos. O descontentamento na população era geral, e grande parte converte-se ao Islão, nomeadamente os escravos que vêem assim melhorada a sua condição de vida. Muitos cristãos também se convertem não só pela isenção dos impostos mas também seduzidos por uma nova e sofisticada cultura. (5) A islamização do território peninsular foi um processo não só de essência militar mas também cultural. "Ao implantar-se no Garb-Al-Andalus nos séculos VIII-IX, o quadro administrativo muçulmano aproveitou, em boa parte, o alicerce das experiências de organização territorial romana e eclesiástica-cristã". (6)

Os Visigodos são obrigados a refugiar-se nas Astúrias, a Norte da Península Ibérica. Foi a partir do reino das Astúrias que as tropas cristãs se reorganizaram e contra-atacaram os muçulmanos.

"O processo de implantação do castelo relaciona-se indubitavelmente com a Reconquista Cristã - encetada no século VIII por D. Afonso III das Astúrias, num movimento de recuperação territorial -, sendo que entre 870 e 875 se começam a multiplicar as notícias sobre tal estrutura"(7). Na segunda metade do século IX o governo de D. Afonso III das Astúrias, com as presúrias do Porto (868) e Chaves (872), consegue consolidar o Noroeste de Portugal e incrementa uma importante reorganização militar e administrativa. O Reino de Portugal surge neste processo, durante a reconquista no ano de 1168.(7)

(5) Cf. Pinto, M.C.O. (2009) Pp. 55
(6) Conde, M.S.A. (1997) Pp. 367
(7) Cf. Correia, L. (2010) Pp. 38



Des. 2 Península Ibérica ano 750



CASTELO ROQUEIRO

Os Castelos Roqueiros surgem nos primórdios da Reconquista e são considerados o primeiro encastelamento naquilo que seria posteriormente o território português.(8)

São castelos de pequenas dimensões, sem caráter habitacional, de uso temporário e ocasional, e funcionam como um refúgio com apoio de guarnição militar. São uma solução encontrada pelas populações para responder às investidas inimigas. Estas estruturas são formadas por muros de pedra aparelhada com argamassa e surgem implantadas em afloramentos rochosos, situados em pontos altos nos quais é possível controlar visualmente a envolvente.

Podemos encontrar este tipo de castelos por todo o Noroeste de Portugal até o rio Douro e em alguns casos a sul do mesmo. O rio Douro aparece como um espaço de fronteira determinante até meados do século XI. Entre os poucos exemplos deste tipo de estrutura que subsistiram até hoje temos o Castelo de D. Sesnando, o Castelo de Penela e as ruínas do Castelo Roqueiro de Pena de Aguiar.

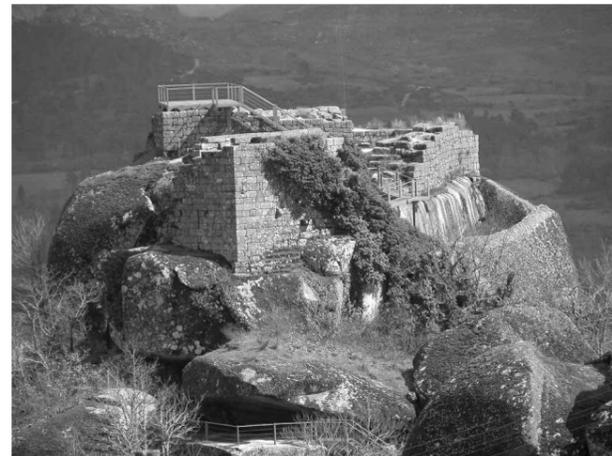


Fig. 12 Castelo Roqueiro de Pena de Aguiar, sem data

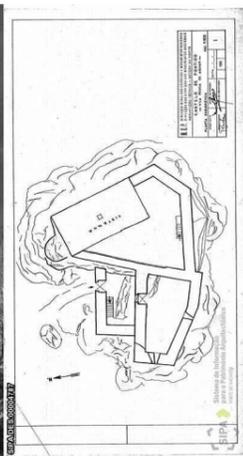


Fig. 13 Planta do Castelo Roqueiro de Pena de Aguiar



Des. 3 Península Ibérica ano 910

(8) Barroca, M.J. (1991). Pp. 91



CASTELO CALIFAL

A pressão dos reinos cristãos faz com que o poder califal mande reforçar a linha de fronteira que o Douro estabele. Um dos melhores exemplos é a Fortaleza de Gormaz muito disputada entre os séculos IX e X, mandada reconstruir no ano de 965. Outros exemplos são Silimancas, Osma e Zamora e, no futuro território português, Miranda, Penedo, e Lamego. Esta linha de fronteira é também completada com atalaias, torres e pontos de vigia. (9)

O poder central de Córdoba vê-se obrigado, a reforçar as defesas do rio Douro, para prevenção contra as tropas cristãs vindas do Norte, mas também o litoral, para deter as invasões Normandas, que penetravam no território pelos estuários dos rios. Existia uma rede defensiva ancorada às vias fluviais. Os postos de defesa de maior importância localizavam-se em Mértola (Mártula), Silves (Silb), Lisboa (Al-Usbuna) Santarém (Santarin) e Coimbra (Kulumriyya).



Fig. 14 Castelo Califal de Gormaz, Soria, Espanha

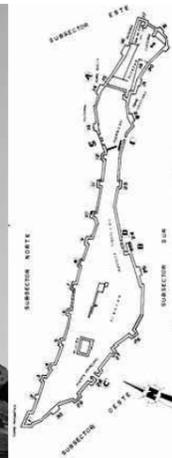


Fig. 15 Planta do Castelo Califal de Gormaz, Soria, Espanha

A Fortaleza de Gormaz, em Soria, na província de Castilla y Leon é uma fortaleza que oferece uma grande amplitude visual. É composta por recinto amuralhado e alcáçova com torre de menagem, cisternas e aposentos. Com uma extensão de 446m de comprimento por 60 de largura, as suas muralhas chegam aos 4 metros de espessura, erguidas com a técnica construtiva califal conhecida como "soga y tizón". O registo emiral denota-se também nas portas com grandes arcos em ferradura.

(9) Cf. Pinto, MCO. (2009) Pp. 56



Des. 4 Península Ibérica ano 1000

CASTELO DE CONDAL

O castelo de iniciativa Condal, corresponde ao que é considerado como o segundo encastelamento no futuro reino de Portugal. Apresentam soluções arquitetónicas mais elaboradas, com a introdução de outros elementos para além da muralha, como por exemplo torres.

Este modelo marca uma nova reestruturação militar e administrativa; os castelos passam a ser governados por um nobre, sem anular o papel dos castelos roqueiros e é-lhes atribuído um novo enquadramento. Originam as chamadas Civitates, espaços territoriais controlados a partir de um espaço central, corporizado por uma estrutura militar e respondem a fins essencialmente militares. São exemplos deste modelo as civitates de Anegia (atual Eja) e Santa Maria (atual Santa Maria da Feira), junto às margens Norte e Sul do Douro.

As *civitates* suportavam os chamados Territoria que “eram grandes unidades geográficas onde se verificava uma coincidência entre as vertentes administrativa, religiosa e militar, apoiando-se em grande parte na divisão diocesana (Braga, Porto e Coimbra) e materializando cada uma na mais importante urbe do seu âmbito geográfico - as cidades episcopais”.(10)

Esta organização defensiva marca a Reconquista para o Douro e posteriormente para o Mondego.

Este sistema mantém-se ativo até ao ano de 1071, no final do 1º Condado Portucalense, e marca o fim da influência condal e o início da ascensão dos infantes. (11)

O Castelo de Trancoso é um dos poucos exemplos que mantem presente as características dos castelos Condais, não tendo sofrido alterações substanciais nas reformas posteriores.



Fig. 16 Castelo de Trancoso, 1994

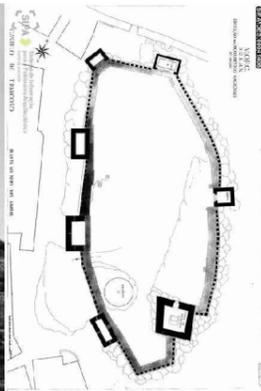
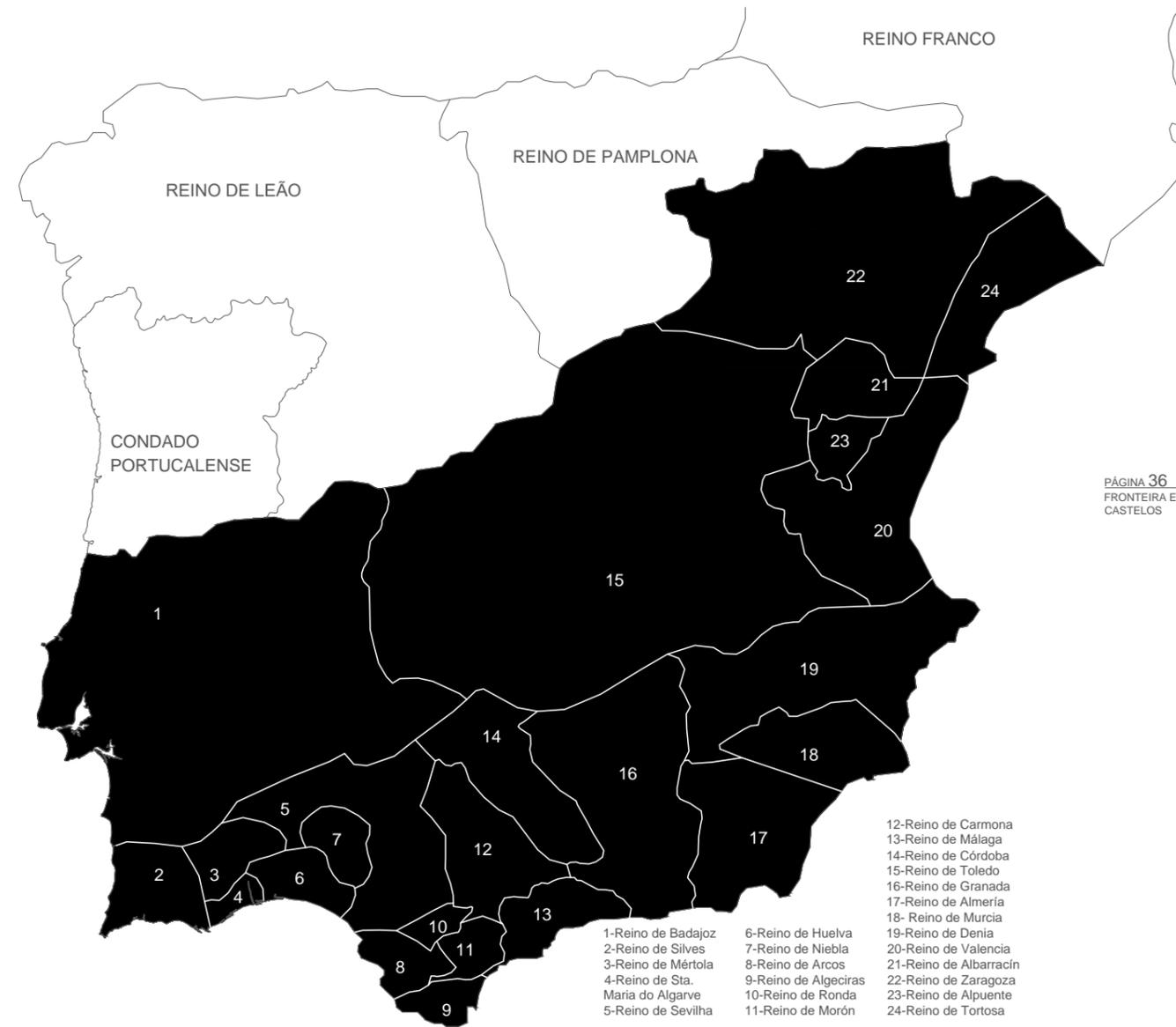


Fig. 17 Planta do Castelo de Trancoso

(10) Cf. Barroca, M.J. (1991) Pp. 92
 (11) Cf. Barroca, M.J. (1991) Pp. 118



Des. 5 Península Ibérica ano 1031



CASTELO ROMÂNICO

Com a expansão da Reconquista para Sul, a organização do território implementada por Afonso III, baseada nas *civitates*, torna-se inapropriada, face às novas exigências ao nível do planeamento geoestratégico. As principais *civitates* deixam de estar na zona de fronteira, tornando-se necessário controlar áreas menores de uma forma mais específica.

O território passa então a ser organizado pelas chamadas terras - unidades territoriais com uma dimensão muito inferior às *civitates*. Estas são controladas por um castelo entregue a um tenente (...). Com a introdução deste novo modelo realiza-se um processo de seleção e hierarquização de estruturas pré-existentes, e alguns castelos de menor importância são abandonados e outros ascendem a cabeça de terra. Cada terra possuía uma única estrutura militar, o castelo cabeça-de-terra que corporizava o poder e a ordem nesse território. (12) Esta estruturação de território marcou o solo português desde finais do século XI até à segunda metade do século XIII, e é nela que assenta o reino Português na fase inicial de independência.

O castelo românico corporiza esta nova reforma e utiliza os princípios de uma defesa passiva cujo principal objetivo é resistir às investidas inimigas. A sua implantação tirava partido das condições orográficas do terreno com o objetivo de melhorar a sua capacidade defensiva. A sua estrutura arquitetónica é definida por muros de silhares de pedra, altos e compactos, com torreões adossados e rematados com caminho de ronda protegido por uma guarda com ameias retangulares de dimensão semelhante às abertas." As muralhas do castelo definem um pátio com perímetro relativamente pequeno, possibilitando a permanência de uma pequena guarnição de homens".(13) Esta estrutura possuía apenas duas portas, a porta principal e a da traição, de maneira a reduzir os pontos frágeis. A Torre de Menagem é a mais importante das inovações do castelo românico, símbolo de poder, geralmente de planta quadrangular aparece isolada numa posição central, com uma cota superior à da muralha, na cota mais elevada do terreno para possibilitar o tiro direto para o exterior. Surge como último elemento de resistência, o acesso era feito por uma escada móvel de madeira que dava acesso ao primeiro andar e podia ser retirada em caso de perigo, sendo que o piso térreo não possuía entradas.

A Ordem dos Templários teve um papel determinante nas inovações da arquitetura militar desta época, estando associada às torres de menagem de Tomar (1160), Penas Róias (1166), Almourol (1171), Pombal (1171) e Longroiva (1174).



Fig. 18 Castelo de Guimarães, 1995



Fig. 19 Planta do Castelo de Guimarães



Des. 6 Península Ibérica ano 1150

(12) Cf. Barroca, M.J. (1991) Pp. 120

(13) Cf. Barroca, M.J. (1991) Pp. 121



CASTELO ALMÓADA

Em meados do século XII chega ao Al-andalus um exército almóada a mando do califa Al-Mu'min. O império dos Almóadas sucede ao império dos Almorávidas e vem unificar as taifas e marcar um novo ciclo de resistência aos cristãos. Nesta época é reparada um grande número de fortalezas. A esta época são atribuídos elementos como torres albarrãs, "corachas", muralhas e torres de taipa militar (compostas de cal aérea, pozolanas naturais e agregados). Alguns destes exemplos estão presentes nos castelos de Alcácer do Sal e Silves.

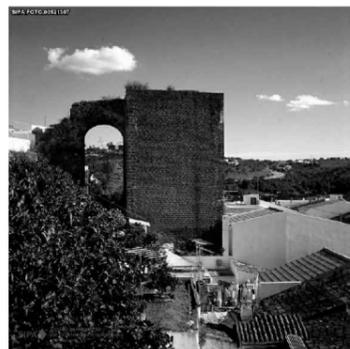


Fig. 20 Torre Albarrã do Castelo de Silves, 1986

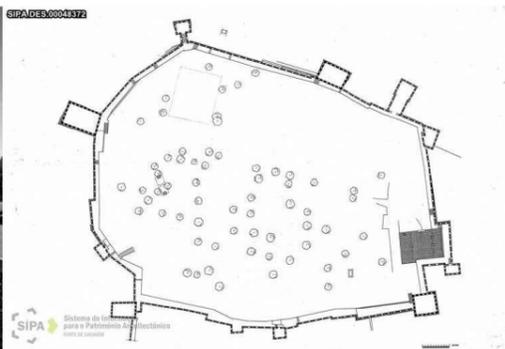


Fig. 21 Planta do Castelo de Silves



Des. 7 Península Ibérica ano 1210



CASTELO GÓTICO

Com a reconquista consumada no território português, no ano de 1249, subsequente da tomada definitiva do reino dos algarves e com o Tratado das Alcanizes no ano 1297, o modelo administrativo e militar que até então prevalecia sofre uma profunda transformação.

"No lugar das Terras passam a ser referidos os Julgados que, apesar de manterem inalterado o espaço geográfico, acentuam muito mais a dimensão civil e judicial, descurando a militar outrora tão presente. (...) Aos Tenentes, membros da Alta Nobreza em quem o monarca outrora delegava o poder de governar uma Terra, sucediam-se os Alcaides, funcionários de nomeação régia".(14)

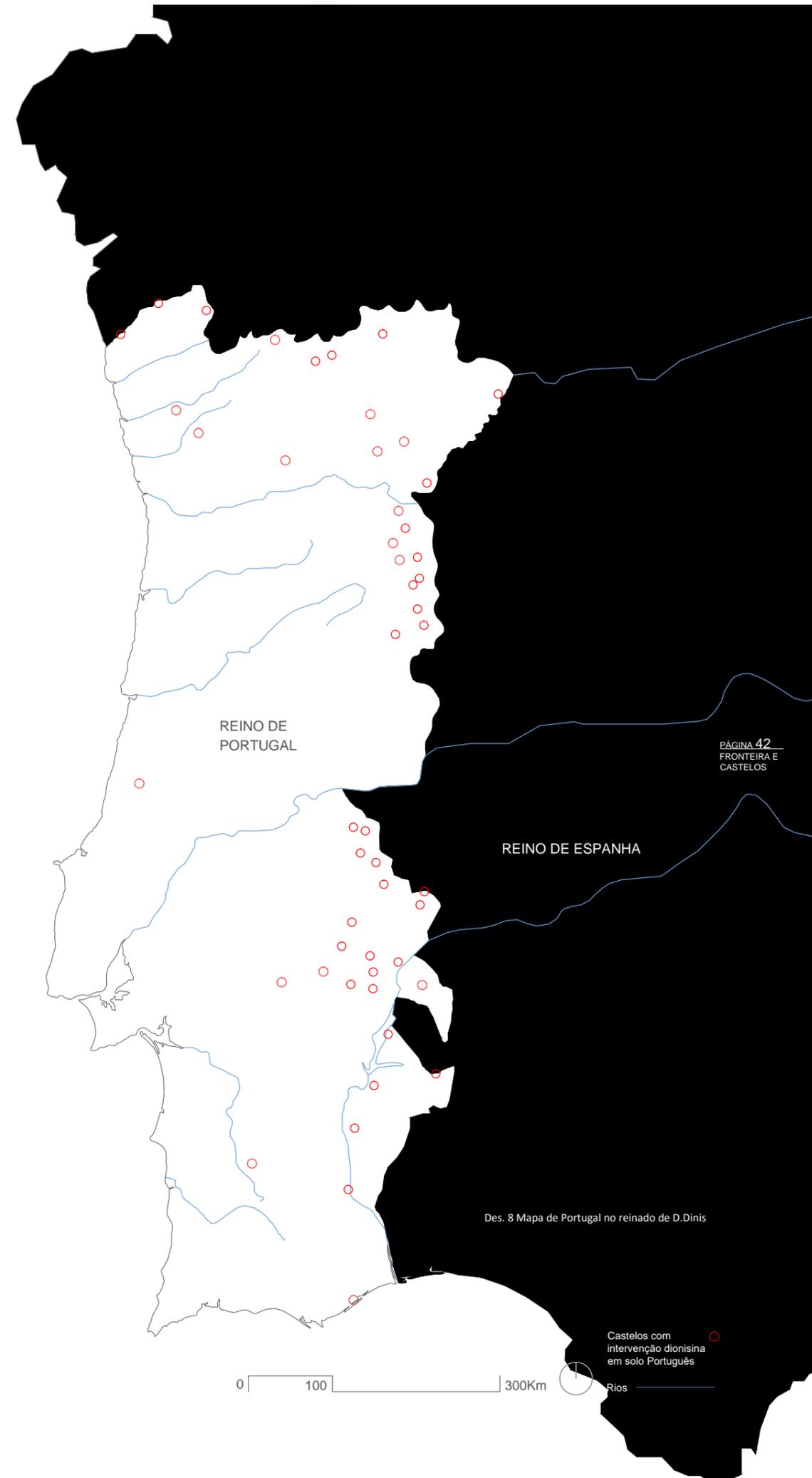
Começam a ganhar importância os castelos raianos, que passam a garantir a segurança do território português. Deste modo, muitas das estruturas românicas do interior do reino entram em decadência.

D. Dinis foi o grande responsável por este movimento, encontrando-se documentada a sua intervenção em 57 fortificações (incluindo Noudar que iremos aprofundar mais à frente) entre o final do século XIII e inícios do século XIV.

As novas soluções arquitetónicas introduzidas nos castelos portugueses permitem a passagem de um conceito de defesa passiva, típica do castelo românico, para um conceito de defesa ativa típica do castelo gótico. A defesa ativa preparava o Castelo para um possível contra-ataque, ao contrário da defesa passiva que apenas preparava o castelo para resistir às investidas inimigas com a altura e espessura das suas muralhas.

As principais inovações do castelo gótico estão relacionadas com o número de torreões ao longo da muralha. A proporção do adarve aumenta de largura facilitando a movimentação de tropas. As ameias passam a ser tendencialmente mais baixas e largas, sendo muitas vezes munidas no centro com seteiras. As principais entradas ficam sempre protegidas por dois torreões. A torre de menagem deixa de aparecer como um elemento isolado e surge agora adocçada à muralha em pontos estratégicos e muitas vezes aparece rematada por matacães.

(14) Cf.Barroca, M.J.(2000a) Pp. 805



O CONTEXTO RAIANO

A raia Luso-Espanhola é o limite que divide os territórios de Portugal e de Espanha estendendo-se desde a foz do rio Minho até à foz do rio Guadiana. Este limite é desenhado por cursos de água na chamada raia húmida e pontuado por marcos fronteiriços na chamada raia seca que habita territórios mais ásperez e difusos.

O significado geopolítico da raia ganha força após a reconquista, nas reformas góticas introduzidas por D. Dinis, e foi sendo construído povoado e ordenado ao longo dos séculos. A sua importância é materializada pelo grande número de praças fortificadas que acompanham esta linha em toda a sua extensão.

De algum modo, as fortificações Portuguesas e Espanholas correspondem-se mutuamente a partir do momento em que a linha de defesa para uns é a linha de invasão para outros. Como tal, em muitos casos, os castelos Portugueses têm como pano de fundo castelos Castelhanos e vice-versa.(15)

CASTELOS PORTUGUESES

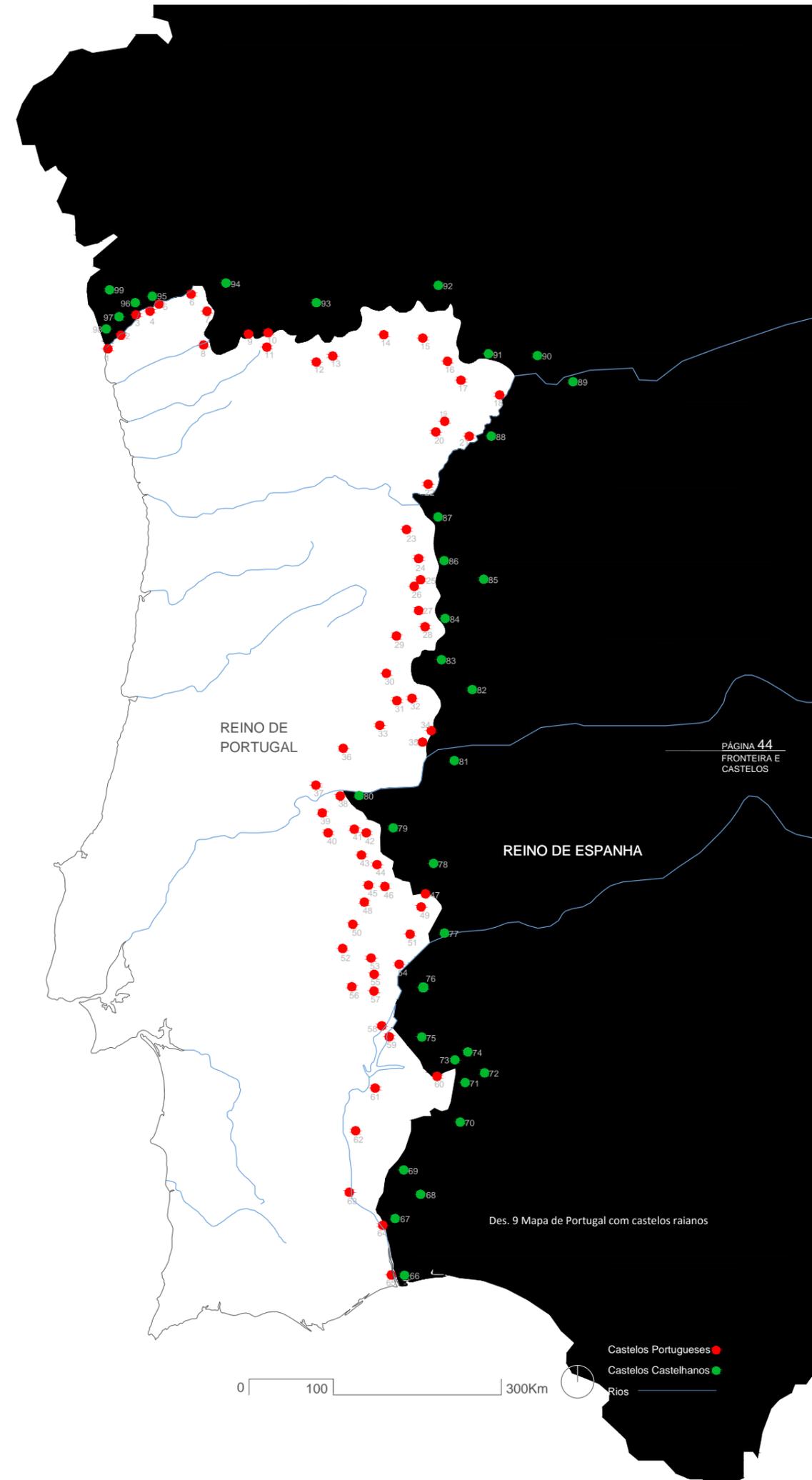
- 1 - Caminha
- 2 - Vila Nova de Cerveira
- 3 - Valença
- 4 - Lapela
- 5 - Monção
- 6 - Melgaço
- 7 - Castro Laboeiro
- 8 - Lindoso
- 9 - Piconha
- 10 - Portelo
- 11 - Montalegre
- 12 - Chaves
- 13 - Monforte do Rio Livre
- 14 - Vinhas
- 15 - Bragança
- 16 - Outeiro de Muias/ de Miranda
- 17 - Vimioso
- 18 - Miranda do Douro
- 19 - Penas Róias
- 20 - Mogadouro
- 21 - Bemposta
- 22 - Freixo de Espada à Cinta
- 23 - Castelo Rodrigo
- 24 - Almeida
- 25 - Castelo Bom
- 26 - Castelo Mendo
- 27 - Vilar Maior
- 28 - Alfaiates
- 29 - Sabugal
- 30 - Penacor
- 31 - Monsanto
- 32 - Penha Garcia
- 33 - Idanha a Nova

- 34 - Salvaterra do Extremo
- 35 - Segura
- 36 - Castelo Branco
- 37 - Ródão
- 38 - Montalvão
- 39 - Nisa
- 40 - Alpalhão
- 41 - Castelo de Vide
- 42 - Marvão
- 43 - Portalegre
- 44 - Alegrete
- 45 - Assumar
- 46 - Arronches
- 47 - Ouguela
- 48 - Monforte
- 49 - Campo Maior
- 50 - Veiros
- 51 - Elvas
- 52 - Estremoz
- 53 - Vila Viçosa
- 54 - Juromenha
- 55 - Alandroal
- 56 - Redondo
- 57 - Terena
- 58 - Monsaraz
- 59 - Mourão
- 60 - Noudar
- 61 - Moura
- 62 - Serpa
- 63 - Mértola
- 64 - Alcoutim
- 65 - Castro Marim

CASTELOS ESPANHOIS

- 66 - Ayamonte
- 67 - Sanlúcar de Guadiana
- 68 - Puebla de Guzmán
- 69 - Paymogo
- 70 - Aroche
- 71 - Encinasola
- 72 - Fregenal de la Sierra
- 73 - Oliva de la Frontera
- 74 - Jerez de los Caballeros
- 75 - Alconchel
- 76 - Olivenza
- 77 - Badajoz
- 78 - Albuquerque
- 79 - Valencia de Alcántara
- 80 - Herrera de Alcántara
- 81 - Alcántara
- 82 - Moraleja
- 83 - Valverde del Fresno
- 84 - La Albergueria
- 85 - Ciudad Rodrigo
- 86 - Aldea de Obispo
- 87 - Sobradilo
- 88 - Fermoselle
- 89 - Zamora
- 90 - Carbajales
- 91 - Alcanices
- 92 - Puebla de Sanabria
- 93 - Monterrey
- 94 - Milmanda
- 95 - Salvatierra
- 96 - Tuy
- 97 - Goyán
- 98 - A Guarda
- 99 - Bayona

(15) Cf. Correia, L. (2010) Pp. 90





(1) Fig. 22 Vista do castelo sobre as ribeiras do Múrtega e rio Ardila, 2015



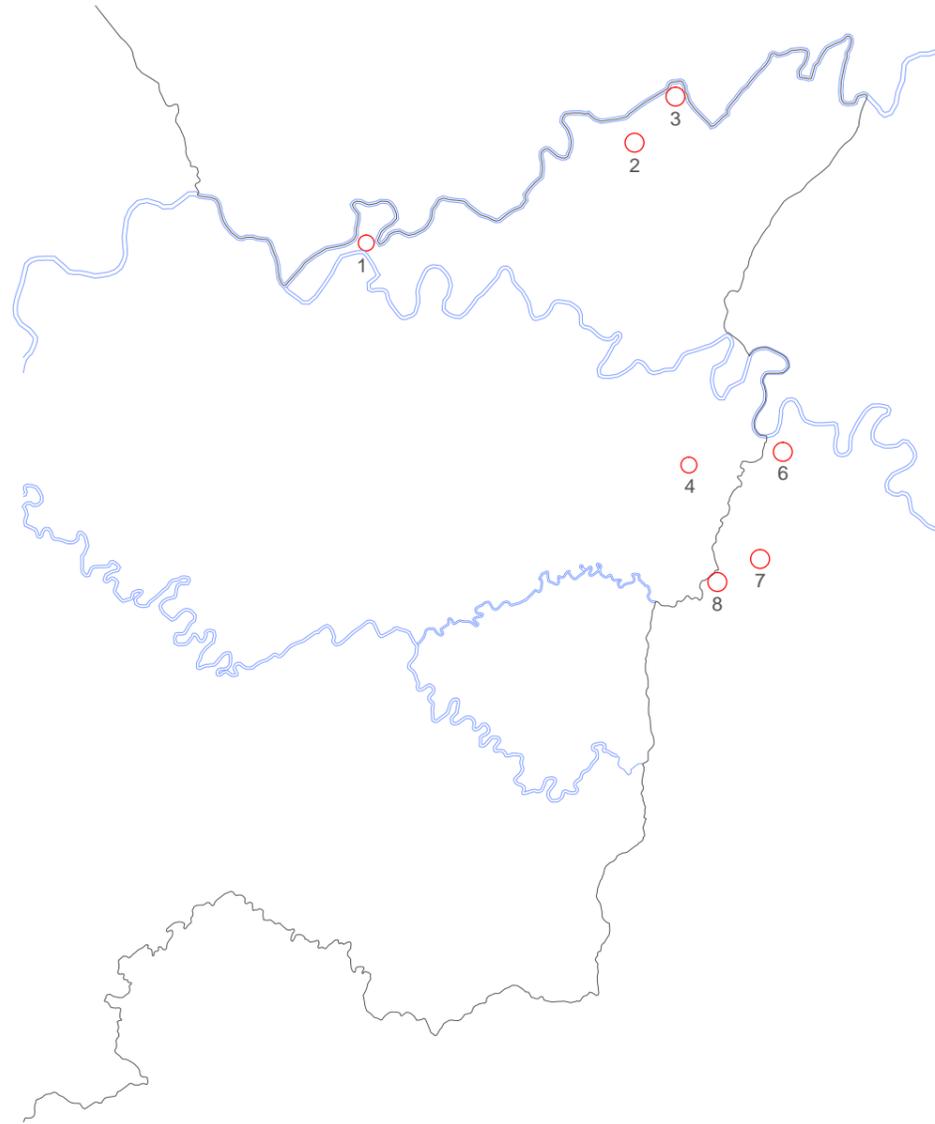
(2) Fig. 23 Oliva vista desde a caseta da Russiana, 2015



(3) Fig. 24 Rio Ardila, 2015



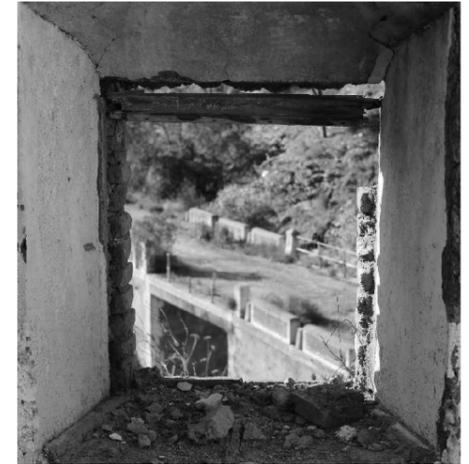
(4) Fig. 25 Edifício em Barrancos, com gradeamento tipicamente espanhol, 2015



5



(5) Fig. 26 Vista de Barrancos a partir do Forte de S.Juan, Encinasola, 2015



(6) Fig. 27 Posto Fronteiriço, 2015



(7) Fig. 28 Caseta de Encinasola, 2015



(8) Fig. 29 Marco de fronteira 990, 2015

	Doação de Afonso X a sua filha D.Beatriz, de Moura Serpa e Noudar	Tratado de Alcañices para defenição de linha de fronteira	Conclusão das obras determinadas por D.Dinis. Inicia-se o povoamento por carta outorga pelo rei em que ali se fundava o 1º Couto de Homiziados do reino.	Por contrato entre os moradores da vila de Noudar e de Moura ficou pertencendo a cada um destes concelhos metade das pastagens do da Defesa e do campo de Gamos.	Planta da Praça de Noudar por Duarte D'Armas	Planta da Praça de Noudar por Miguel Luiz Jacob na qual se mostra a localização de um reduto de planta estrelada que se projetava construir no morro de São Gens	Na divisão territorial eleitoral aparecem conjuntamente Noudar e Barrancos formando uma só Vila	O Castelo de Noudar e os terrenos que lhe pertencem foram arrematação em hasta pública perante o Governador Civil do Distrito de Beja no dia 29 de Julho de 1893	No decorrer dos anos 80 e nos anos 1999 e 2000 Noudar foi alvo de escavações arqueológicas	Devido ao perigo de derrocada, o Castelo foi encerrado no ano de 2012, situação em que se encontra atualmente.
	1283	1297	1308	1500	1509	1755	1821	1893	1980	
1167	Conquista da região aos Mouros por Gonçalo Mendes da Maia	D.Dinis Concede foral	Doação do castelo á ordem de Avis. Início das obras	Fez-se uma demarcação entre as vilas de Noudar e Moura	Foram executadas novamente obras no castelo	O castelo é reforçado com uma cortina de redentes que se prolongam em parte da muralha a Nordeste e um revelim no topo Oeste	Abolição dos Coutos de Hominiziados	Ainda havia habitantes em Noudar. Alastrava também ali uma epidemia de cólera mórbus.	Decretada a Classificação do Castelo de Noudar como Monumento Nacional	No ano de 1997 com a venda da Herdade da Coitadinha à EDIA - Empresa de Desenvolvimento e Infra-estruturas do Alqueva, S.A. - Noudar e o seu castelo ficam inseridos no Parque de Natureza de Noudar
1295		1303		1491	1510	1640	1790	1855	1910	1997

03 EVOLUÇÃO MORFOLÓGICA DE NOUDAR

As origens de Noudar diluem-se ao longo dos séculos. Sabe-se que o lugar foi romanizado, islamizado e cristianizado.(16) Noudar foi alvo de várias transformações ao longo da história, adaptando-se às exigências militares e de subsistência em cada período.

Para um melhor entendimento desta estrutura e podendo contribuir para colmatar a escassez de documentos, elaborou-se uma evolução morfológica da fortaleza ao longo dos séculos, que se encontra documentada neste capítulo.

Este documento é produzido com base na cartografia existente, (levantamento topográfico e arquitetónico de 2004, fornecido pela Câmara Municipal de Barrancos, desenhos de Duarte de Armas no Livro das Fortalezas e Planta do reduto de Miguel Luiz Jacob de 1755), em relatos da época e em documentos de análises arqueológicas.

Estas peças podem ser um importante instrumento de apoio para investigadores de diferentes áreas como Arqueologia, História ou Arquitetura.

(16) Cf. Lobo, F.S. (2001) Pp. 82



Fig. 30 Castelo de Noudar- Vista aérea, 2011

OCUPAÇÃO ISLÂMICA EM NOUDAR

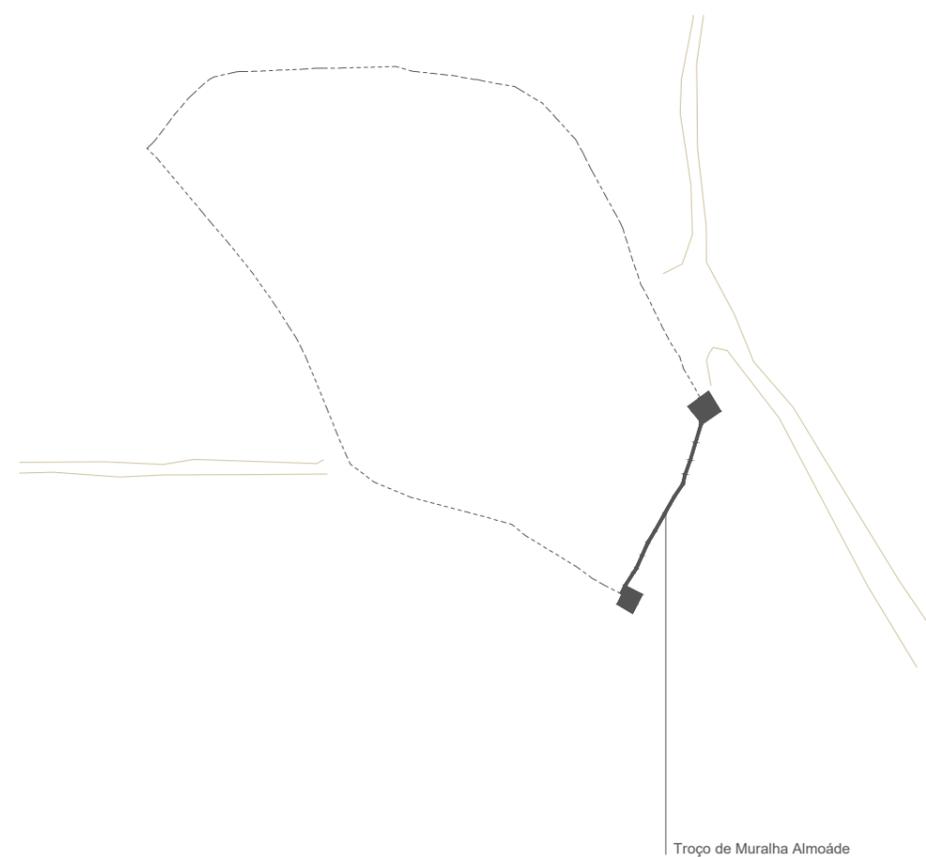
A ocupação islâmica em Noudar pode identificar-se no troço de muralha em taipa a sul do castelo. Este tipo de muralha era construído com terra argilosa, telha ou tijolo moído, e argamassa de cal. Estes materiais eram depositados dentro de uma estrutura de madeira e eram bastante calcados, construindo muros de boa qualidade. (17) Esta muralha poderia fazer parte de uma estrutura militar de controlo da passagem que ligava Beja e Moura ao Sul dos territórios de Badajoz e Mérida. Para além do troço de muralha sul, verifica-se que os dois torreões nos extremos da mesma têm o interior construído em taipa, podendo fazer parte da primitiva estrutura defensiva.

Apesar de estar confirmada a presença islâmica em Noudar, os dados que temos são insuficientes para permitir perceber com precisão a organização do antigo povoado.

(17) Cf. Calado, H.M.P. (2007) Pp.106



Fig. 31 Fotomontagem Castelo de Noudar - Destaque do Troço de Muralha Almoáde



Des. 12 Planta de Noudar Século XII/XIII



NOUDAR - 1308

Noudar é doado por Dinis, à Ordem de Avis, a 25 de Novembro de 1307, com a expressa determinação “que lavren esse castello de boom muro e façan um boon alcáçar forte”. (18)

No castelo existiram duas lápides da mesma época:

- Uma que refere que no início de abril de 1308, D. Lourenço Afonso, funda e povoa o castelo a pedido de D. Dinis, originalmente colocada na Torre de Menagem do Castelo, hoje desaparecida mas referida por Gustavo Matos Sequeira. (19)

- Uma outra do mesmo ano (data crítica atribuída por Mário Barroca), que assinala a construção da Torre de Menagem a cargo do comendador-mor da Ordem de Avis D. Aires Afonso.

No caso de Noudar estamos perante um Castelo Gótico, que utiliza os princípios de “defesa activa”, preparando o Castelo para um possível contra-ataque. (20)

As características do castelo gótico em Noudar identificam-se: através da proporção do adarve (caminho de ronda no alto das muralhas) que aumenta a largura e permite uma circulação mais fluida sem impedimentos; no número de torreões ao longo da muralha (12 torreões e 2 cubelos a SE na alcáçova); na proteção das portas, ficando cada uma protegida por dois torreões e na Torre de Menagem, pelo facto de não surgir como um elemento isolado, estando adoçada à muralha e permitindo que participasse na defesa do conjunto não como o último obstáculo mas como uma parte que favorece e auxilia o complexo.

A fortificação é composta pelo castelo e pela cerca que se implantam sobre um planalto no sentido NO/SE existindo 4 acessos à fortificação:

- A nascente, a Porta de Barrancos ou Porta da Vila. É a porta principal e melhor defendida. Para alcançar este ponto, é necessário ultrapassar uma série de condicionantes já impostas pelo local. Somos obrigados subir um caminho em ziguezague e contornar os afloramentos rochosos, ficando bastante expostos, aos dois torreões da entrada. Após ultrapassar a porta, encontramos-nos a uma cota inferior e enclausurados pelo afunilamento da muralha no local, deixando o atacante também bastante vulnerável a ataques vindos da alcáçova e Torre de Menagem que se encontram a cotas bastante superiores.

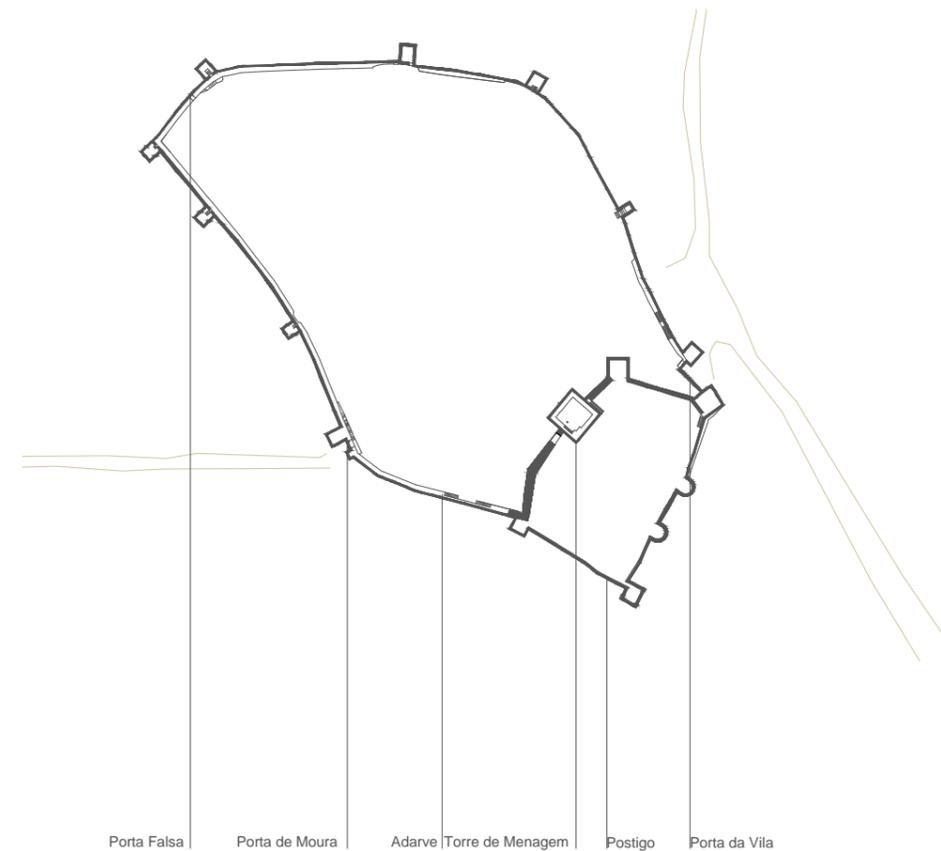
- A Oeste está a Porta de Moura, que abre em direção ao caminho que nos leva a Moura, também protegida por dois torreões.

- A Norte, a Porta Falsa que dá acesso à ribeira do Ardila e ao caminho de Valencia del Mombuey e Oliva de la Frontera.

- Também a Oeste, no pano de muralha da alcáçova, está a Porta Falsa da alcáçova que dá acesso à Ribeira do Múrtega.



Fig. 32 Fotomontagem Castelo de Noudar - Destaque da construção do ano de 1308.



(18) Cf. Fonseca, L.A. (2013), Pp. 103

(19) Cf. (<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=898> [consult. 14-01-2015]).

(20) Cf. Barroca, M.J. (2000a) Pp. 812

Des. 13 Planta de Noudar Século XIV



ESTRUTURA URBANA DA VILA - SÉCULO. XIV/XV

Noudar foi fundado e começado a povoar no ano de 1308, tendo a particularidade de ser o primeiro couto de homiziados do reino.

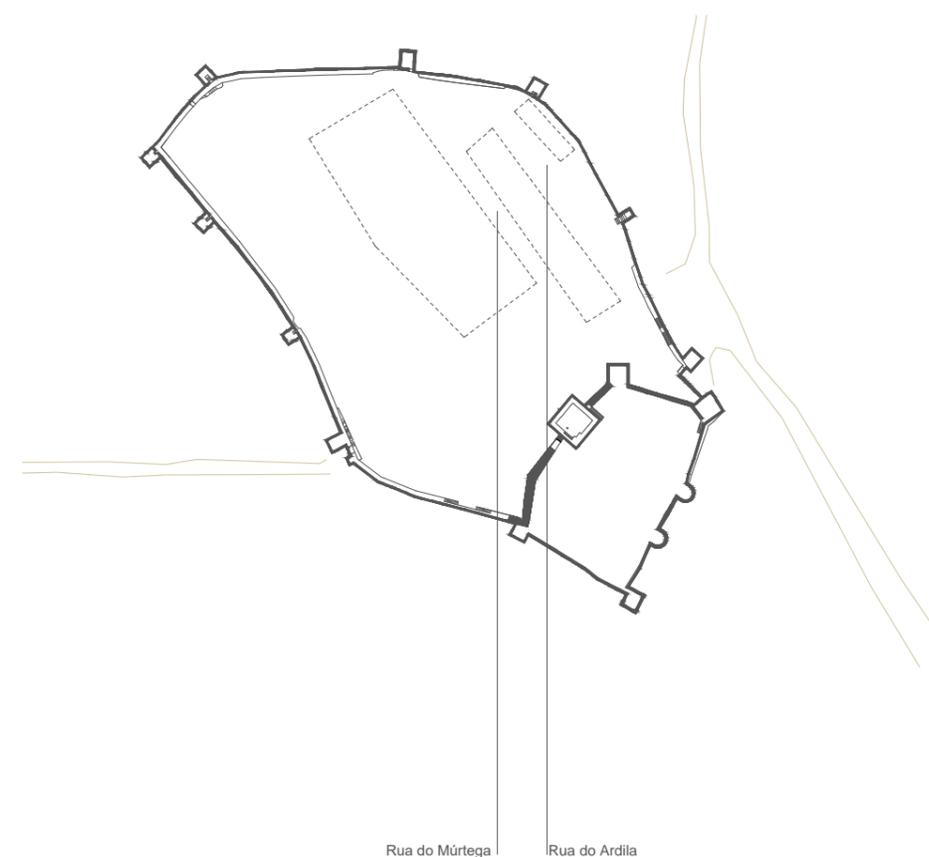
Podemos perspetivar que o conjunto habitacional tenha surgido ao longo do século XIV/XV. (21)

A malha urbana da vila é composta por 3 alinhamentos de casas e por 2 ruas, a rua do Ardila e a rua do Múrtega. O conjunto habitacional estende-se no sentido Sudeste/Noroeste paralelamente à muralha, a uma cota muito próxima da cota da alcáçova, ou seja, cota mais elevada, ficando assim o conjunto habitacional da vila numa posição dominante em relação a outros pontos, nomeadamente às entradas.

(21) Cf. Fonseca, L.A. (2013), Pp.109

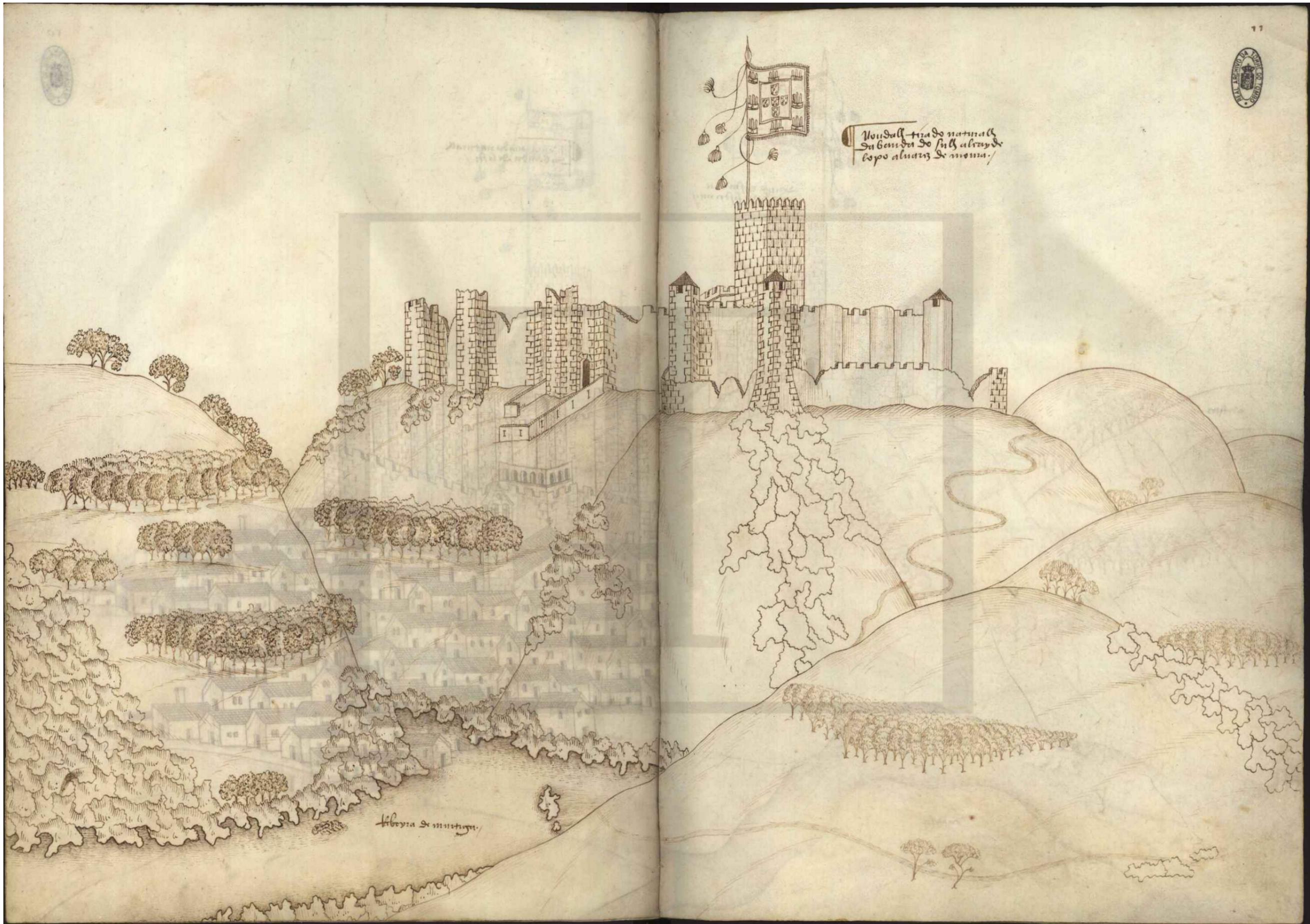


Fig. 33 Fotomontagem Castelo de Noudar - Destaque da estrutura urbana da vila.



Des. 14 Planta de Noudar Século XV





Vou dall tira do natural
Su bendra do sul almayde
Lopo aluaz de mona.

liberia de murcha.

Fig. 35 Desenho de Noudar do Livro das Fortalezas, Duarte D'Armas - Frente Sudoeste, 1509

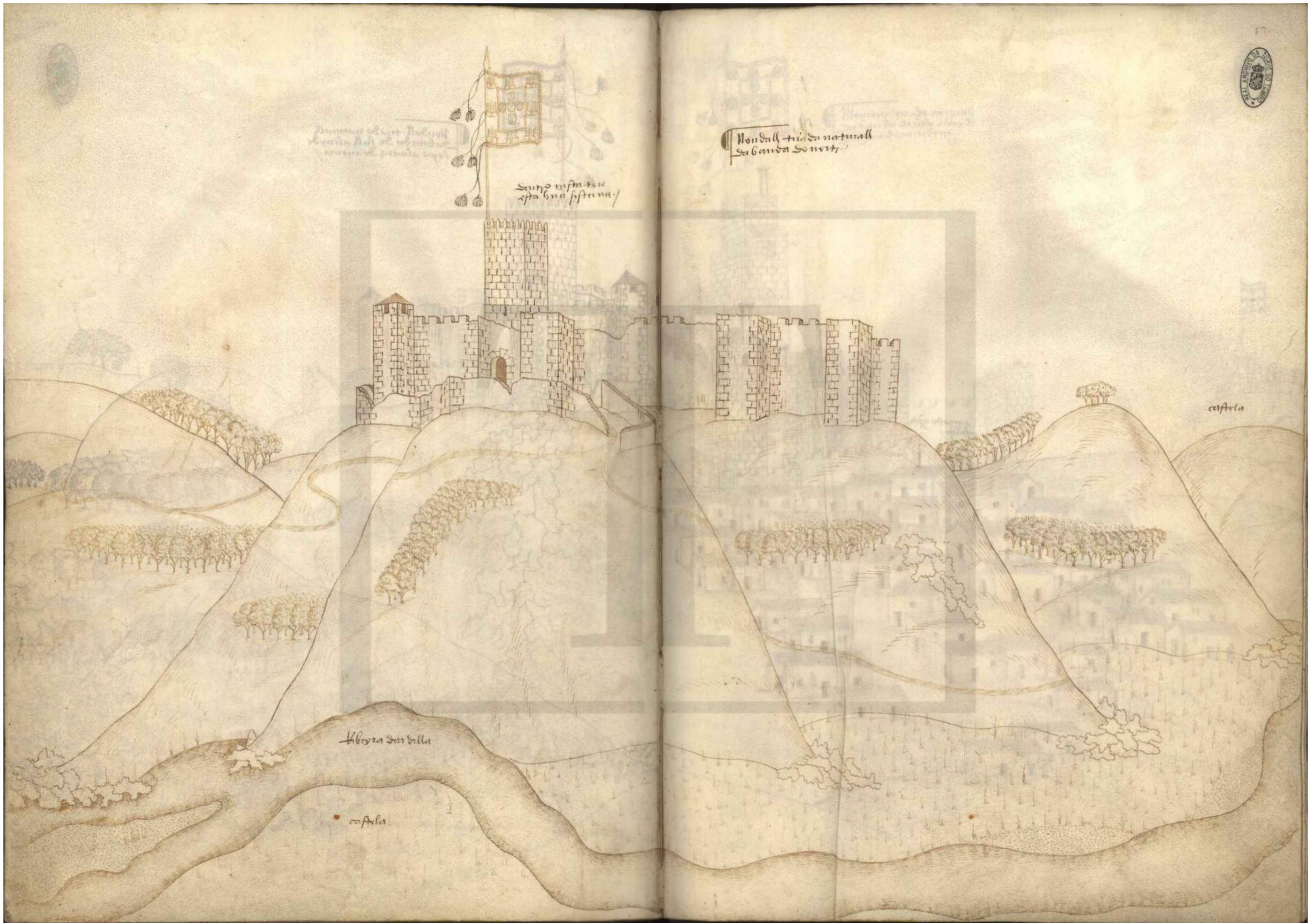


Fig. 36 Desenho de Noudar do Livro das Fortalezas, Duarte D'Armas - Frente Sudeste, 1509

NOUDAR - 1510

Com base nos desenhos de Duarte D'Armas, datados em 1509/1510, podemos realizar uma interpretação de como a fortaleza terá evoluído.

O interior da alcáçova aparece já como um núcleo bastante densificado e bem organizado, com duas cisternas no pátio e uma no interior da Torre de Menagem, aposentos térreos e outras dependências junto à muralha. Esta configuração permite-nos ter a noção de que o nível do terreno na alcáçova estaria a uma cota inferior àquela a que se encontra hoje. Os aposentos térreos, junto à muralha, terão sido soterrados e o terreno elevado até à cota do adarve, para responder a novas exigências militares. Esta solução fez com que o troço de muralha em taipa recebesse pressão acrescida, não só pelo peso do próprio terreno, mas também pela água que se acumula quando a precipitação é intensa e que dá origem a uma patologia histórica que subsiste até os dias de hoje.

O castelo foi reforçado com um conjunto de barbacãs. A barbacã extramuros na frente Sudoeste, estendendo-se desde o torreão mais a Sul até a Porta da Vila, com o objetivo de proteger a frente mais assediada e a entrada principal do recinto. A barbacã intramuros prolonga-se, desde a muralha Noroeste até à muralha Sudoeste reforçando a separação entre a alcáçova e a vila.

Na Porta de Moura, existe também um particular cuidado no controle da entrada, onde, para além dos dois Torreões que balizam a porta, existe uma estrutura composta por dois muros paralelos com "formação em cotovelo" (22). O muro a Sul tem seteiras incorporadas

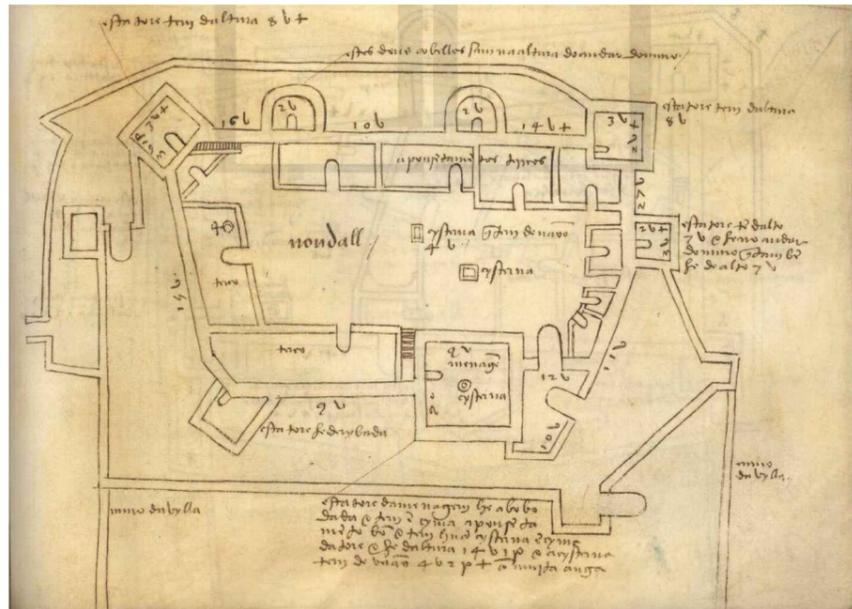
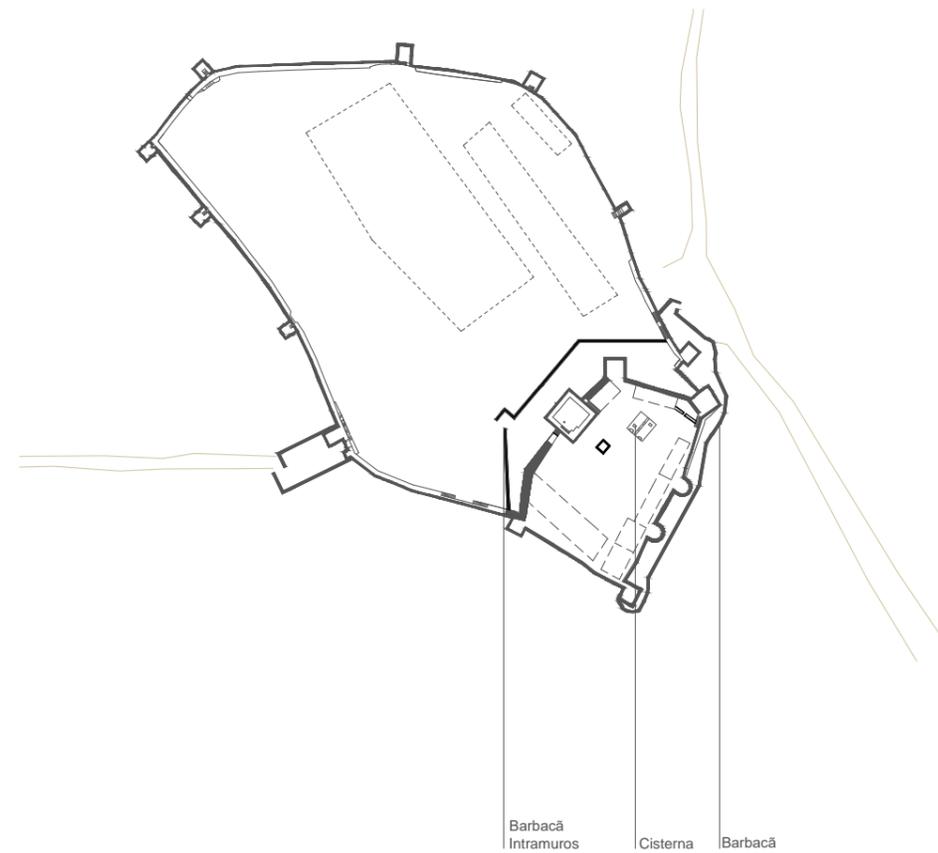


Fig. 34 Planta de Noudar do Livro das Fortalezas, Duarte D'Armas



Fig. 37 Fotomontagem Castelo de Noudar- Destaque da barbacã, aposentos térreos, poço e cisterna .



Des. 15 Planta de Noudar, 1510



(22) Cf. Calado, H.M.P. (2007) Pp.99

NOUDAR - 1541/1557

No século XVI começam a surgir os primeiros relatos que confirmam a presença do edifício da Igreja em Noudar, embora não exista nenhum registo que indique a data da sua fundação.

Em 1541 é realizado o auto da posse da igreja da fortaleza, o qual foi entregue a Luís Dantas por Afonso Soeiro, contador do Mestre de Avis.(23)

A 29 de Novembro de 1557 apresenta-se à paróquia o licenciado Bartolomeu Rodrigues, o mais antigo prior da igreja documentado.(24)

Nesta época a igreja era denominada Nossa Senhora Entre Ambas as Águas, evocando as ribeiras do Múrtega e do Ardila. Posteriormente, seria intitulada de Nossa Senhora do Desterro.

O edifício corresponde a uma arquitetura religiosa quinhentista, com abóbada de berço, uma única nave, altar e torre sineira acessível por escada exterior. A oeste da igreja existia um cemitério cristão.

A igreja implanta-se entre a torre de menagem e os edifícios habitacionais, entre a porta de Barrancos e a Porta de Moura, adquirindo assim uma certa centralidade no conjunto.

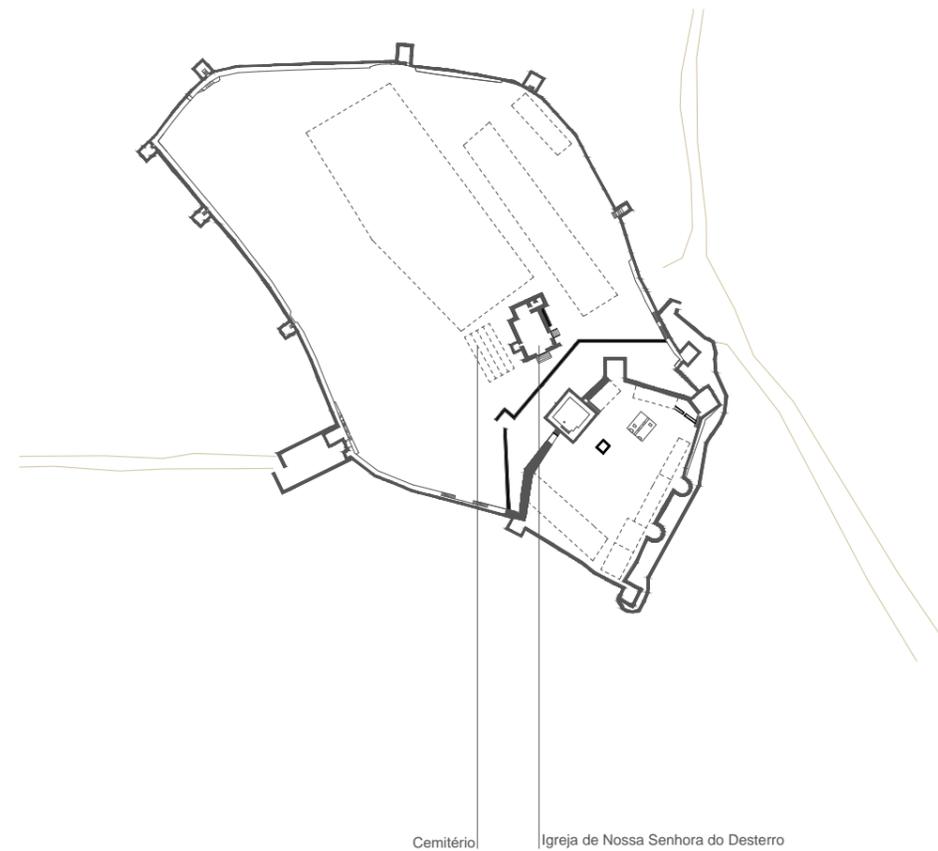


Fig. 38 Igreja de Nossa Senhora do Desterro, 1979

Fig. 39 Igreja de Nossa Senhora do Desterro, 2014



Fig. 40 Fotomontagem Castelo de Noudar- Destaque da Igreja de Nossa Senhora do Desterro



(23) Cf. (<<http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=4635246>>|consult. 14-01-2015|)

(24) Cf. (<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=898> |consult. 14-01-2015|)

Des. 16 Planta de Noudar, 1557



NOUDAR - 1640

Em 1640 a fortificação foi reforçada com algumas estruturas abaluartadas, próprias da época.(25) A preocupação em defender as entradas que estavam em contacto com os eixos viários vindos de Castela, materializam-se no reforço da frente Sudoeste e da porta da vila, com uma cortina de redentes, e o topo Oeste, com um revelim que auxiliava a Porta Falsa de acesso ao Ardila. A porta de Moura não foi reforçada uma vez que era ela que estabelecia a ligação à rede fortificada portuguesa. Era conveniente que esta frente ficasse mais desimpedida para facilitar o acesso de tropas portuguesas e a fuga aos ataques castelhanos.



Fig. 41 Troço da cortina de redentes, 2014



Fig. 42 Torreão NO e Revelim, 2015

(25) Cf. Coelho, A.M. (1986) Pp.69



Fig. 43 Fotomontagem Castelo de Noudar- Destaque da cortina de redentes



Des. 17 Planta de Noudar, 1640



Planta da Praça de Noudar

A Castelejo B Torre da Omenage q' serve de Ar-
 mazen de pólvora, sobre q' esta a Cisterna da Praça
 C Quartel dos Soldados e Off. do Destacam. arrui-
 nado D Porta da Praça E Armazens m.^{os} demo-
 lido F Reducto projectado conforme as Ordens
 no padrao onde o inimigo na guerra passada elegeu
 contra a Praça as suas Baterias.
 Miguel Luiz Jacob Naveitageral de 1755.

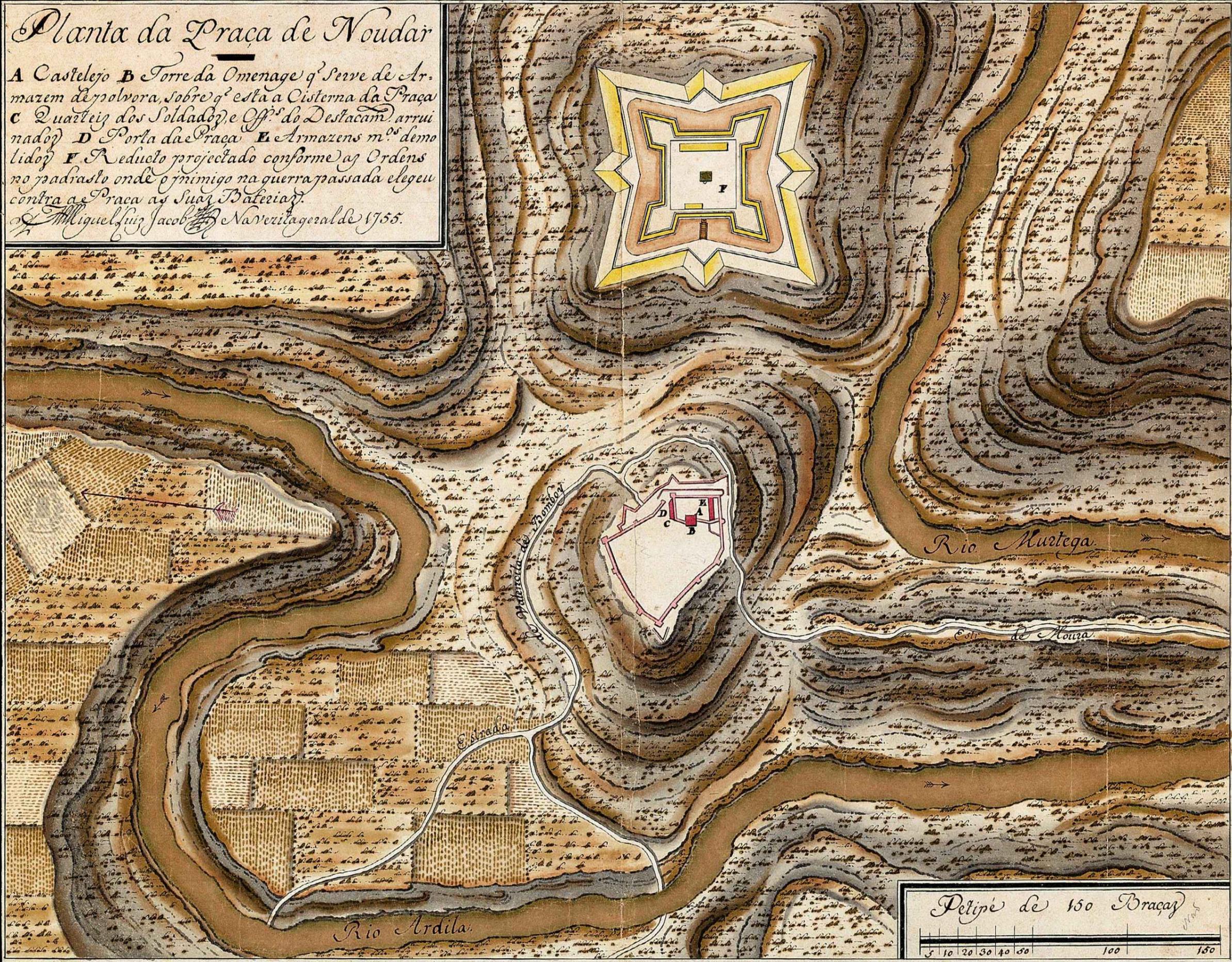


Fig. 44 Planta da Praça de Noudar, Miguel Luiz Jacob, 1755

NOUDAR - 1755

No ano de 1755 foi projetado, para reforço de Noudar, um reduto no morro de S. Gens.

“... ao reduto projetado para melhor defesa da Praça no padroasto onde o inimigo na guerra passada elegeu contra a praça as suas baterias”.

“Reduto para substituir a praça depois da guerra da Sucessão nos tempos de D. João V”.

Este projeto dá-nos uma ideia de como a fortificação tenderia a evoluir. O testemunho foi-nos deixado no bellissimo desenho de Miguel Luiz Jacob de 1755. O projeto apresenta a forma aproximada de um quadrado. Constituída por cortinas de muralha formando oito ângulos salientes, quatro nos cantos, com faces de baluartes e quatro a meio das cortinas permitindo o flanqueamento das fachadas. Com um desenho que revela uma evolução na noção de flanqueamento, corresponde a uma tentativa de adequar a fortificação à topografia. Os parapeitos seriam preparados para tiro de mosquete. A artilharia trabalharia a barbete. (26) Este projeto não viria a concretizar-se.

Atualmente, o morro de S. Gens está pontuado apenas com a presença da ruína de um antigo moinho de vento, que muitos consideram ser de uma ermida.

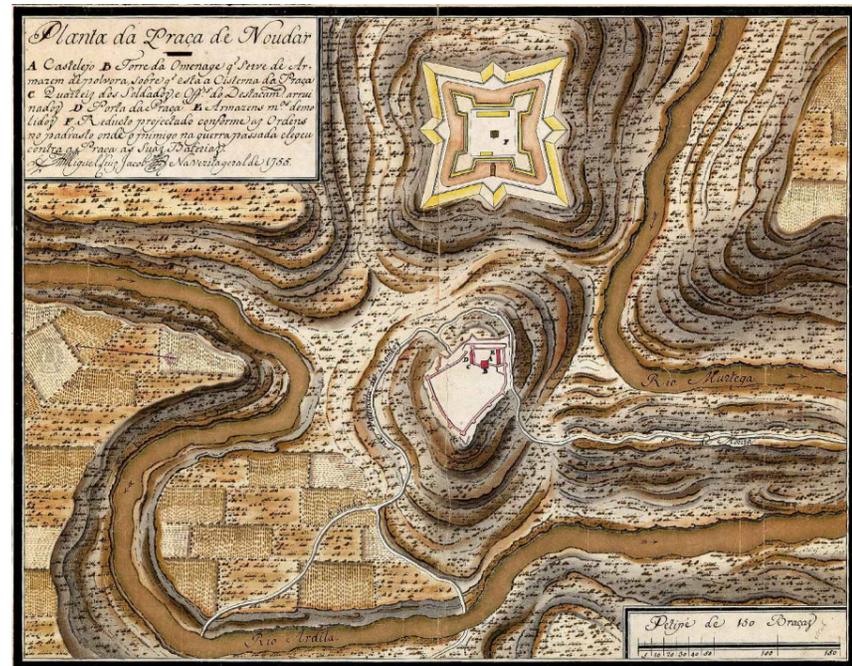
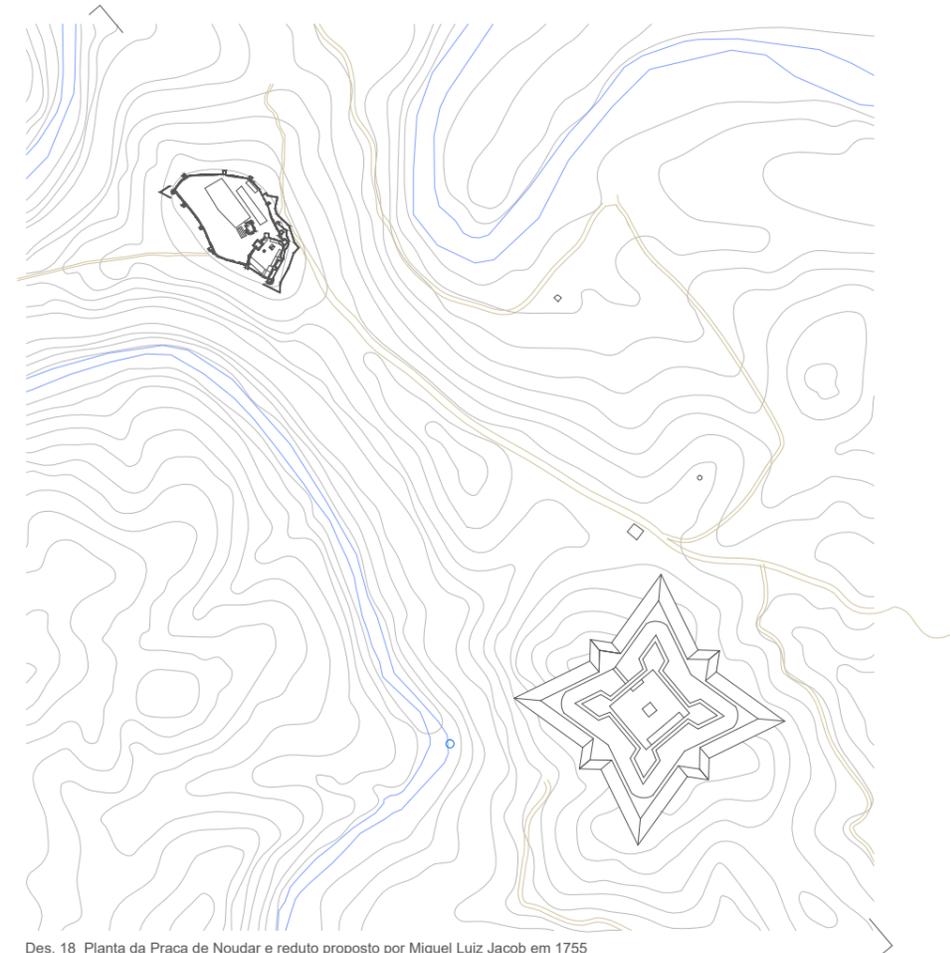


Fig. 44 Planta da Praça de Noudar, Miguel Luiz Jacob, 1755

(26) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp. 82



Fig. 45 Morro de S.Gens e Castelo de Noudar



Des. 18 Planta da Praça de Noudar e reduto proposto por Miguel Luiz Jacob em 1755



Des. 19 Corte do Castelo de Noudar e Morro de S.Gens



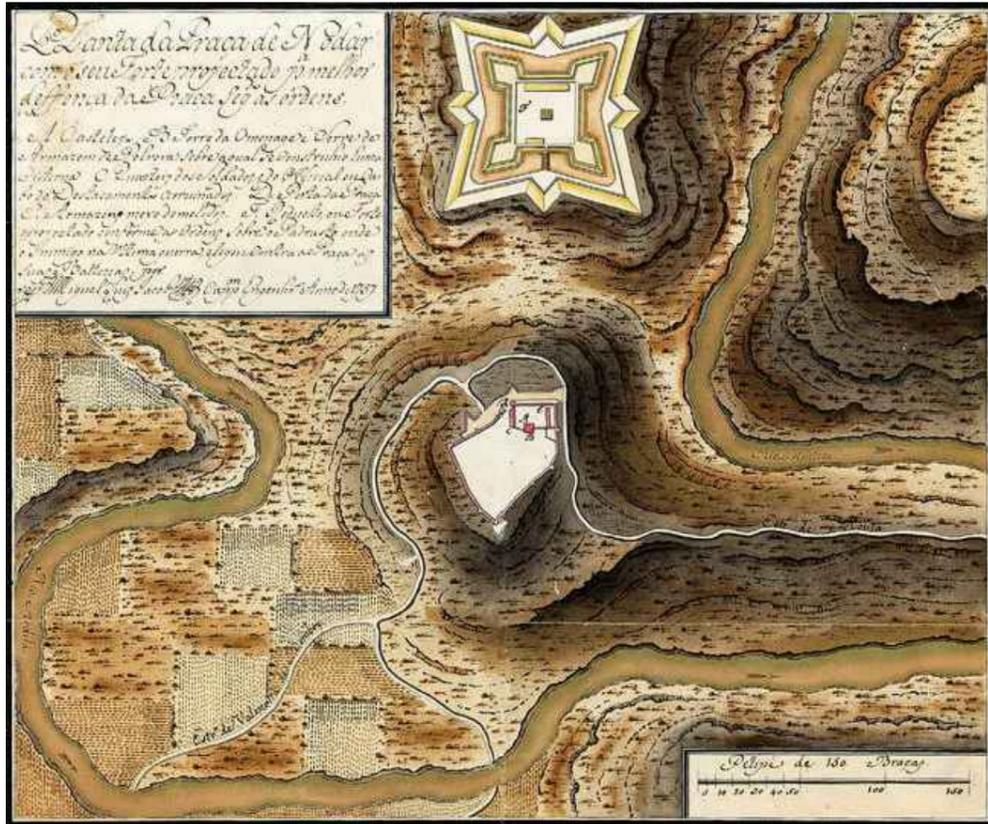


Fig. 46 Planta da Praça de Noudar, Miguel Luiz Jacob, coleção de plantas de praças do Alentejo, 1757

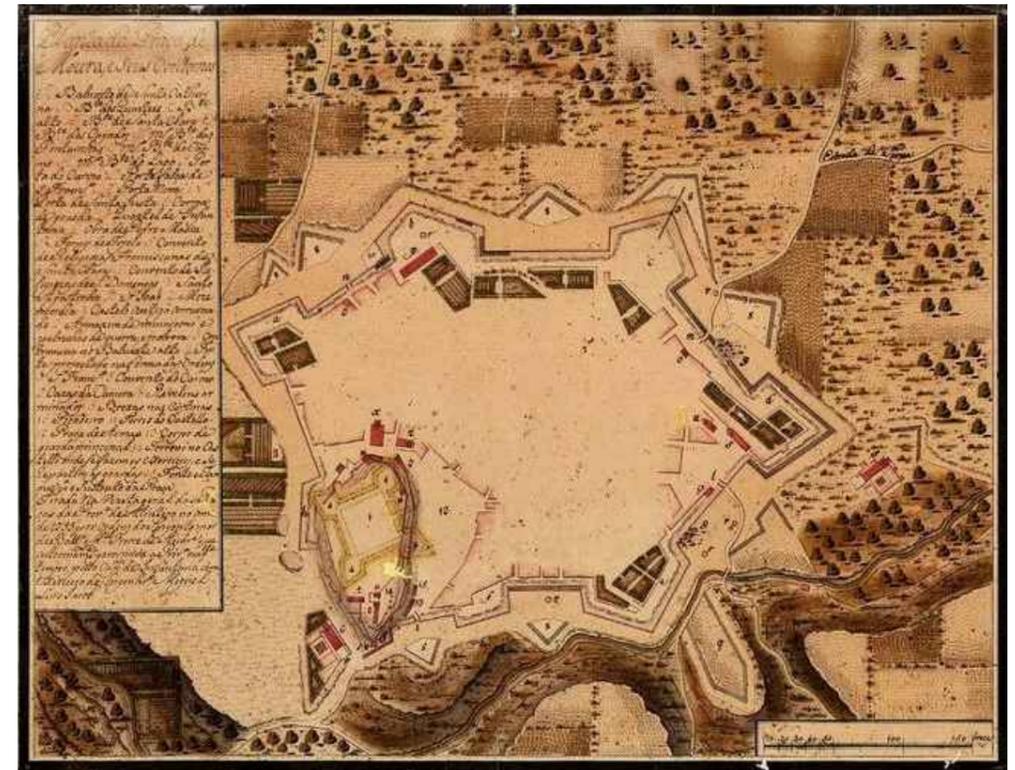


Fig. 47 Planta da Praça de Moura, Miguel Luiz Jacob, coleção de plantas de praças do Alentejo, 1755

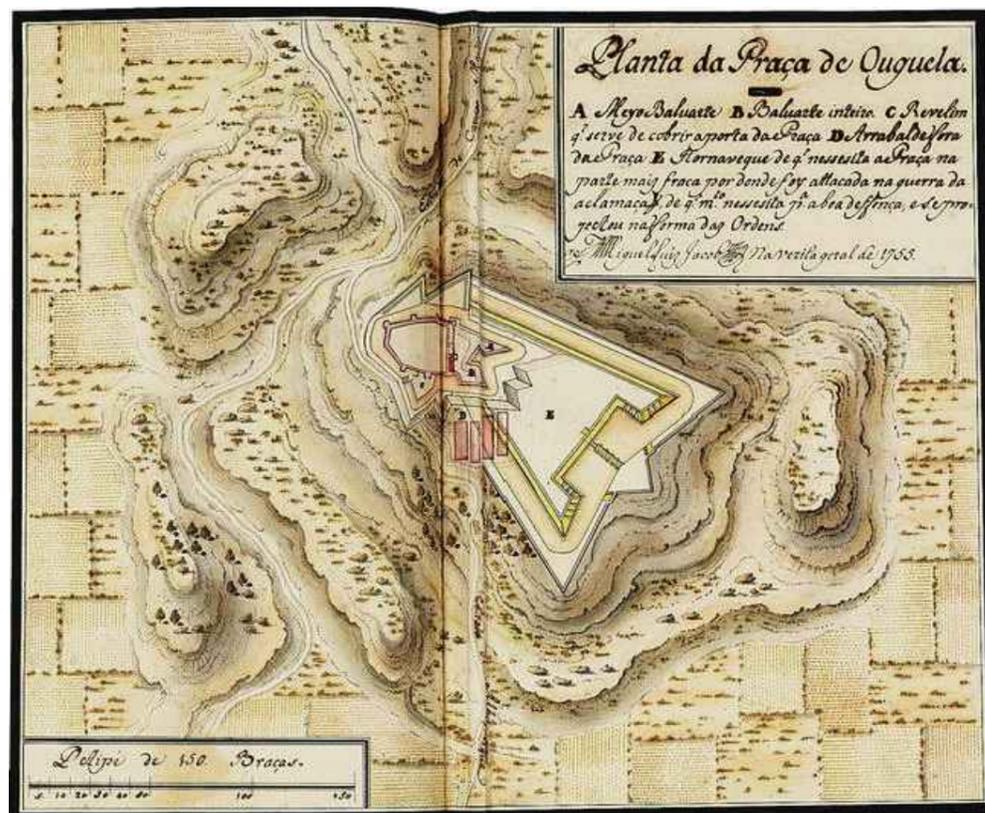


Fig. 48 Planta da Praça de Ouguela, Miguel Luiz Jacob, coleção de plantas de praças do Alentejo, 1755

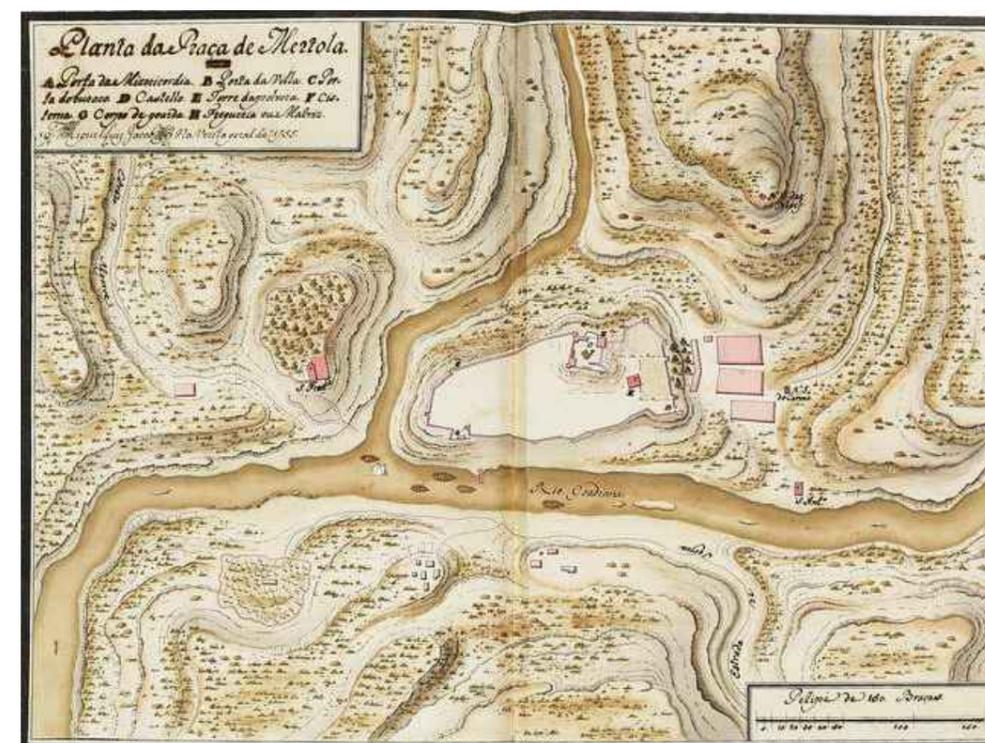


Fig. 49 Planta da Praça de Mértola, Miguel Luiz Jacob, coleção de plantas de praças do Alentejo, 1755

PRAÇAS RAIANAS NO SÉCULO XVII E XVIII

A planta de Miguel Luiz Jacobo da praça de Noudar (Fig. 47 e 48) merece especial atenção uma vez que é o único documento gráfico que nos dá ideia de como a fortificação poderia evoluir em época moderna.

Este desenho pertence a uma coleção setecentista intitulada “coleção de plantas de praças do Alentejo” que consiste num levantamento minucioso não só das praças fortificadas mas também da envolvente que aparece representada com bastante detalhe. O objetivo passava não só por documentar o estado das praças fortificadas mas também para trabalho projetual.

Para conseguir investigar de maneira rigorosa e científica a evolução moderna de Noudar, realizou-se uma análise comparativa de desenhos da coleção de plantas de praças do Alentejo de Miguel Luiz Jacobo e plantas da mesma época que apresentam técnicas e códigos de representação semelhantes.

Na vizinha praça de Moura (Fig.49) também foi projetado, por Miguel Luiz Jacobo, um novo reduto que substituiu o anterior castelo medieval. No conjunto abaluartado, destaca-se o baluarte quadrado em amarelo que se implanta no local do atual castelo de Moura, alguns dos projetos tinham uma estratégia que anulava as estruturas pré-existentes. Tal como em Noudar, o projeto nunca chegou a ser concretizado.

Na planta da praça de Ouguela (Fig. 50), ao conjunto existente é adoçado um Hornaveque (dois meios baluartes unidos por uma cortina). A proporção deste novo reduto é, como no caso de Noudar, superior à estrutura atual - eram sem dúvida operações muito impositivas que transformavam bastante, não só os sistemas defensivos existentes mas também o território em questão. No caso da Praça de Ouguela, o recinto medieval aparece como elemento central e ultimo reduto protegido por elementos modernos que se adaptaram à pré-existência. Tal como nos casos anteriores o projeto também não viria a ser concretizado.

Na planta da praça de Mértola (Fig. 51) não foi realizado nenhum projeto de reforço, mas tal como nas plantas anteriores, dispensava o levantamento do traçado urbano e favorecia o desenho detalhado da envolvente, com representação de caminhos, vegetação e relevo. A representação militar desta época já implicaria “um levantamento da envolvente do perímetro fortificado da praça até à distância de dois tiros de artilharia, por óbvios motivos estratégicos. (...) Codificações cartográficas definidas pelas obras de Manuel de Azevedo Fortes”.(27)

Na planta de Elvas (Fig. 52) projeta-se uma ligação desde o complexo abaluartado da cidade até ao forte de Santa Luzia, conseguindo uma maior unidade no conjunto. Pelo maior afastamento, o Forte de Nossa Senhora da Graça continua deslocado do núcleo principal, apresentando um desenho muito semelhante ao reduto projetado por Miguel Luiz Jacobo para Noudar. Já no caso de Goyán e de Vila Nova de Cerveira (Fig. 53) existe uma unidade entre todos os complexos fortificados. Estes projetos também não viriam a ser construídos mas deixaram-nos um importante testemunho de como se pensavam as fortificações e o território na época em questão.

(27) Cf. Conceição, M.T. (2011) Pp.7

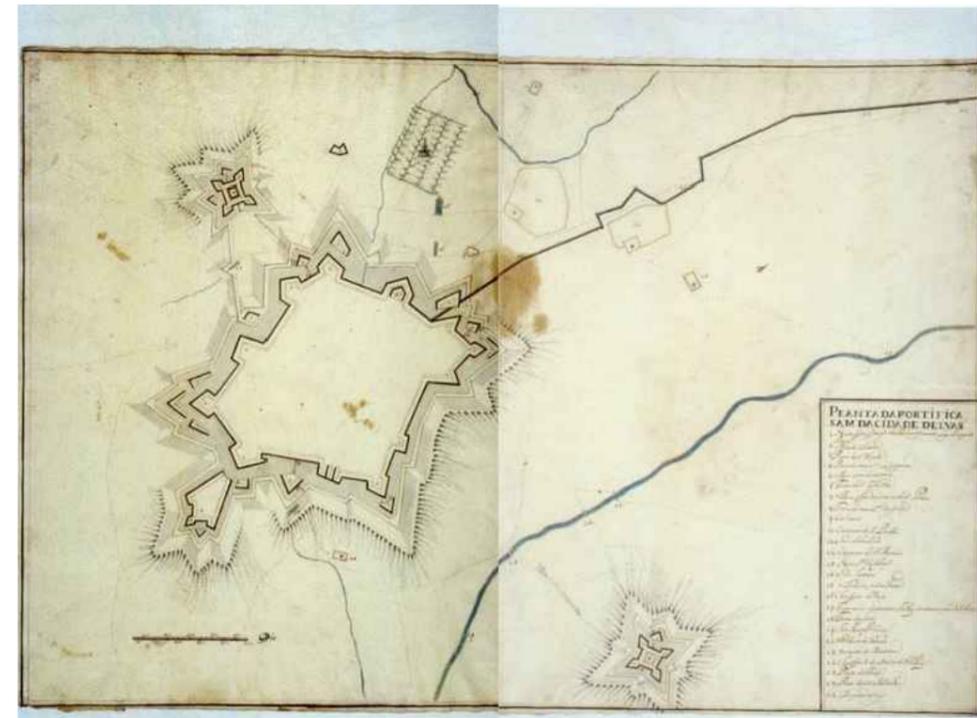


Fig. 50 Planta da Fortificasam da Cidade d'Elvas, Século XVIII. Plan Director de las Fortificaciones de Badajoz

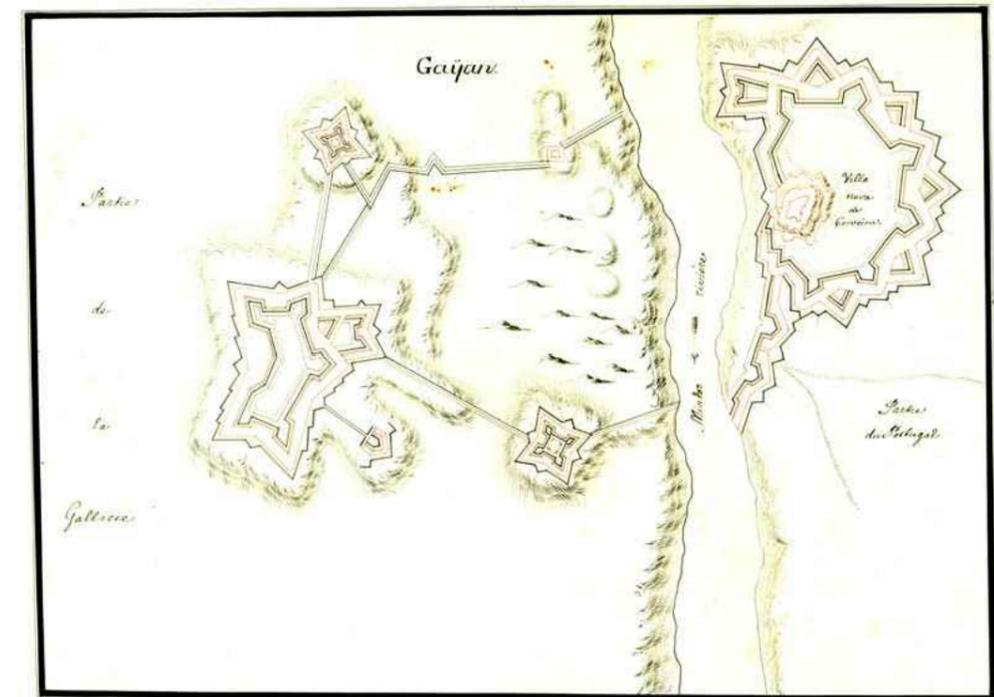


Fig. 51 Goyán e Vila Nova de Cerveira, até1640. Plan Director de las Fortificaciones de Badajoz

NOUDAR - Séculos XIX a XXI

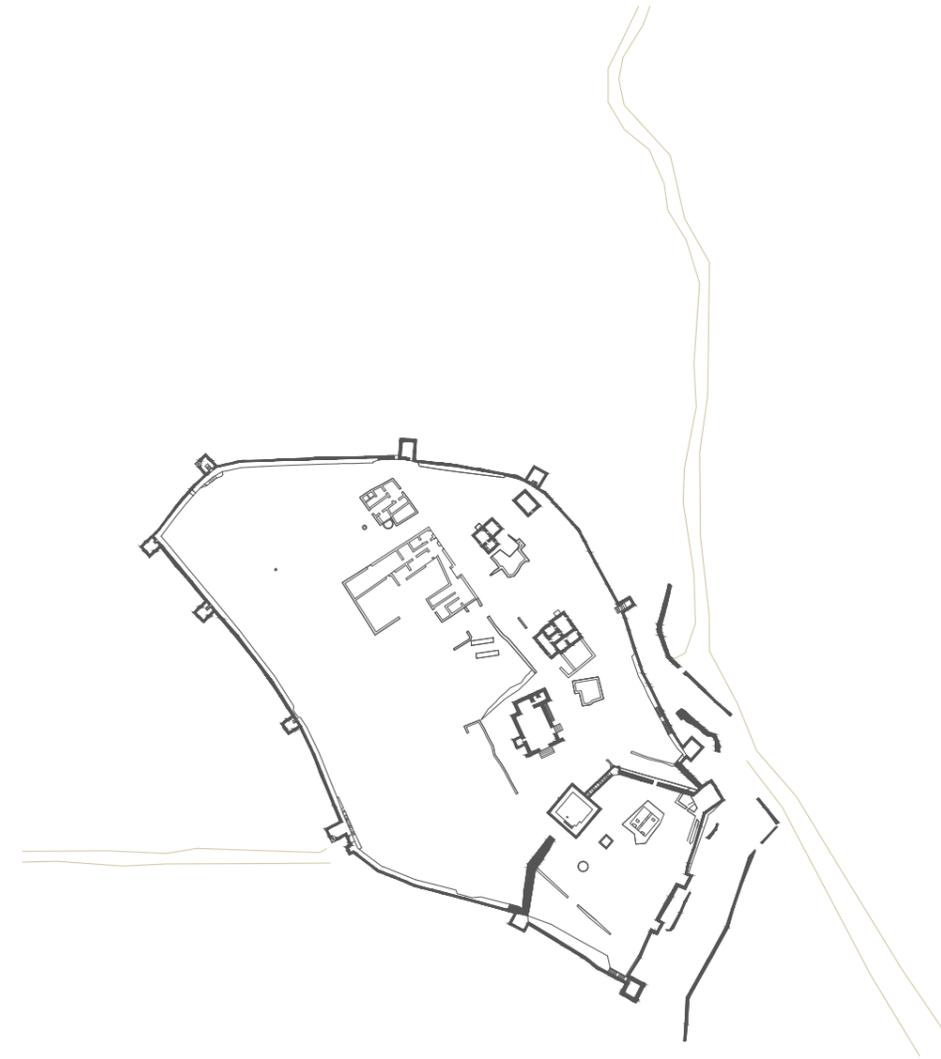
No século XIX a vila sofre um progressivo despovoamento que implicou que a sede municipal passasse para Barrancos. Em 1879 inicia-se o processo de venda do castelo em hasta pública, o que se concretiza em 1893. (*)

No ano de 1910 o Castelo de Noudar é classificado como Monumento Nacional. Em 1981 teve início um programa de intervenção integrada, a cargo do Campo arqueológico de Mértola, sob a direção de arqueólogo Cláudio Torres. Procedeu-se a trabalhos de limpeza do local, consolidação de muralhas, recuperação da cobertura da Igreja de Nossa Senhora do Desterro e à recuperação de alguns edifícios habitacionais. Em 1997 é assinado o contrato de promessa de compra e venda do Castelo à Câmara Municipal de Barrancos e da venda à EDIA da Herdade da Coitadinha onde o castelo está inserido.

No ano de 2000 teve lugar um estaleiro-escola de formação em Restauro e Conservação, com equipas de jovens oriundos de França, Itália e Espanha. Este evento foi organizado pela Câmara Municipal e pelo Centro de Formação Profissional da Indústria da Construção Civil e Obras Públicas do Sul, com o apoio da DGEMN e financiado pelo Fundo Social Europeu através do programa Leonardo da Vinci.

Atualmente, o Castelo de Noudar encontra-se num novo e interessante contexto que é o Parque da Natureza de Noudar. No entanto já passou por períodos de encerramento, por questões de segurança, e continua a avançar o seu estado de degradação.

(*) Requerimento de um particular ao rei



Des. 20 Planta de Noudar, 2015





Des. 21 Planta síntese da evolução morfológica

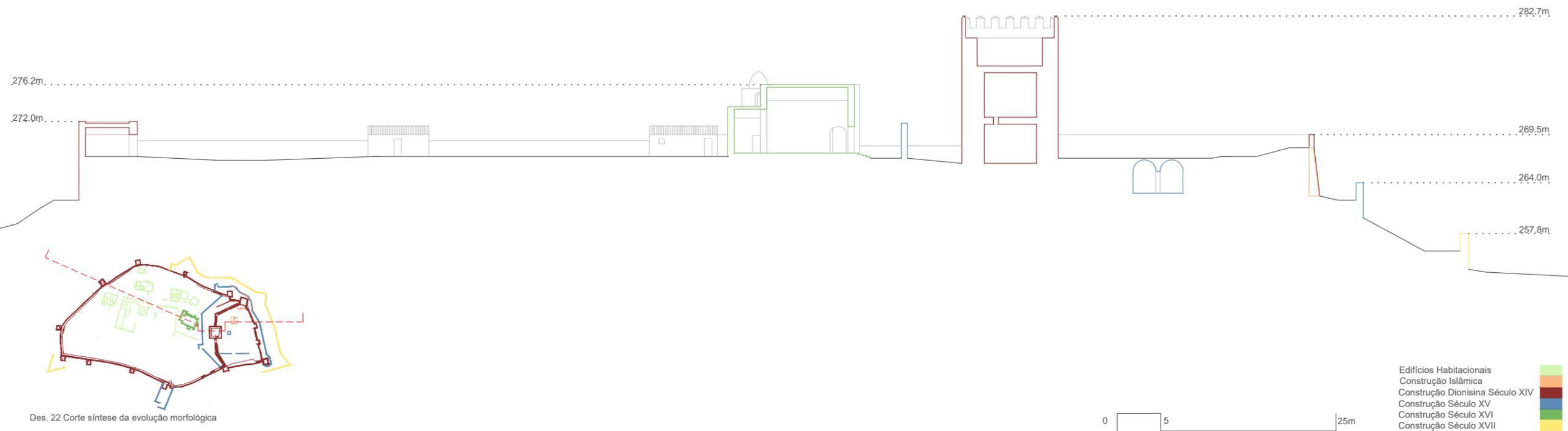


- Edifícios Habitacionais
- Construção Islâmica
- Construção Dionisina Século XIV
- Construção Século XV
- Construção Século XVI
- Construção Século XVII





Fig. 52 Fotomontagem síntese da evolução morfológica.



Des. 22 Corte síntese da evolução morfológica

04 PARQUE DA NATUREZA DE NOUDAR

O Castelo de Noudar está hoje inserido no contexto do Parque da Natureza de Noudar, localizado a 8 km de Barrancos, na Herdade da Coitadinha, propriedade adquirida pela EDIA no ano de 1997. O Parque da Natureza de Noudar é um projeto que tem como principal objetivo a conservação da biodiversidade, combinando o ecoturismo, a educação ambiental e a exploração agro-florestal. Pelos seus valores naturais e de biodiversidade, o parque está incluído na Rede Natura 2000.

O Parque da Natureza de Noudar reúne várias dimensões significativas: a dimensão cultural, associada essencialmente ao castelo; a dimensão ecológica onde se inclui a exploração agro-florestal e pecuária; a dimensão turística, destinada ao turismo da natureza sedado no monte da coitadinha. Esta combinação de fatores faz com que este território venha a ganhar novas vivências.



Fig. 53 Monte da Coitadinha e Castelo de Noudar, 2012



Fig. 54 Parque da natureza de Noudar

AVIFAUNA NOUDAR

Em termos de avifauna este é um dos melhores locais para observação de rapinas como Grifo (*Gyps fulvus*), o Abutre-preto (*Aegypius monachus*), o Milhafre (*Milvus milvus*) e a Águia-Real (*Aquila chrysaetos*); podem-se ainda observar exemplares da Cegonha-preta (*Ciconia nigra*), o melro-azul (*Monticola solitarius*), a Cotovia-montesina (*Galerida theklae*), o Chasco-ruivo (*Oenanthe hispanica*) e o Pardal-francês (*Petronia petronia*). (28)

Grifo (*Gyps fulvus*)

A distribuição do Grifo ao longo do território português é fortemente assimétrica. O grifo distribui-se sobretudo pela metade interior do território nacional, sendo mais comum junto à fronteira. O Grifo está presente no nosso país ao longo de todo o ano, mas efectua movimentos amplos fora da época de reprodução, surgindo então noutras zonas do território.(29)



Fig. 55 Grifo

Abutre-preto (*Aegypius monachus*)

Este grande abutre é relativamente raro em Portugal, mas pode ser considerado de ocorrência regular ao longo da fronteira, especialmente na Beira e no Alentejo. Muitas vezes trata-se de indivíduos oriundos de Espanha, que vêm alimentar-se em território português. Embora não seja habitual ver mais que um ou dois indivíduos juntos, o abutre-preto associa-se frequentemente a bandos de grifos. (30)



Fig. 56 Abutre preto

Águia-Real (*Aquila chrysaetos*)

Como espécie ameaçada que é, a águia-real é rara e de distribuição muito localizada, quase exclusivamente restringida ao interior do território, encontrando-se sobretudo nos vales encaixados e pouco acessíveis. Ocorre durante todo o ano, sendo mais fácil a sua observação no início da Primavera, quando efectua as paradas nupciais. (31)



Fig. 57 Águia Real

Cegonha-Preta (*chrysaetos*)

Espécie rara, estando ameaçada devido, sobretudo, a perda de habitat. Pode ser observada em bandos pouco numerosos, durante as concentrações de final de Verão. Este último, quase exclusivamente na metade sul do território. Assim sendo é uma espécie que ocorre em maior número a partir de finais de Fevereiro até Setembro, em seguida diminuindo muito de abundância.

Durante o Inverno, é bastante rara, havendo algumas observações dispersas pelo Alentejo proximidade de açudes ou albufeira.

(32)



Fig. 58 Cegonha Preta

(28) Cf.(< <http://www.avesdeportugal.info/sitbarrancos.html>>|consult. 24-02-2015|)

(29) Cf.(< <http://www.avesdeportugal.info/gypful.html>>|consult. 24-02-2015|)

(30) Cf.(< <http://www.avesdeportugal.info/aegmon.html>>|consult. 24-02-2015|)

(31) Cf.(< <http://www.avesdeportugal.info/aquchr.html>>|consult. 24-02-2015|)

(32) Cf.(< <http://www.avesdeportugal.info/cicnig.html>>|consult. 24-02-2015|)

O melro-azul (*Monticola solitarius*)

Pode ser observado no nosso país durante todo o ano. É geralmente uma ave solitária.

Distribui-se de norte a sul do país mas a sua distribuição é bastante fragmentada e a espécie não pode ser considerada comum em nenhuma zona do território. No entanto, apresenta um grande sedentarismo e permanece durante todo o ano junto aos seus locais de reprodução, o que faz com que seja fácil de observar em certos locais. (33)



Fig. 59 Melro Azul

Cotovia-montesina (*Galerida theklae*)

A cotovia-montesina é bastante comum, mas a sua abundância passa por vezes despercebida devido às dificuldades de identificação; é particularmente comum na metade interior do território, onde o habitat lhe é mais favorável e por vezes podem ser vistos pequenos bandos desta espécie. Esta cotovia é residente e observa-se em Portugal durante todo o ano. (34)



Fig. 60 Cotovia Montesina

Chasco-ruivo (*Oenanthe hispanica*)

Embora não sendo geralmente muito numeroso, o chasco-ruivo pode ser localmente comum, sobretudo nas zonas mais áridas do interior. Frequenta terrenos incultos com algumas pedras e também eucaliptais jovens. É um migrador estival, que pode ser observado em Portugal de Março a Setembro. (35)



Fig. 61 Chasco ruivo

Pardal-francês (*Petronia petronia*)

De uma forma geral, o pardal-francês é uma espécie pouco comum. No entanto, localmente pode ser bastante comum. Ocorre sobretudo em aldeias (na metade norte do país) e em zonas florestais com árvores velhas, nomeadamente sobreiros e castanheiros, nidificando em cavidades. É uma espécie residente que pode ser observada durante todo o ano, mas é consideravelmente mais fácil de encontrar durante a Primavera, época em que os seus chamamentos mais se fazem ouvir. (36)



Fig. 62 Pardal Francês

(33) Cf.(< <http://www.avesdeportugal.info/monsol.html>>|consult. 24-02-2015|)

(34) Cf.(< <http://www.avesdeportugal.info/galthe.html>>|consult. 24-02-2015|)

(35) Cf.(< <http://www.avesdeportugal.info/oehis.html>>|consult. 24-02-2015|)

(36) Cf.(< <http://www.avesdeportugal.info/petpet.html>>|consult. 24-02-2015|)

DARK SKY NOUDAR

O Parque da Natureza de Noudar encontra-se também inserido na Reserva Dark Sky que é reconhecida como a primeira reversa do mundo a obter o certificado do Starlight Tourism Destination, atribuído pela UNESCO e pela Organização mundial de turismo. Devido á baixa poluição luminosa este lugar apresenta condições ideais para a observação astronómica, tendo uma média de 286 noites limpas, sem a presença de nuvens.(37) Este lugar permite através da observação das estrelas, descobrir os valores científicos, culturais, naturais e paisagísticos que lhes estão associados.



Fig. 63 Foto NASA, Portugal Noturno, 2012

(37) Cf. (<<http://www.alquevadarksky.com/>>|consult. 24-02-2015))



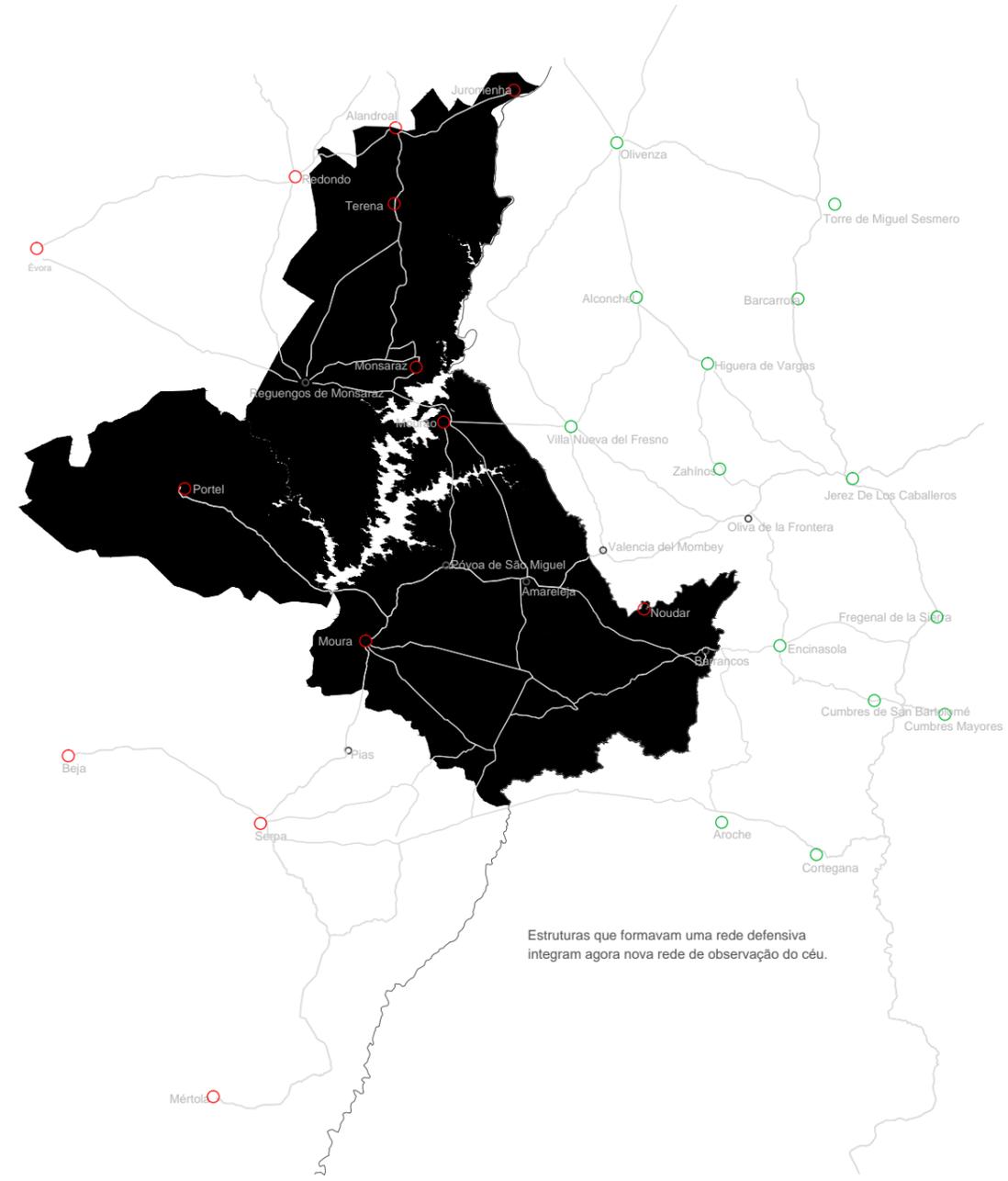
Fig. 64 Dark Sky Noudar, Miguel Claro



Fig. 65 Dark Sky Monsaraz, Miguel Claro



Fig. 66 Dark Sky Juromenha, Miguel Claro



0 8 40Km



Fig. 67 Dark Sky Noudar - Castelo



Fig. 68 Dark Sky Noudar - Choça

05 PROPOSTA DE VALORIZAÇÃO DE NOUDAR: MUSEU DE ARQUEOLOGIA DO CASTELO DE NOUDAR E OBSERVATÓRIO DO PARQUE DA NATUREZA DE NOUDAR

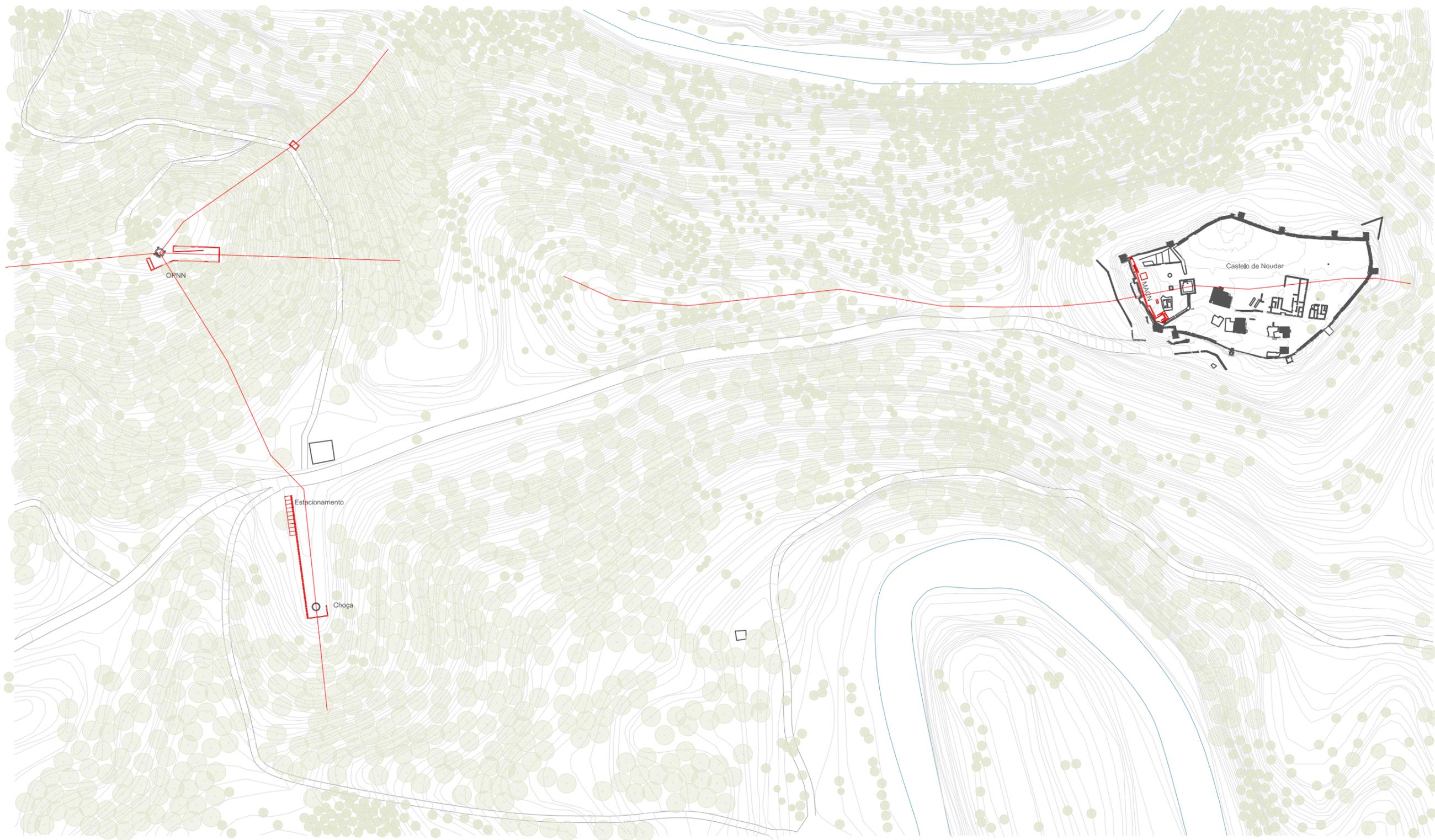
Da investigação ao projeto...

A presente investigação leva-nos a reconhecer potencialidades e problemas neste território. Potencialidades relacionadas com a observação do céu noturno e *birdwatching* e problemas relacionados com a degradação e abandono do castelo Noudar.

A realização da evolução morfológica de Noudar foi fundamental para entender a configuração da fortaleza ao longo dos séculos. Os desenhos de Duarte de Armas, de 1509/1510, foram determinantes para ficar como uma ideia clara de como a fortaleza se organizou no século XVI e cruciais para descodificar patologias que subsistem até os dias de hoje.

Destacamos a importância do morro de S. Gens, registado nas plantas de Miguel Luiz Jacob de 1755, que se apresenta como um lugar de domínio territorial e que nos oferece uma vista privilegiada sobre a fortaleza.

O morro de S. Gens e a frente sul do castelo foram os locais selecionados para conceber uma estratégia de projeto. O Observatório do Parque da Natureza de Noudar no morro de S. Gens, que tira partido de um lugar privilegiado para a observação da paisagem, e Museu de Arqueologia no Castelo de Noudar, que corrige uma patologia histórica na frente sul da alcáçova.



Des. 24 Planta de implantação do Museu e Observatório



A proposta desenvolvida sublinha dois extremos, (o extremo Norte do Morro de S.Gens e extremo Sul do Castelo) que comunicam visualmente, estabelecendo um diálogo entre as novas infraestruturas.

Des. 25 Corte do Museu e Observatório



ESQUEMA DA EVOLUÇÃO MORFOLÓGICA DA MURALHA



MURALHA ALMÓADA SÉCULO XII-XIII

Como foi referido na evolução morfológica a muralha almóada do troço sul do castelo de Noudar foi originalmente em taipa militar (constituída por terra argilosa, telha ou tijolo moído e argamassa de cal aérea). Esta estrutura dotada de adarve, implantava-se no ingreme cabeço sem que existe-se uma grande manipulação do terreno.

MURALHA SÉCULO XVI-XVI

Quando se ergue o castelo gótico, (nos finais do século XIII, início do século XIV) a primitiva muralha foi adaptada à nova estrutura e revestida a xisto.

Nos desenhos de Duarte D'Armas (do início do século XVI) podemos verificar a existência de uma serie de edifícios adoçados à muralha no núcleo da alcáçova.

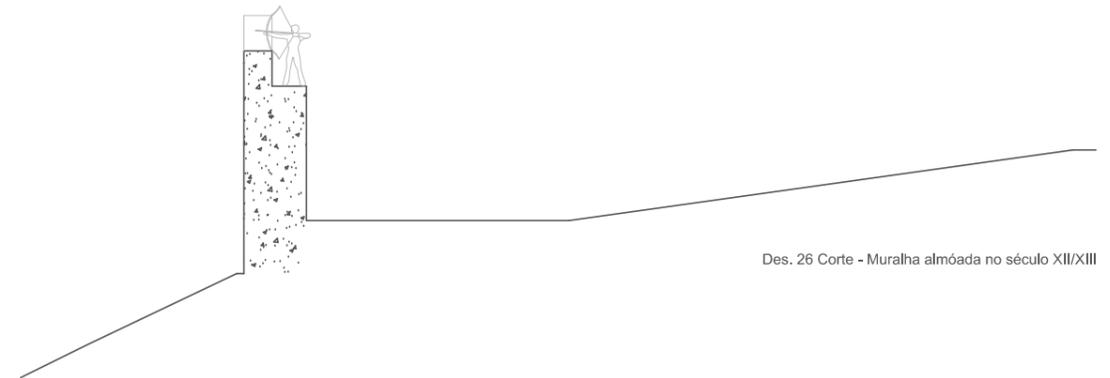
MURALHA SÉCULO XVII

Com os avanços da pirobalística foi necessário adaptar novamente a muralha às exigências militares da época. Elevou-se o terreno até á cota do adarve, para possibilitar tiro de canhão desde esta frente e garantir uma maior resistência ao impacto dos disparos vindos do exterior.

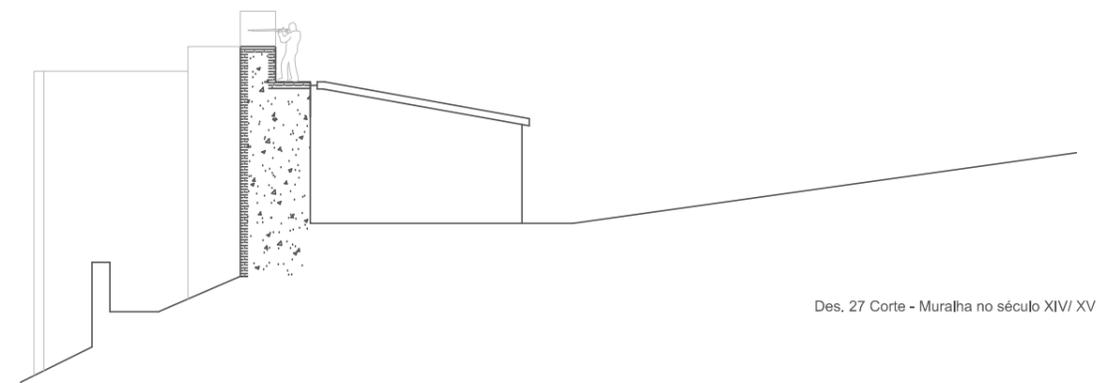
Esta solução fez com que o troço de muralha em taipa recebesse pressão acrescida, não só pelo peso do próprio terreno, mas também pela água que fica acumulada quando a precipitação é intensa.

MUSEU DE ARQUEOLOGIA DO CASTELO DE NOUDAR - MACN

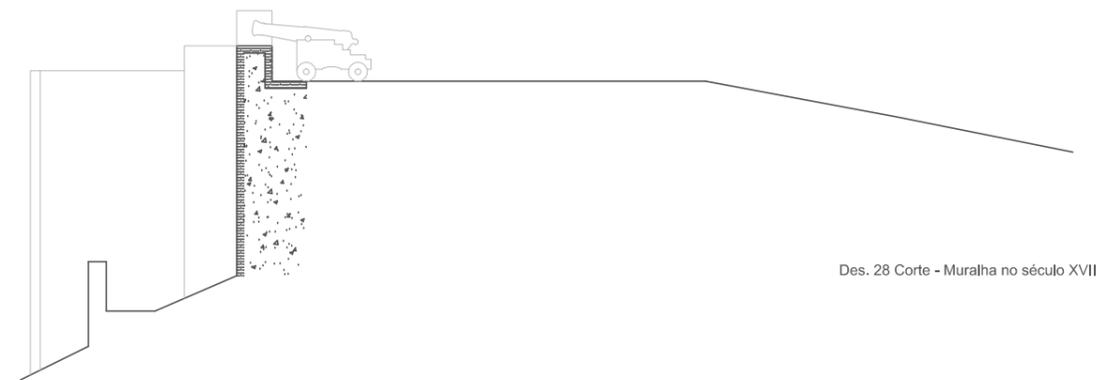
A proposta tem como referência a cota original da antiga muralha (que foi determina a partir da cota de implantação dos antigos edifícios que compunham a alcáçova), a partir desta cota articula-se um novo museu e uma ligação à porta falsa subterrada. Esta solução liberta a muralha do aterro, da água que fica acumulada e estabiliza o troço mais fragilizado da fortaleza.



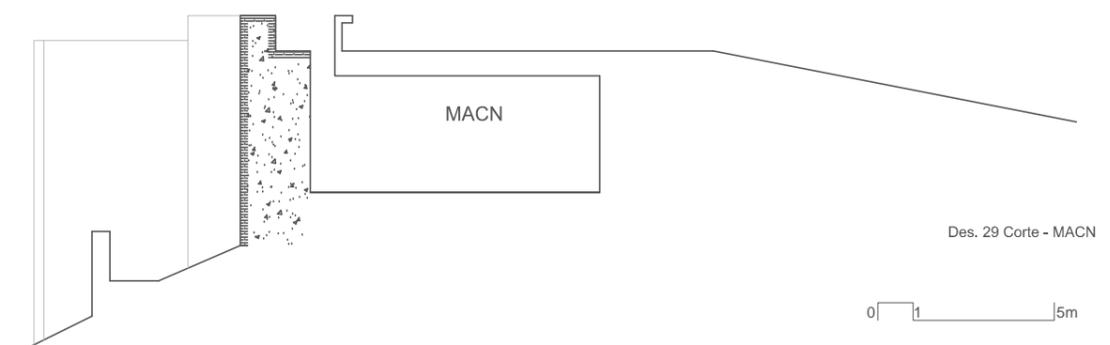
Des. 26 Corte - Muralha almóada no século XII/XIII



Des. 27 Corte - Muralha no século XIV/ XV



Des. 28 Corte - Muralha no século XVII



Des. 29 Corte - MACN

0 1 5m

MACN - MUSEU DE ARQUEOLOGIA DO CASTELO DE NOUDAR

Memória descritiva

“O Património para ser mantido, deve ser tratado de maneira a ser usado.” (38) Eduardo Souto Moura

A estratégia de intervenção proposta para o castelo de Noudar, com a introdução do MACN, passa por corrigir uma patologia histórica no troço de muralha na frente sul do castelo.

O MACN é um espaço concebido para albergar todo o espólio arqueológico do castelo de Noudar e surge da necessidade de introduzir um novo programa para que este possa ser mantido e vivido.

Tendo por base a investigação desenvolvida, verifica-se que, no troço de muralha em taipa, na frente sul do castelo, subsiste uma patologia histórica. Esta patologia terá surgido quando o terreno foi elevado até à cota do adarve, para possibilitar o tiro de canhão. Esta transformação fez com que o troço de muralha em taipa recebesse pressão acrescida, não só pelo peso do próprio terreno, mas também pela água acumulada quando a precipitação é intensa. Atualmente, este é o troço mais fragilizado e que tende a ruir com mais facilidade.

O MACN implanta-se junto à muralha, no lugar dos antigos “aposentos térreos” representados na planta de Noudar de Duarte de Armas, de modo a libertar a muralha do aterro e corrigir a patologia existente. Esta implantação permite valorizar uma série de infraestruturas existentes: desenha um acesso ao forno da alcáçova; revela o troço de muralha em taipa suprimido pelo terreno; articula um acesso à cisterna; torna acessível a porta falsa da alcáçova que se encontra subterrada.

O MACN é um edifício enterrado, com cobertura ajardinada rematada por um muro de betão que desenha um novo limite junto à muralha. Esta infraestrutura é composta por: uma galeria de exposições temporárias, que faz a ligação entre a alcáçova e a porta falsa; um pátio ajardinado e um espaço de exposição permanente, destinado a receber o espólio arqueológico.

A galeria de exposições temporárias é um espaço exterior, coberto em ladrilho. Para albergar a exposição permanente, projectou-se um espaço longitudinal, em betão rebocado e pintado de branco, com pavimento em OPW e iluminado a partir do pátio. Este espaço articula a passagem para uma cisterna, composta por duas naves abobadadas de ladrilho, onde se propõe repor a água para recrear o anterior ambiente.

PROGRAMA

MACN 303,5m²

Espaço de exposição permanente 103.0m²

Galeria 64.5m²

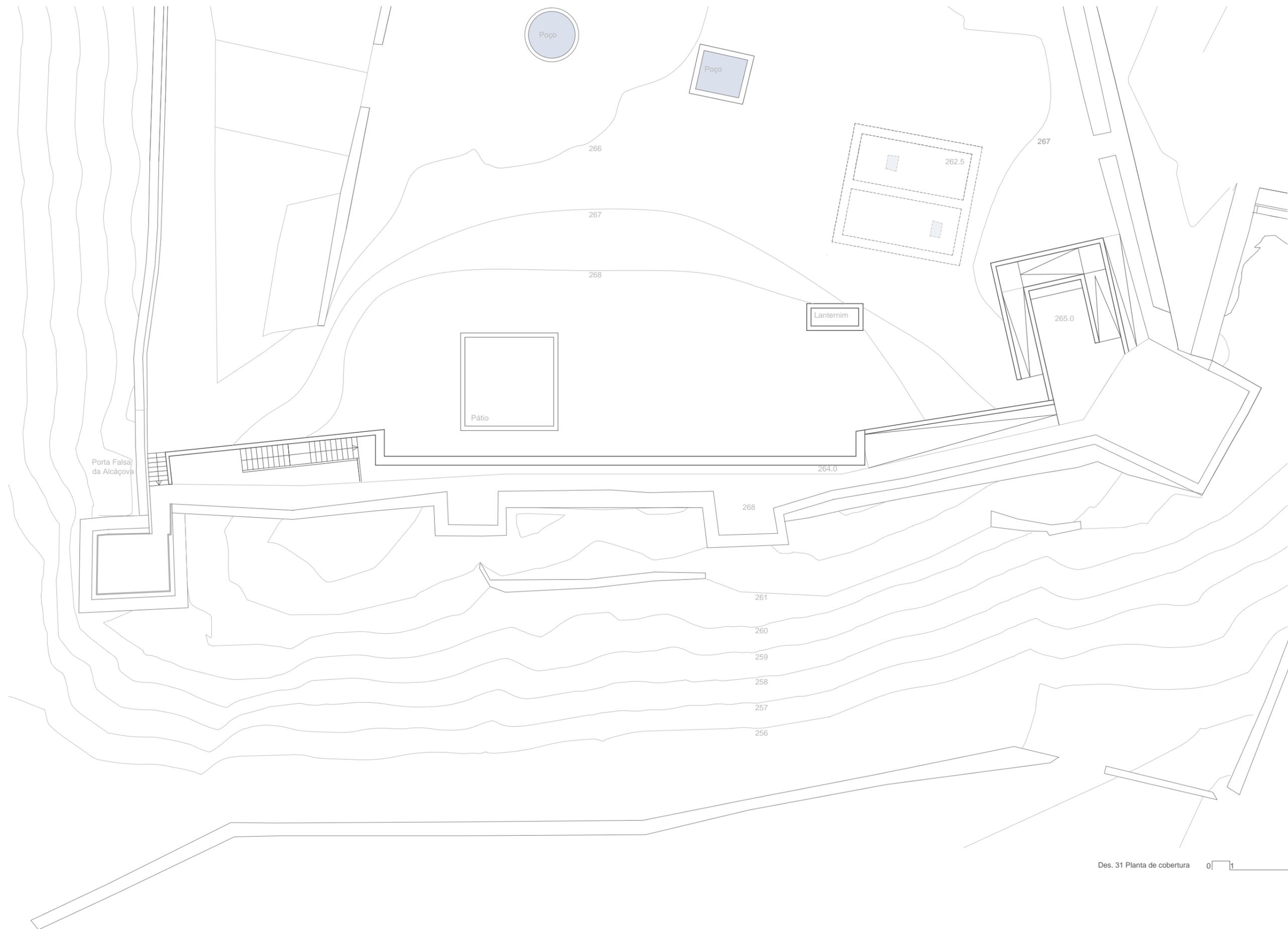
Pátio 25.0m²

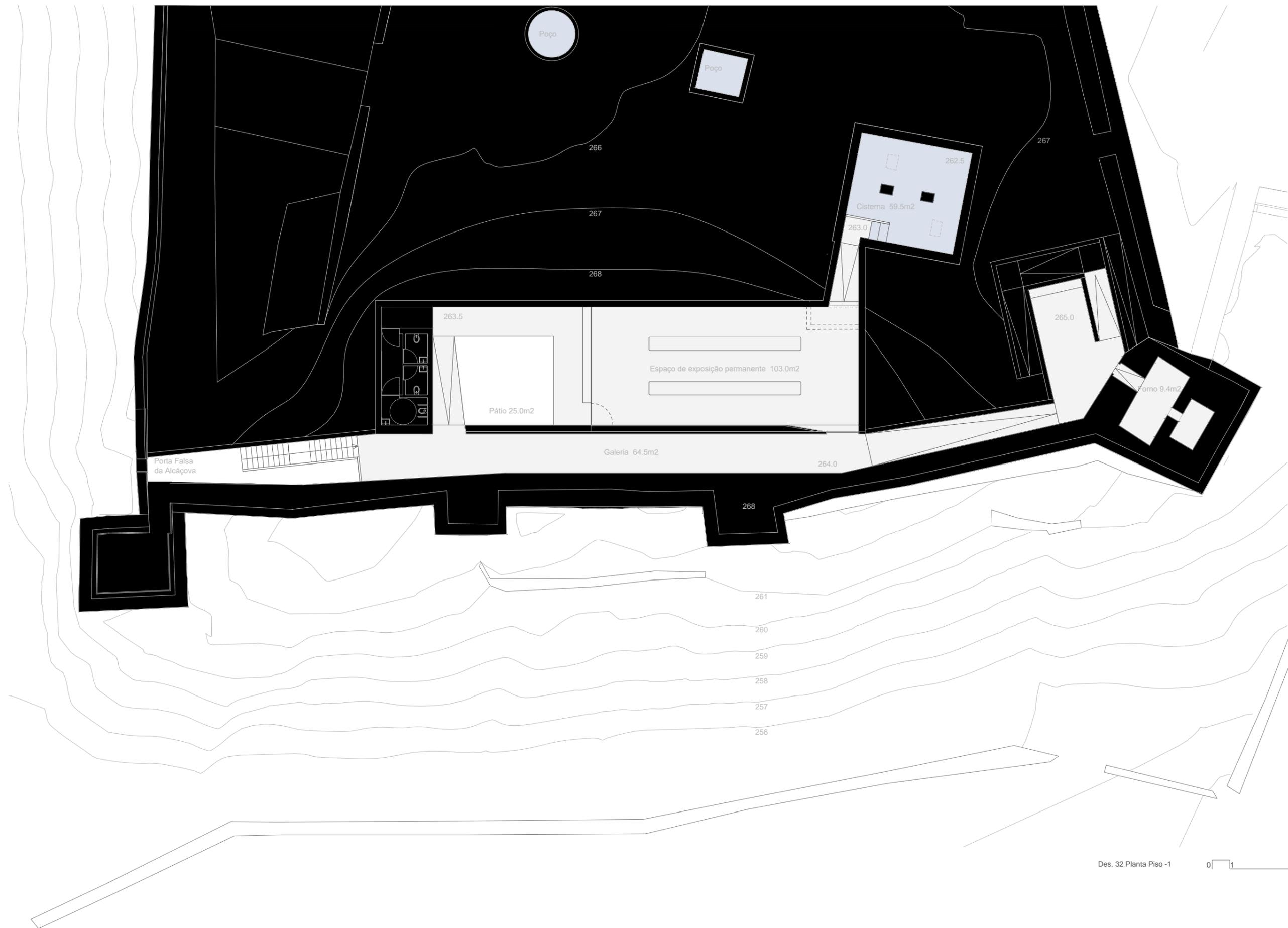
Cisterna 36.5m²

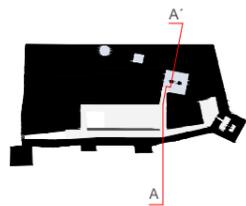
Instalações Sanitárias 13.0m²

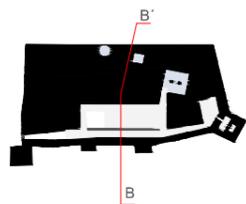
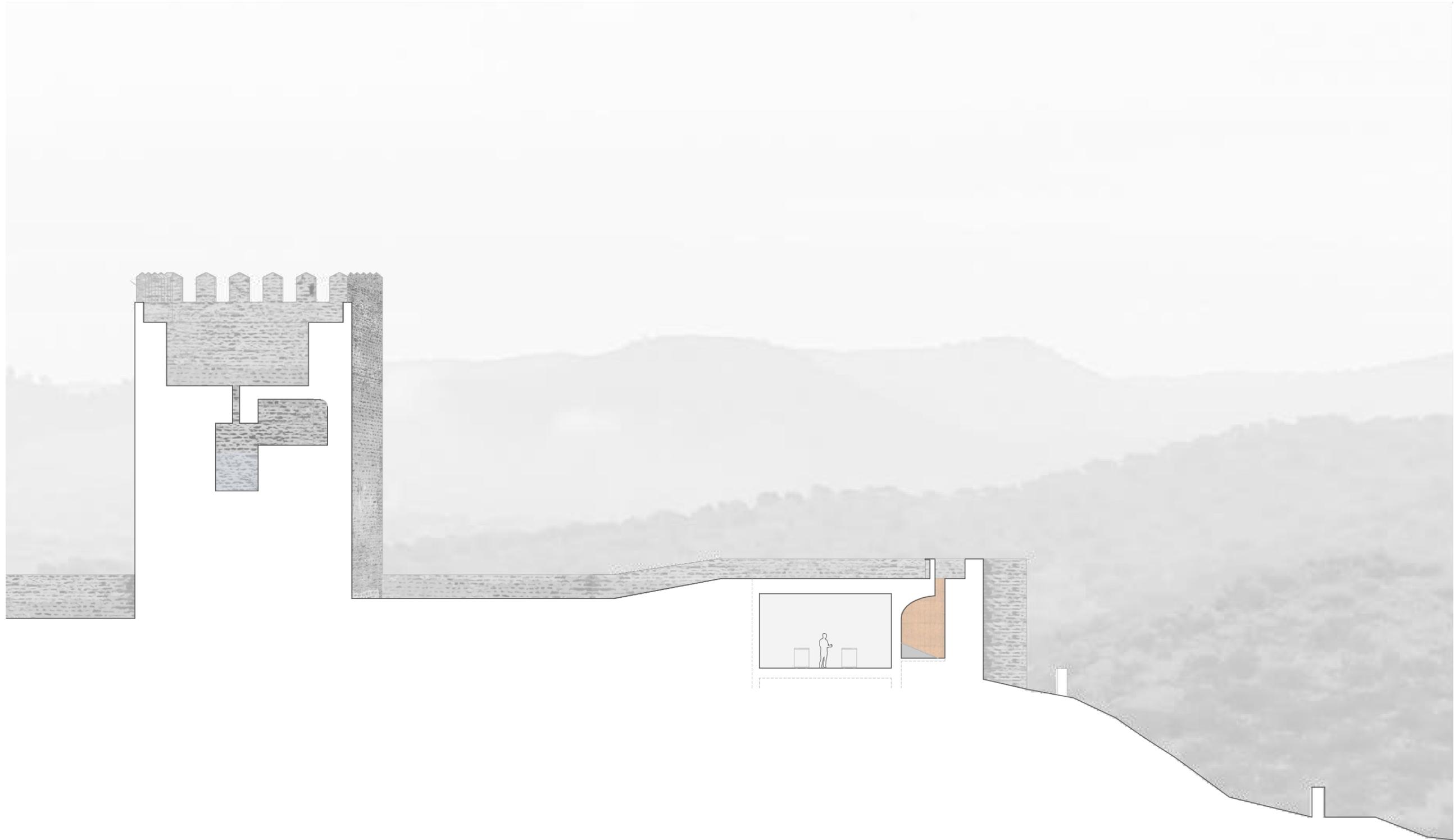
(38) Cf. (<<https://www.youtube.com/watch?v=B2-ak8DjMHU/>>| consult. 23-01-2015).

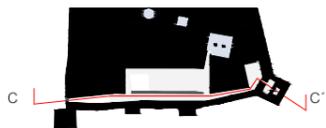
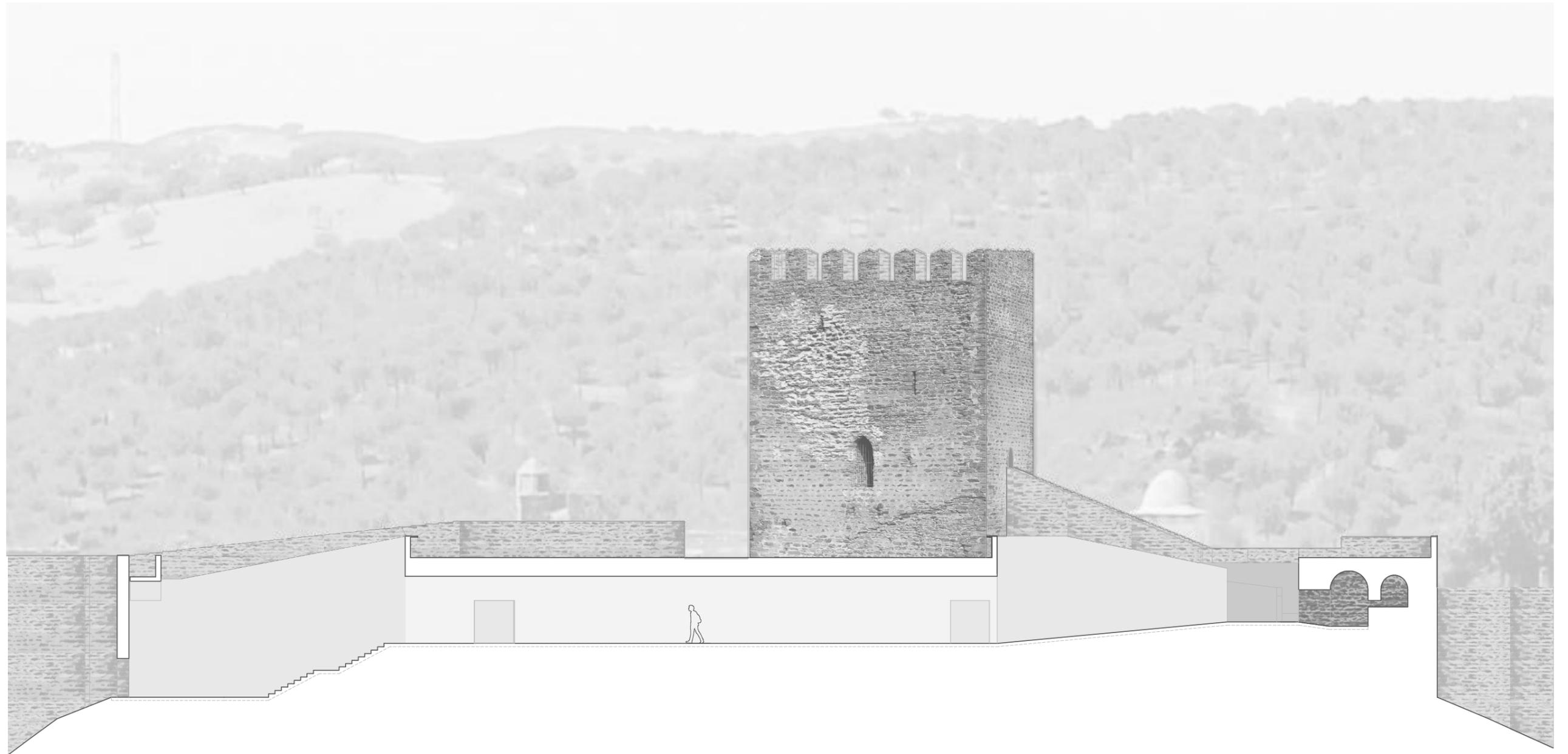












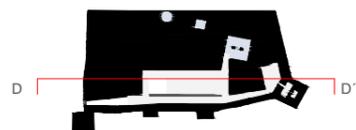
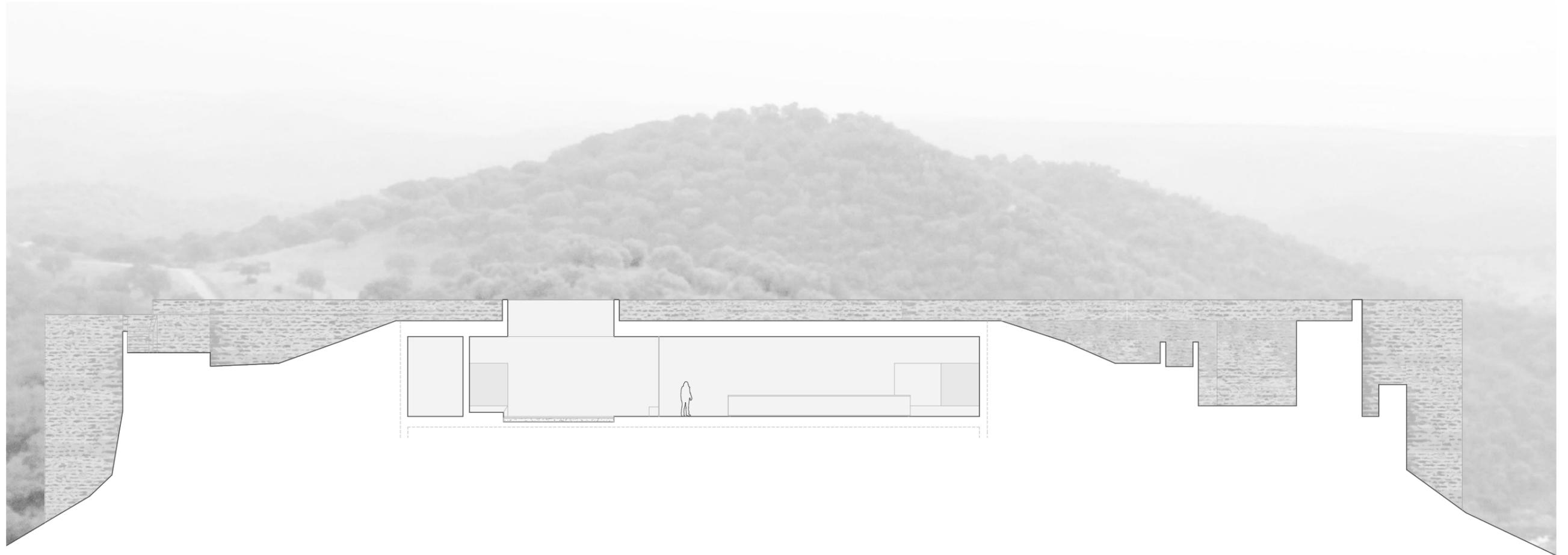




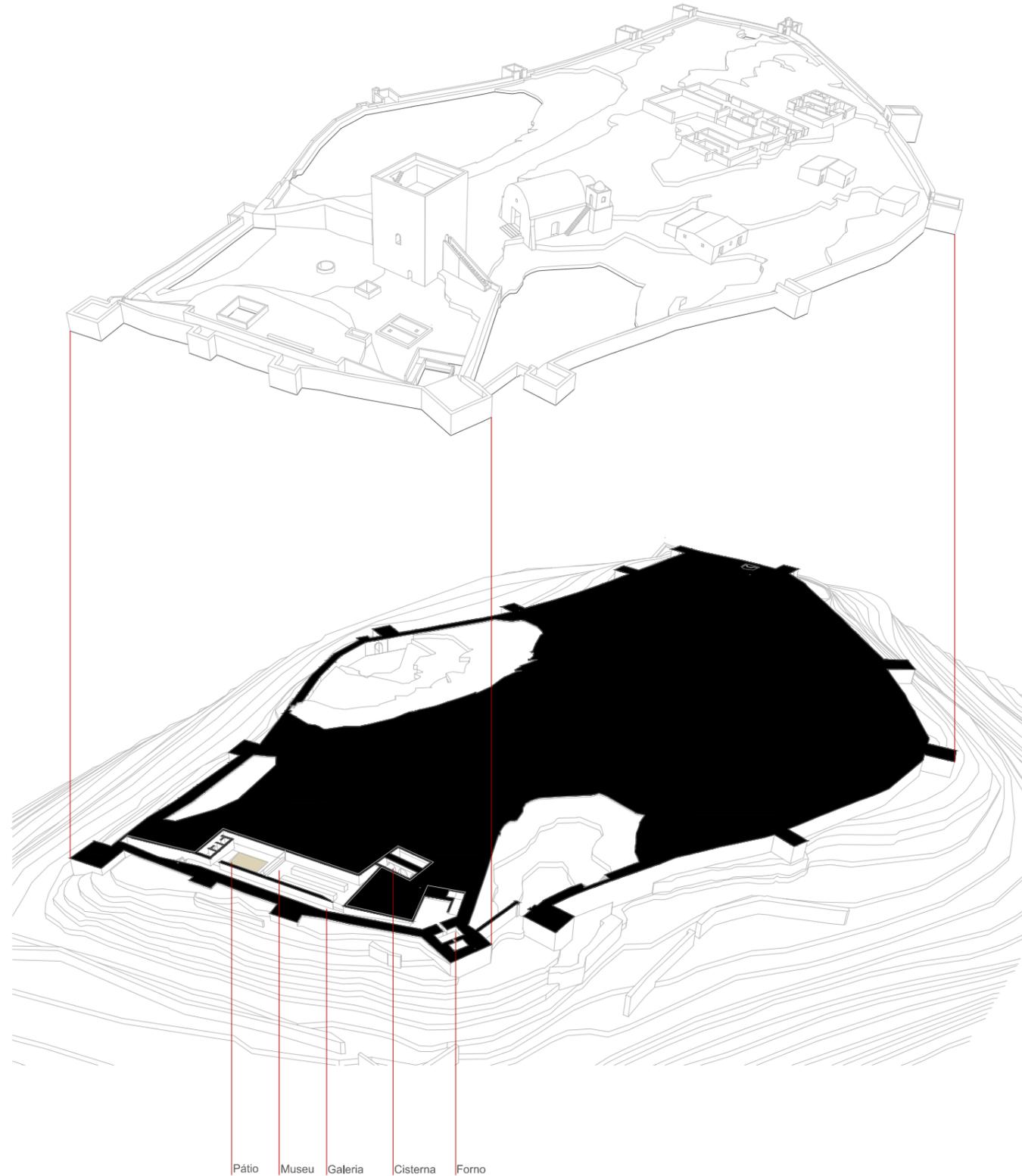
Fig. 69 Galeria e Museu

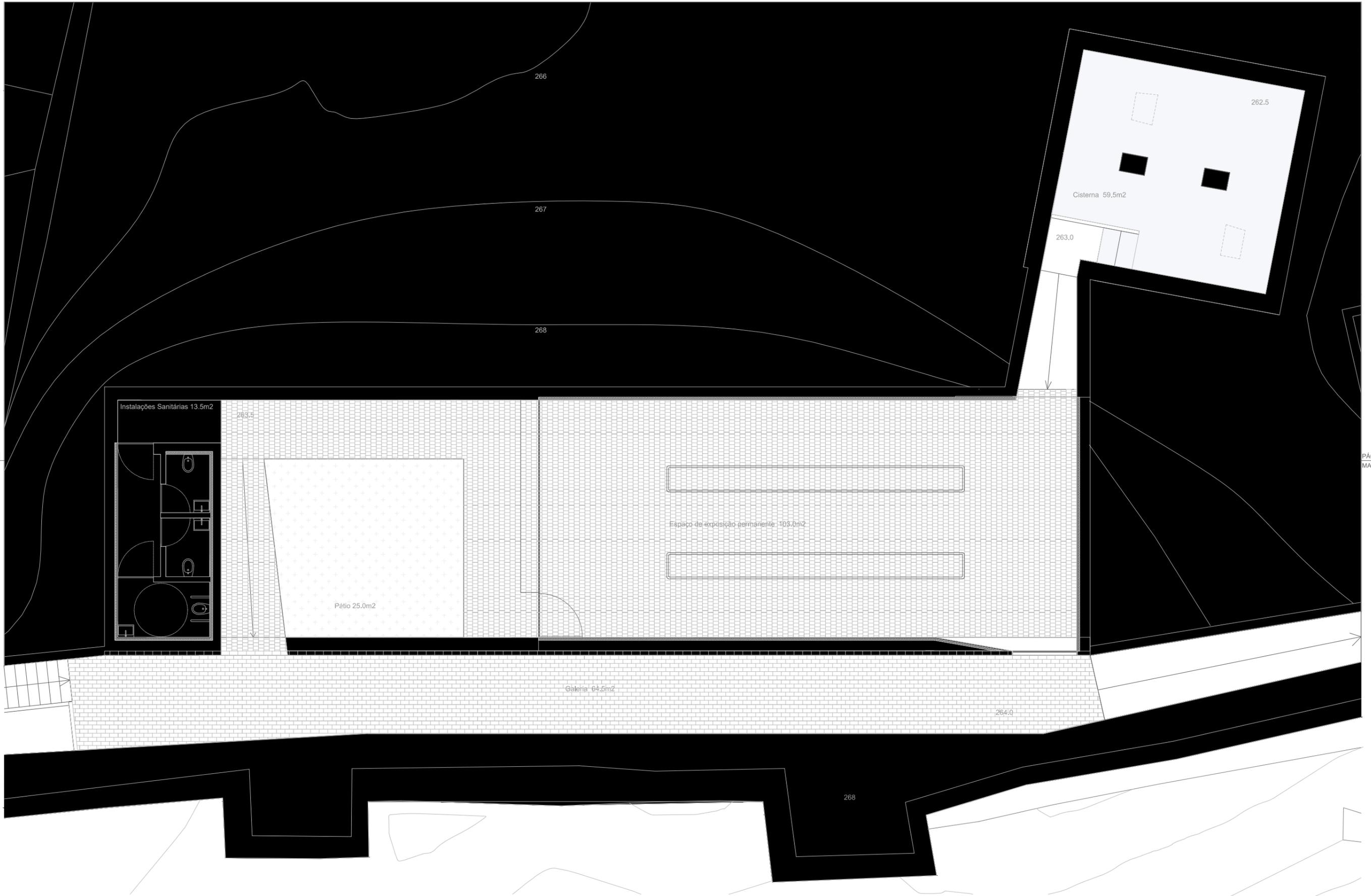


Fig. 70 Museu de Arqueologia



Fig. 71 Cisterna





Impermeabilização em feltro de Poliéster e=3mm

Tela drenante e=1mm

Tubo de PVC 30cm diametro

Betão de limpeza

Enrocamento

Laje de betão e=30cm

Capa autonivelante e=2cm

Isolamento térmico roofmate e=5cm

Feltro Geotextil e=2mm

Betonilha de regularização c/ 2% pendente

Tela impermeabilizante em PVC

Terra vegetal e=30cm

Muralha existente em Taipa

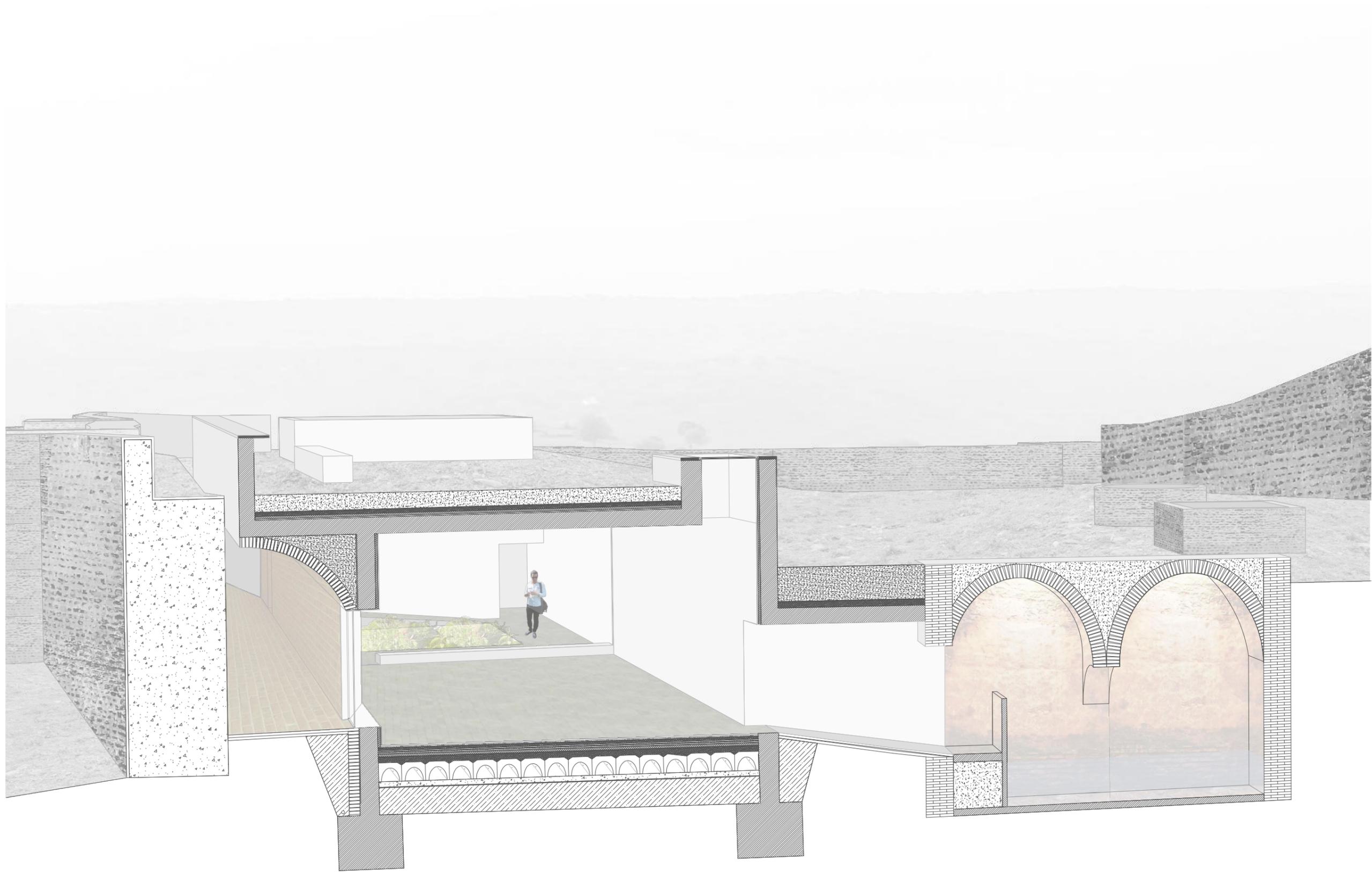
Revestimento em Xisto existente

268.0

267.0

264.0

263.25



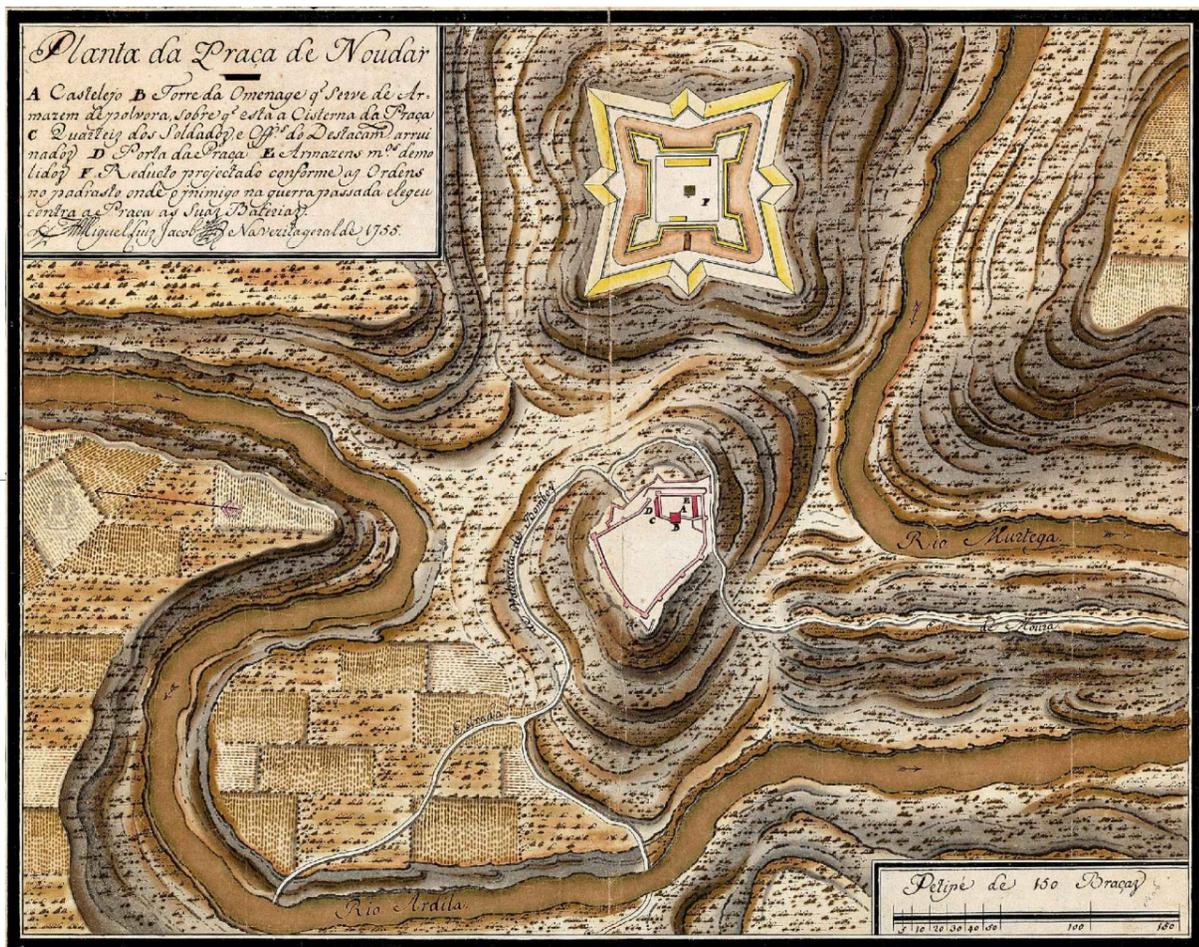


Fig. 44 Planta da Praça de Noudar, Miguel Luiz Jacob, 1755

OPNN - OBSERVATÓRIO DO PARQUE DA NATUREZA DE NOUDAR

Memória Descritiva

O OPNN é um espaço destinado ao estudo, conservação e divulgação do Património Natural e Arquitetónico do PNN. Existe uma transformação do programa do lugar, de um lugar defensivo para um lugar de valorização paisagística, ambiental e patrimonial. Projetou-se uma infraestrutura que pudesse servir e potenciar esta nova cultura do território.

A implantação do OPNN no morro de S. Gens tem por base o conhecimento produzido na investigação do lugar. A importância do morro S.Gens aparece registada na planta de Noudar de 1755 de Miguel Luiz Jacob (Fig. 44) . Esta planta exhibe um projeto, que não viria a concretizar-se, onde está bem patente a necessidade da apropriação do ponto mais elevado da zona com o objetivo de colmatar as debilidades defensivas da fortaleza e ampliar o campo visual. A localização dominante do lugar, com forte vocação para a observação, adequa-se na perfeição para o programa pretendido com o observatório.

O OPNN é um edifício encaixado na topografia e acessível através da cobertura. Esta cobertura pode funcionar como uma base estável de apoio para equipamentos utilizados na observação do céu noturno.

Esta infraestrutura, composta por dois pisos, alberga a biblioteca e receção no primeiro piso e uma sala polivalente e áreas destinadas à investigação e estudo, no segundo piso.

A aproximação ao morro de S. Gens faz-se a partir de um percurso em terra batida, marcado pela densidade do montado, por solos rochosos e por um declive bastante acentuado. Para enriquecer a experiência de ascensão até ao Morro de S. Gens desenhou-se uma série de espaços de repouso e contemplação da paisagem.

Numa cota inferior, é desenhado o parque de estacionamento e tratado o espaço envolvente à *Choça do Castelo*, introduzindo um pavimento de lajetas de betão e um banco de betão. (Fig.75)

Numa cota intermédia, no extremo oeste, onde a linha de fecho e o caminho de acesso ao morro se cruzam, é desenhado um espaço de repouso limitado por um banco de betão e pavimentado com betonilha afagada. Este espaço permite-nos fazer uma primeira leitura da ribeira do Murtega. (Fig.72)

Na cota superior, já no morro de S. Gens, é reabilitada a Ruína de um Moinho e criada uma plataforma que se encaixa na topografia e alberga o programa do OPNN. Estas duas infraestruturas funcionam como espaços privilegiados de observação do território: a ruína oferece-nos uma vista panorâmica de 360° que convida a descobrir pontos de interesse no parque e a plataforma, cercada pelo denso montado, encaminha o nosso olhar para o Castelo de Noudar. (Fig.73 e 74)

Após um percurso rico e diversificado, ao nível de vistas panorâmicas, o OPNN surge como um edifício intimista e iluminado através de vãos de luz zenital.

PROGRAMA

OPNN 420.0m2

Receção 47.0 m2

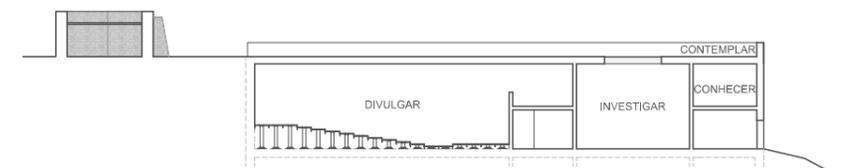
Biblioteca 66.0 m2

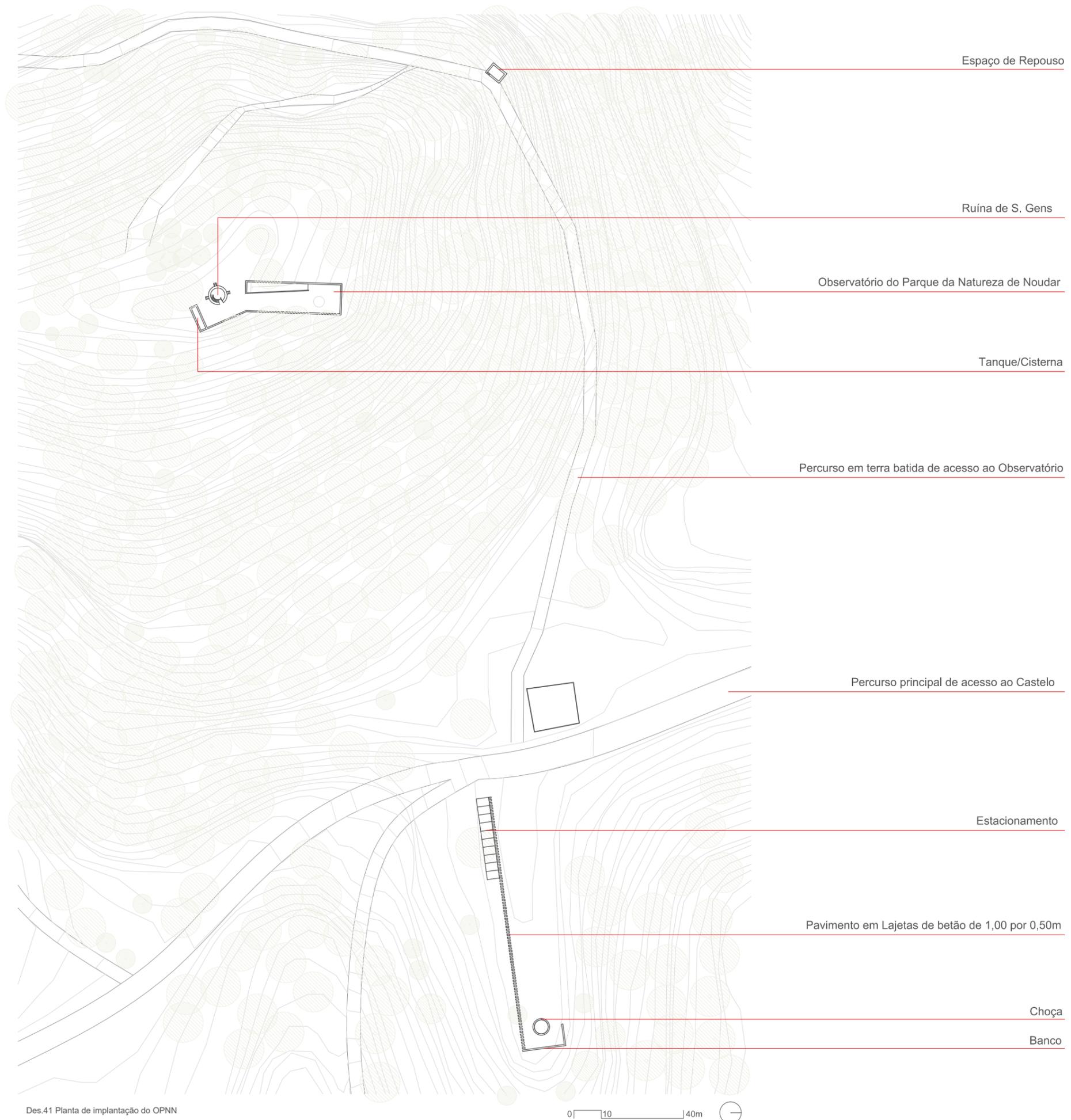
Sala Multifunções 112.5 m2

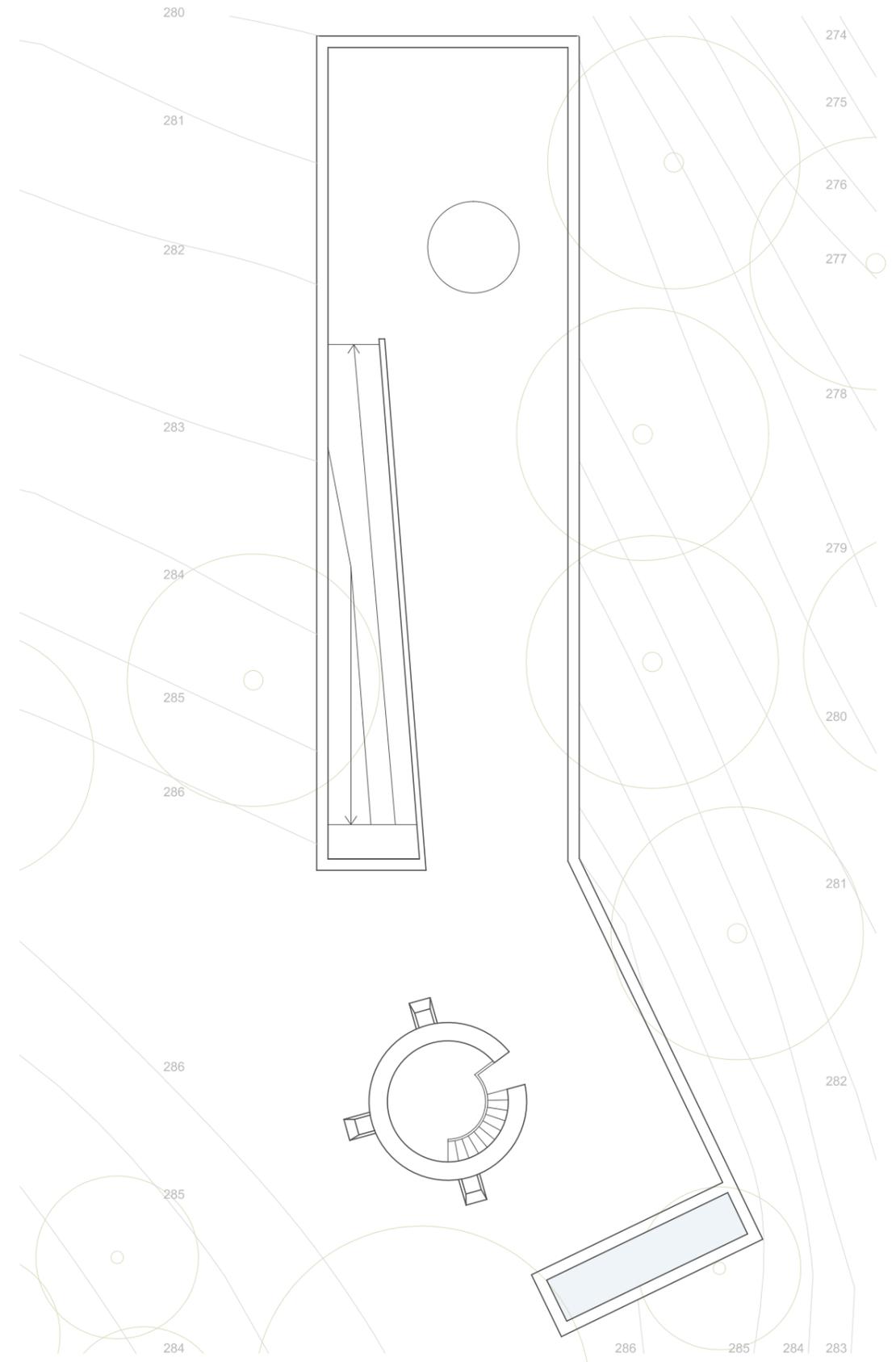
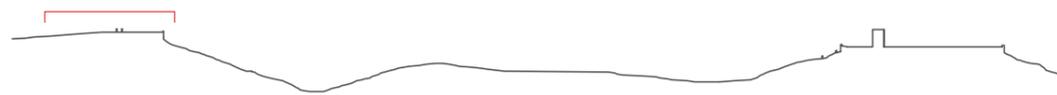
Área geral de trabalho 64.0m2

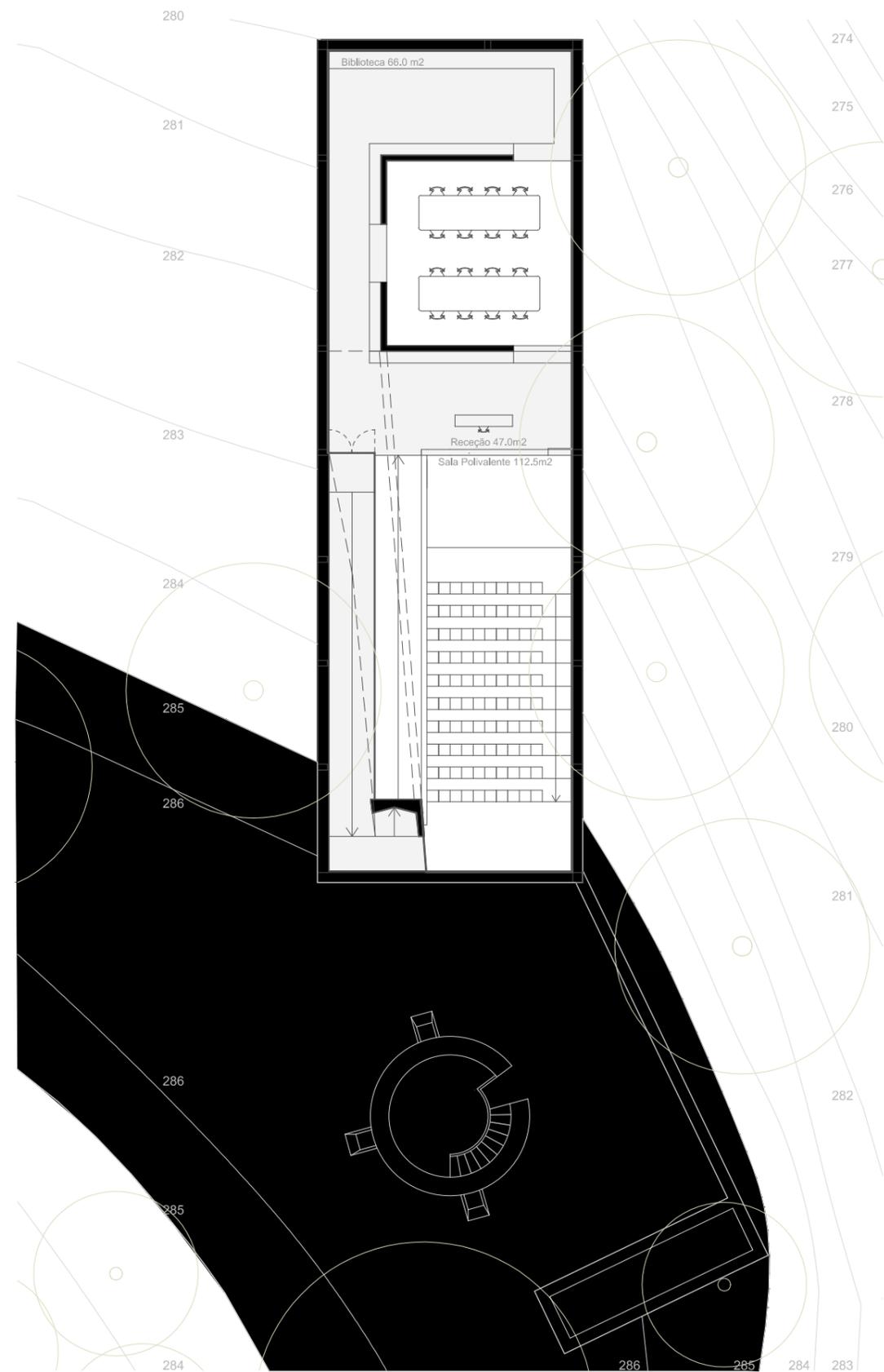
Lounge 49.0m2

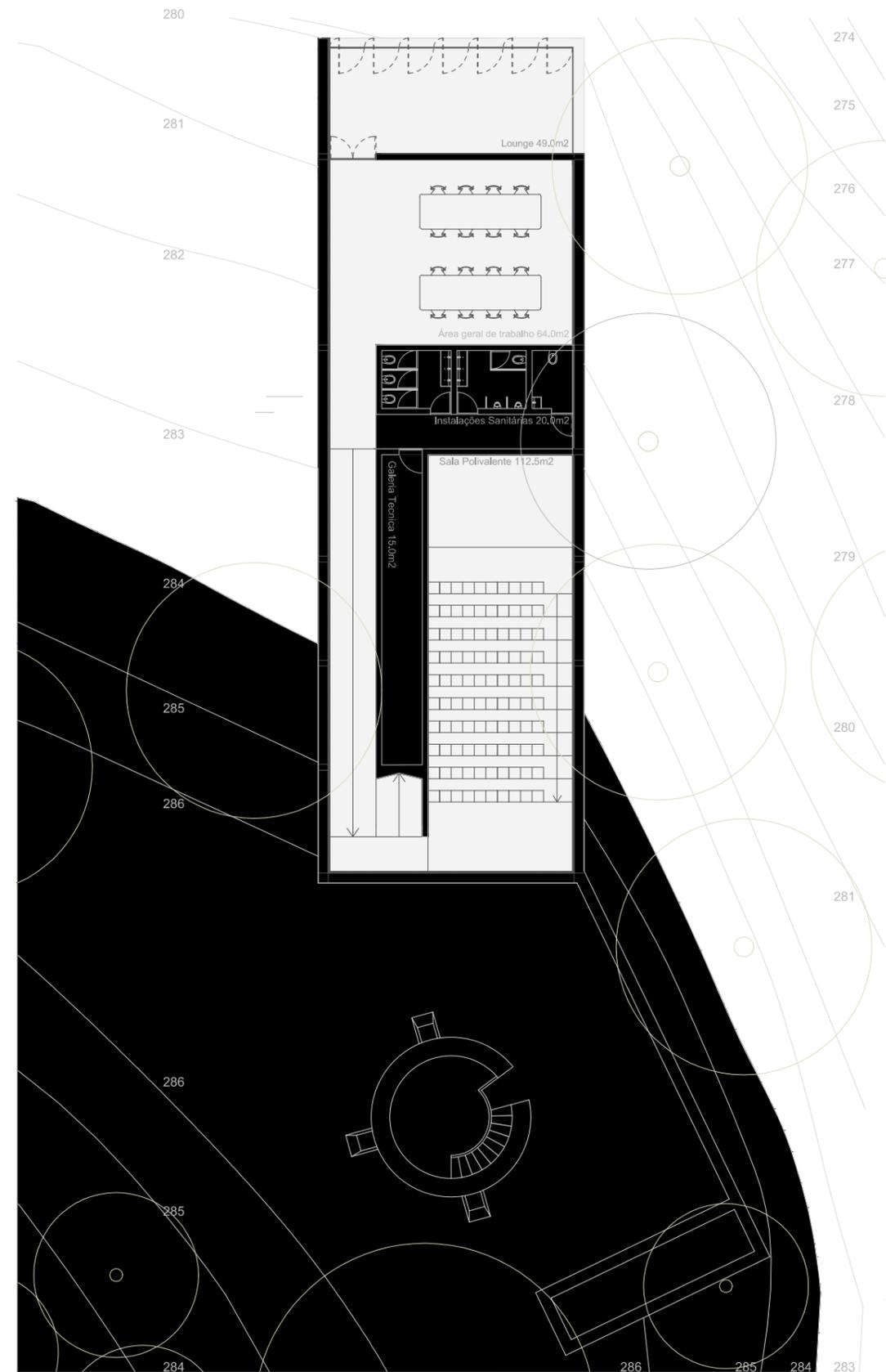
Instalações Sanitárias 20.0 m2

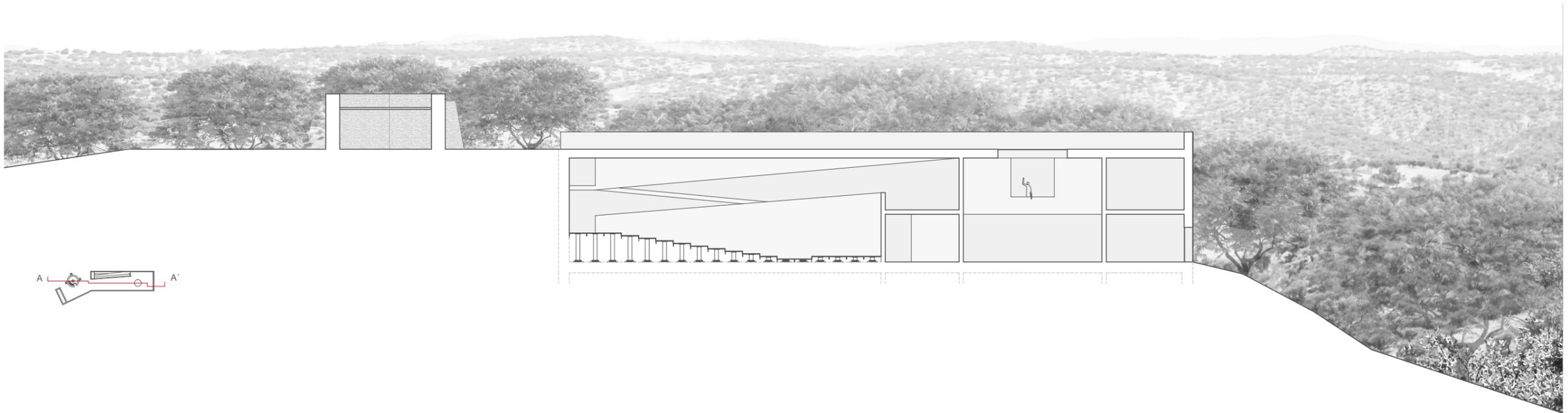




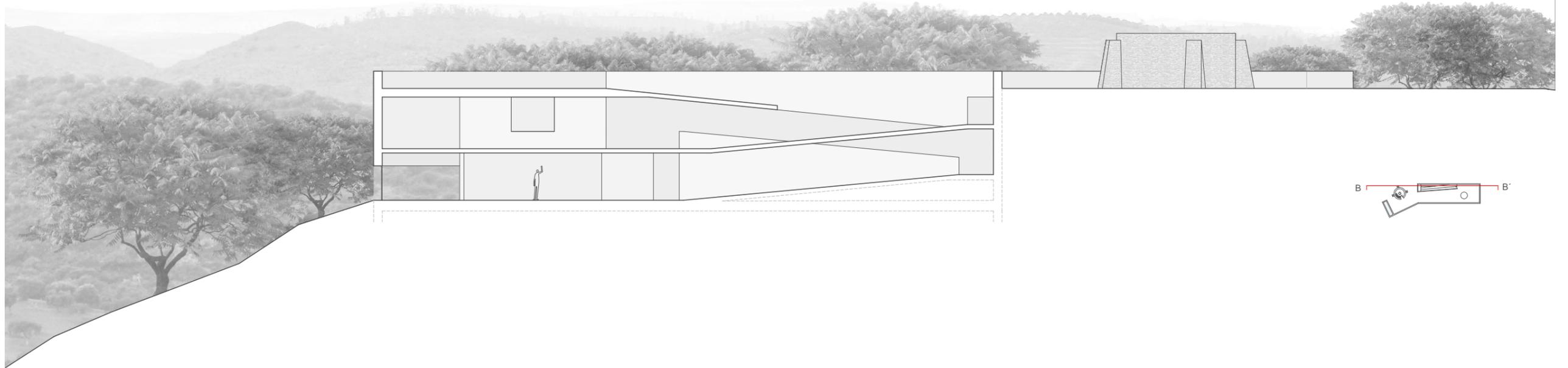




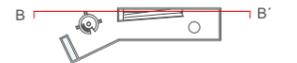


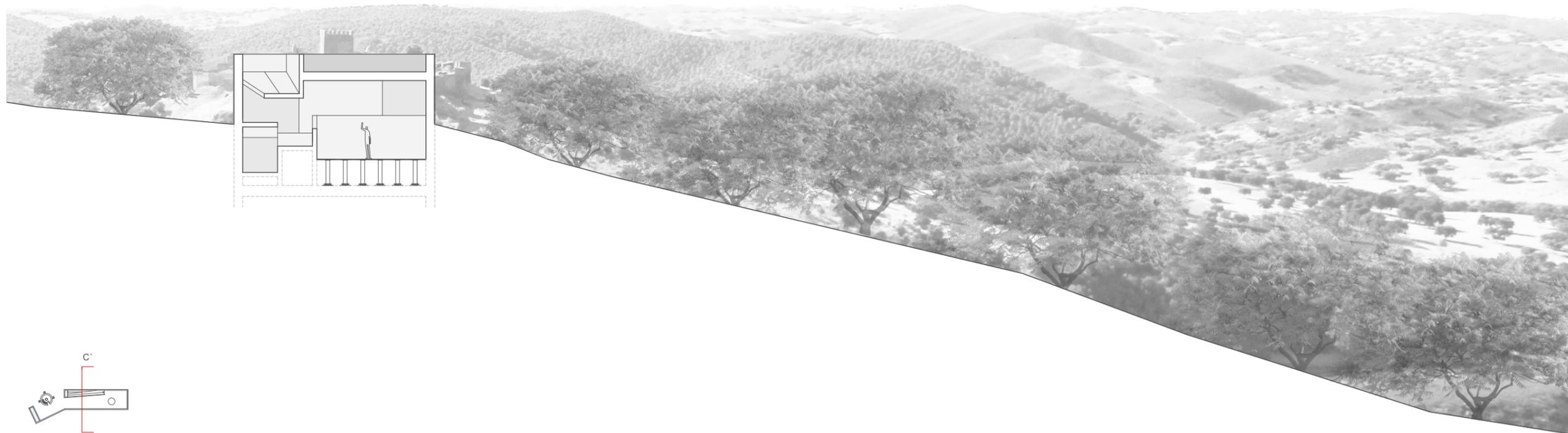


Des. 45 Corte A A'

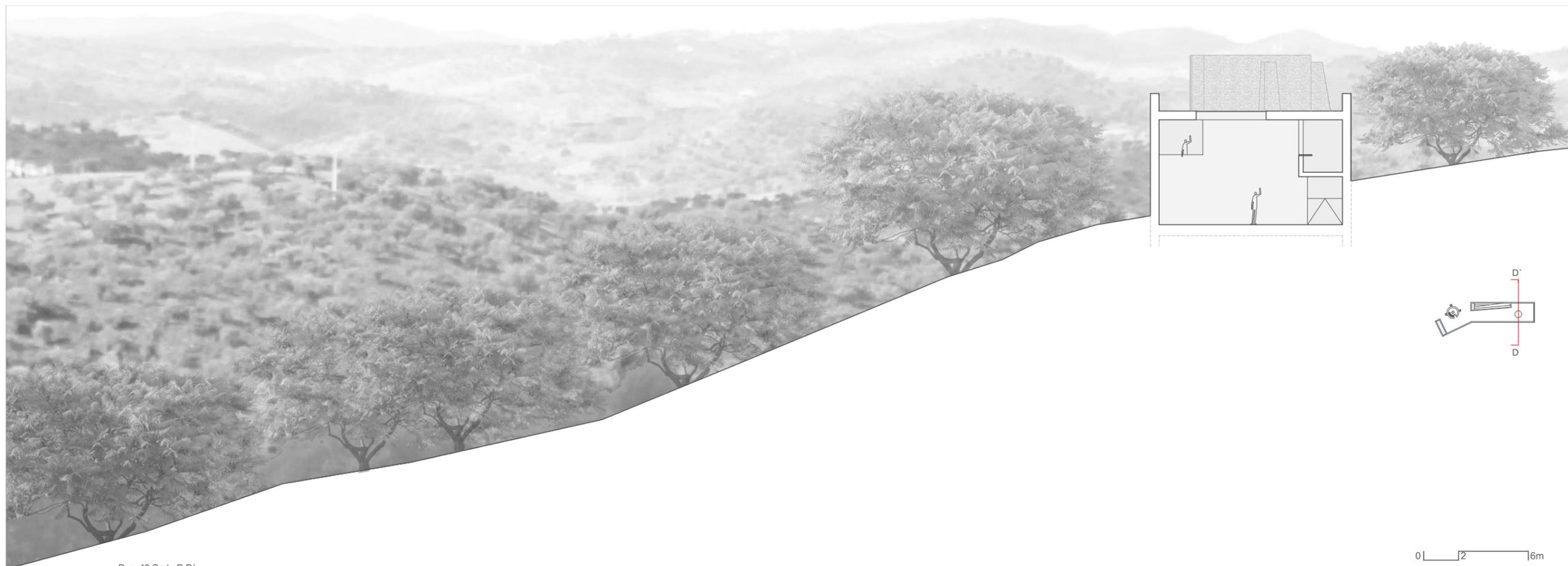
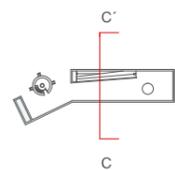


Des. 46 Corte B B'

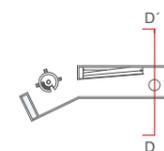




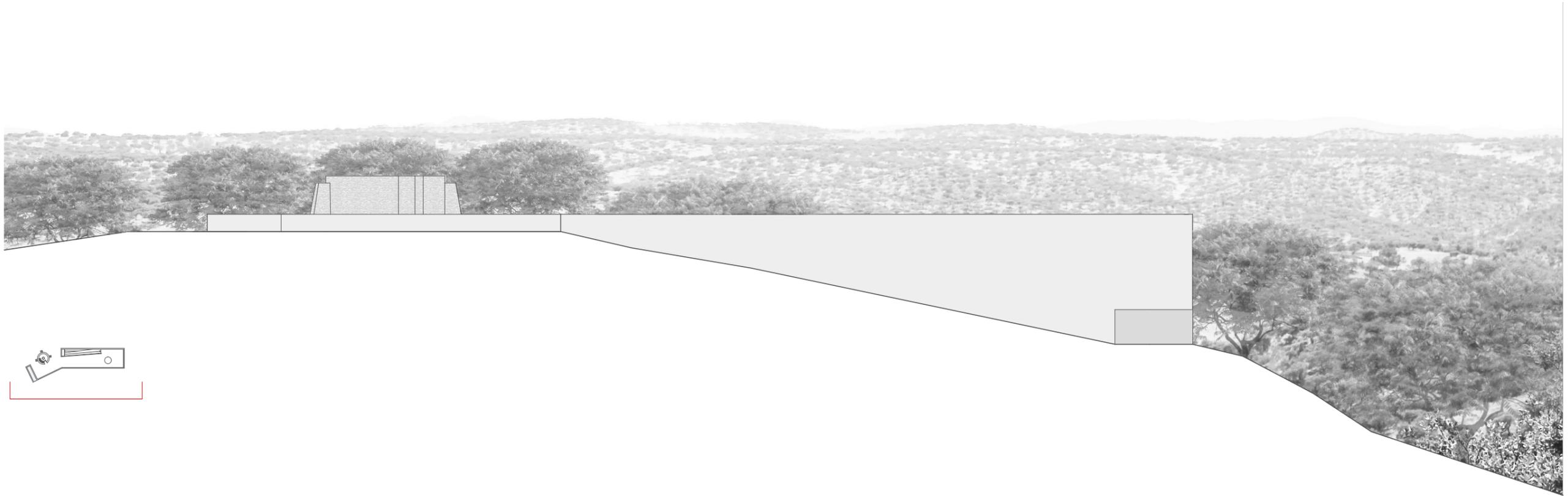
Des. 47 Corte C C'



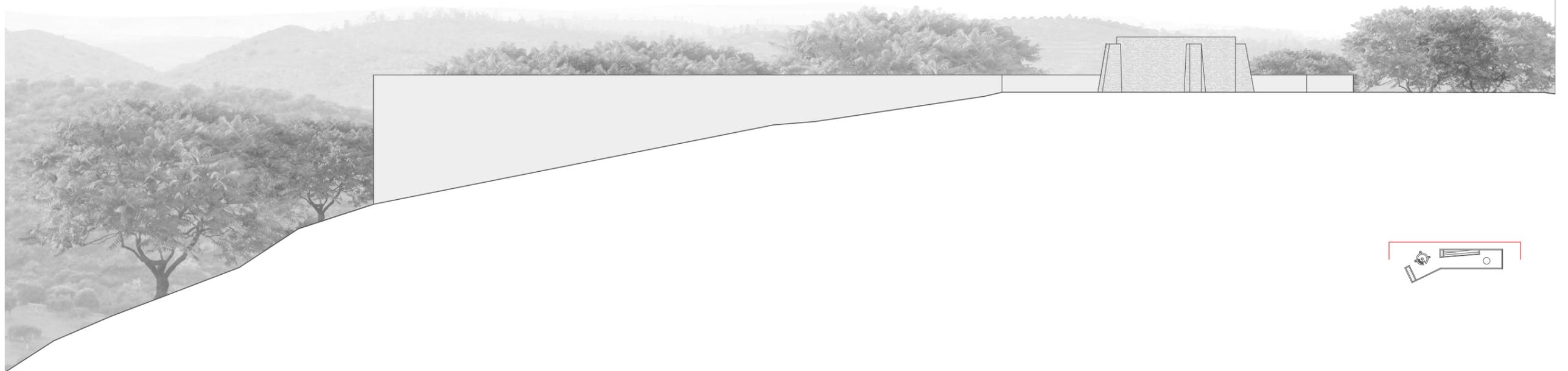
Des. 48 Corte D D'



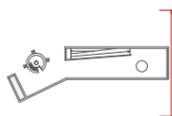
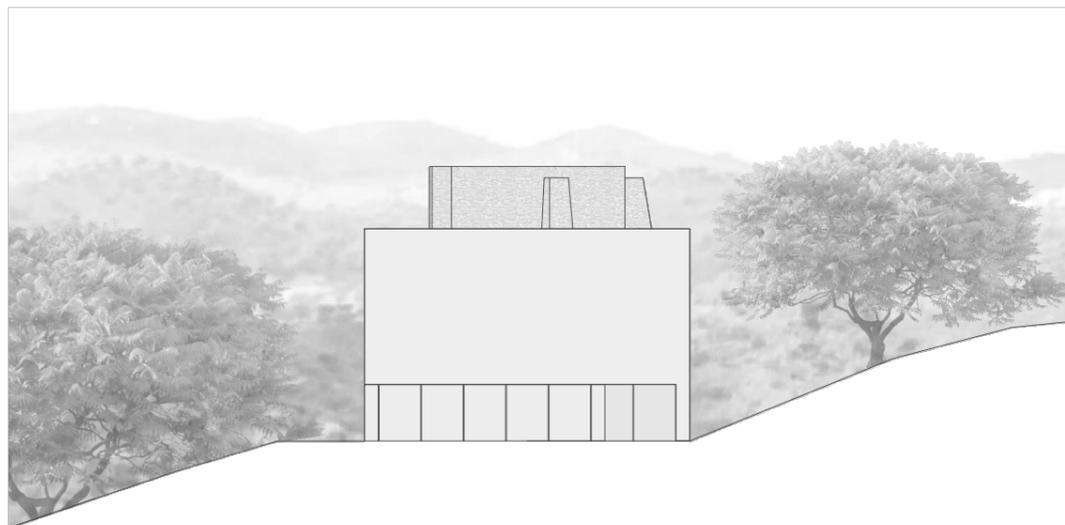
0 2 6m



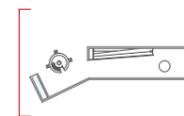
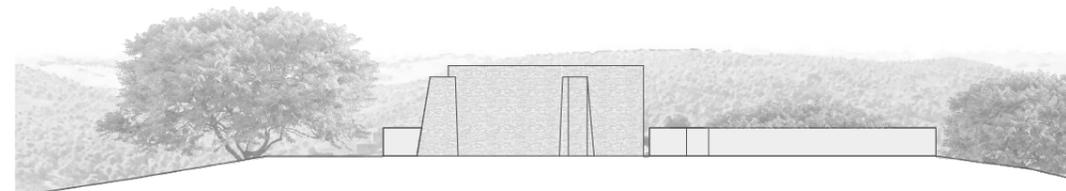
Des. 49 Alçado Este



Des. 50 Alçado Oeste



Des. 51 Alçado Norte



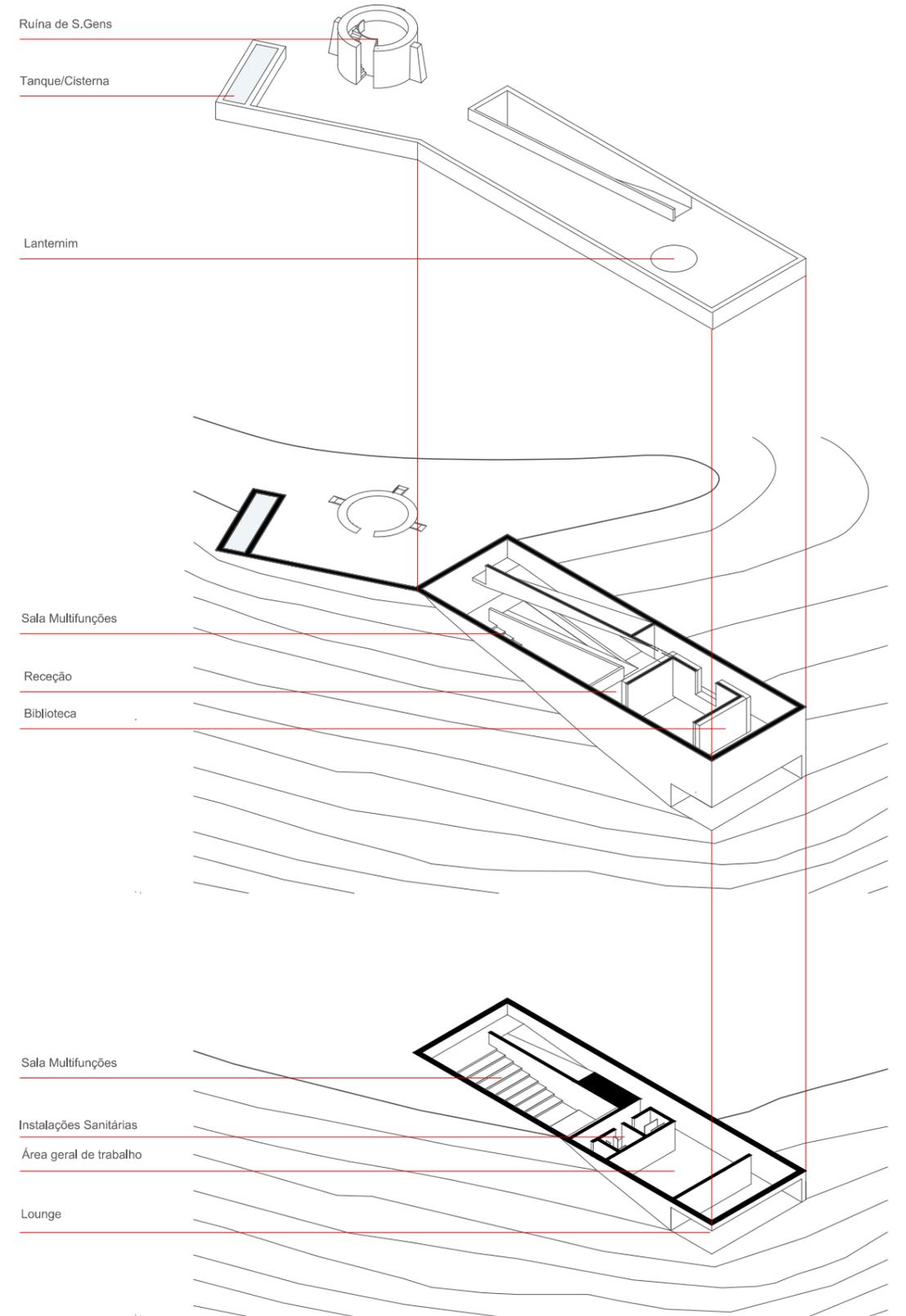
Des. 52 Alçado Sul

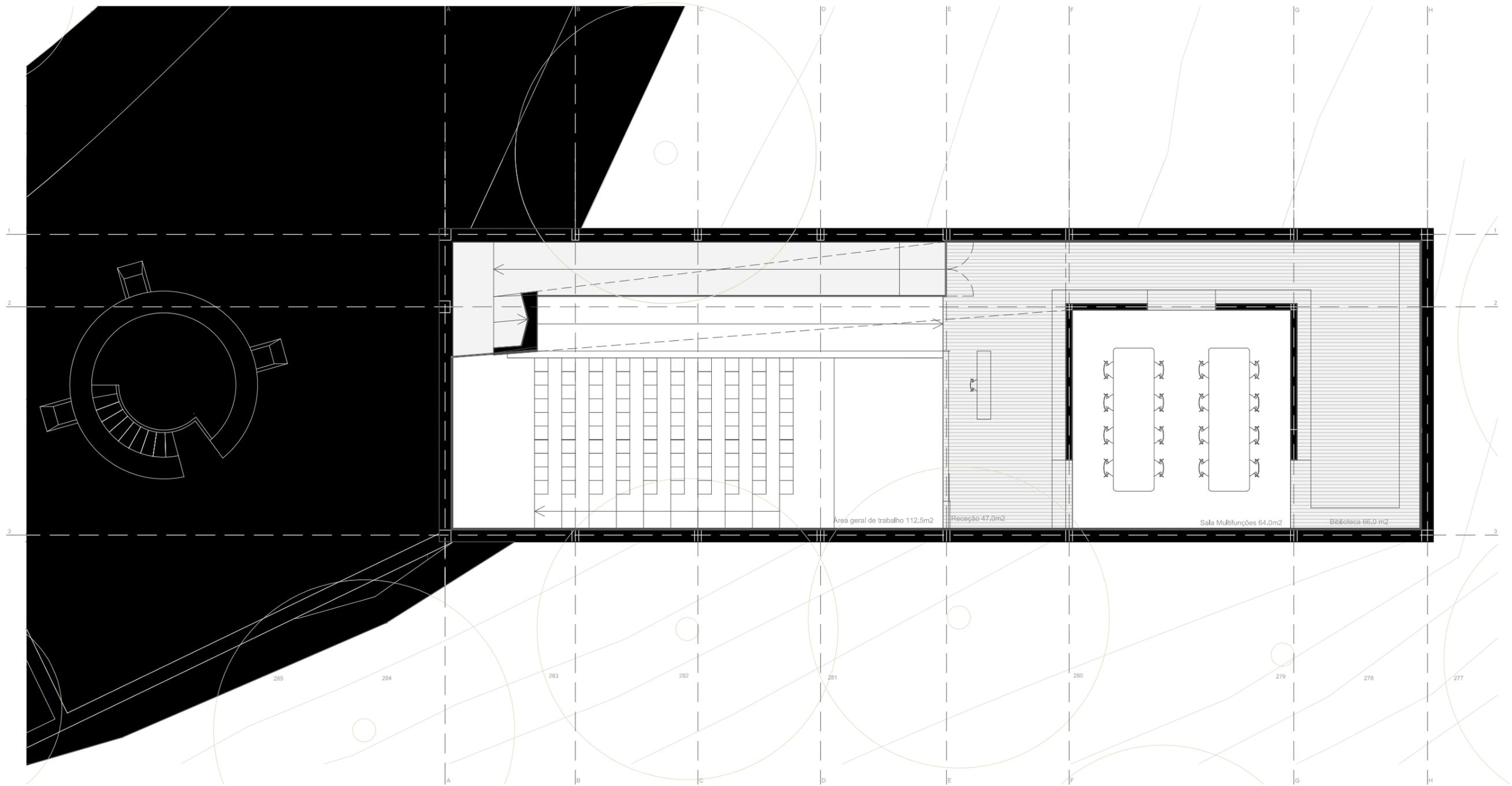


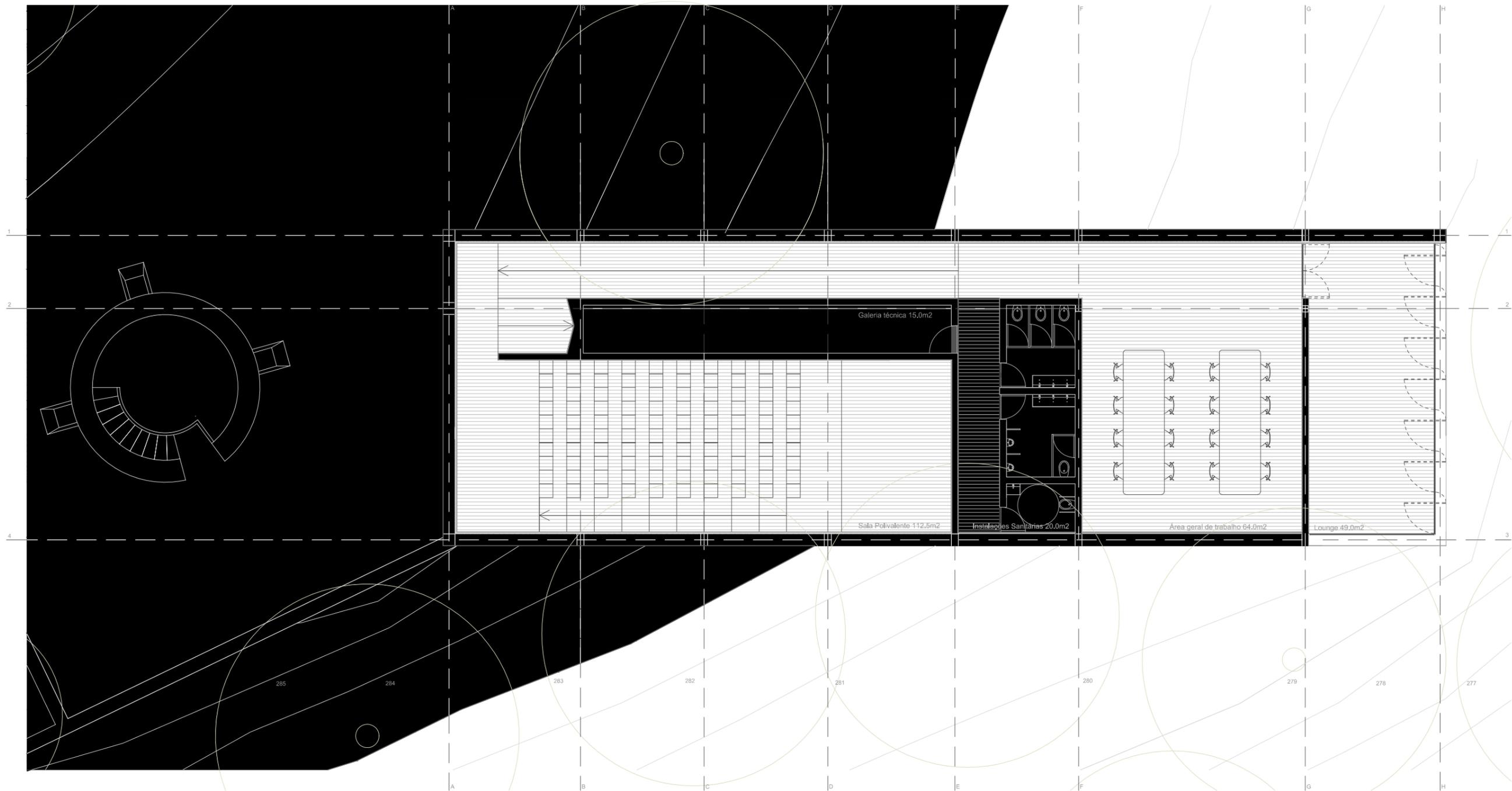
Fig. 76 Sala Multifunções

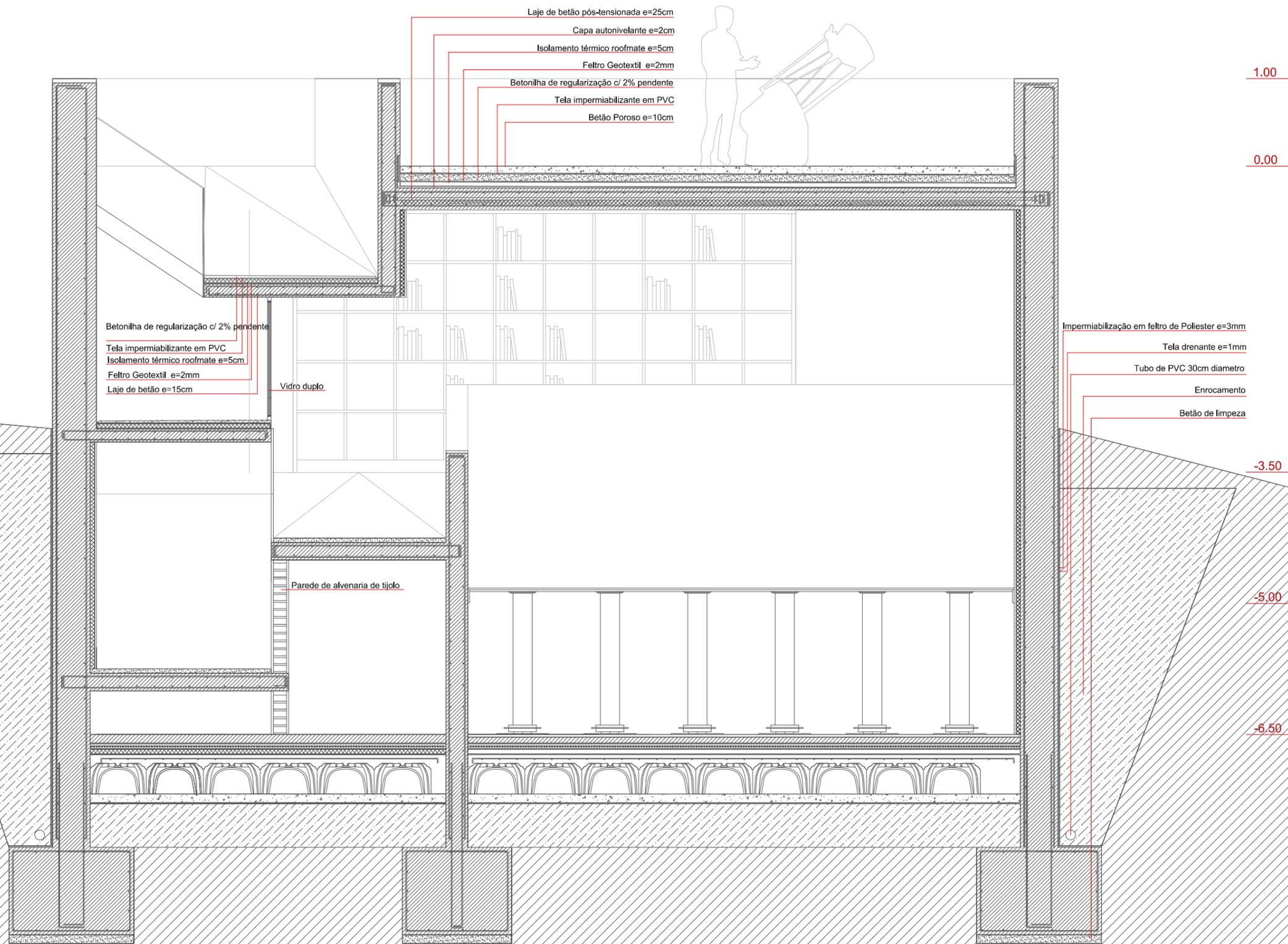


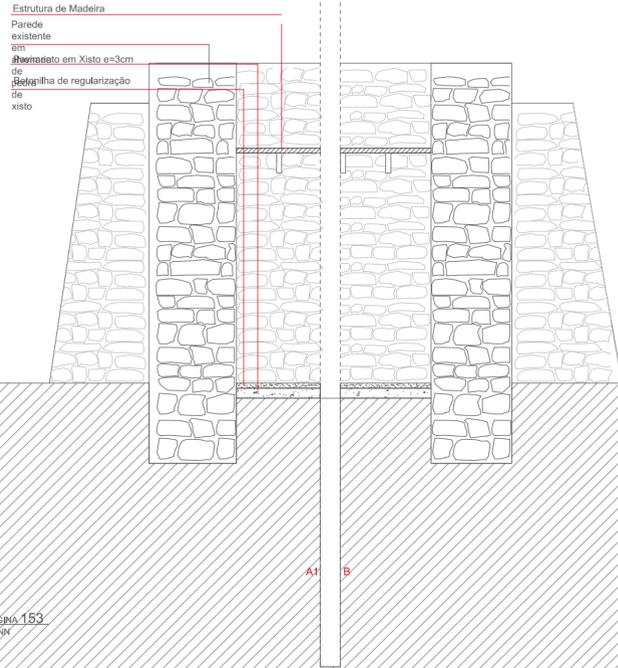
Fig. 77 Biblioteca



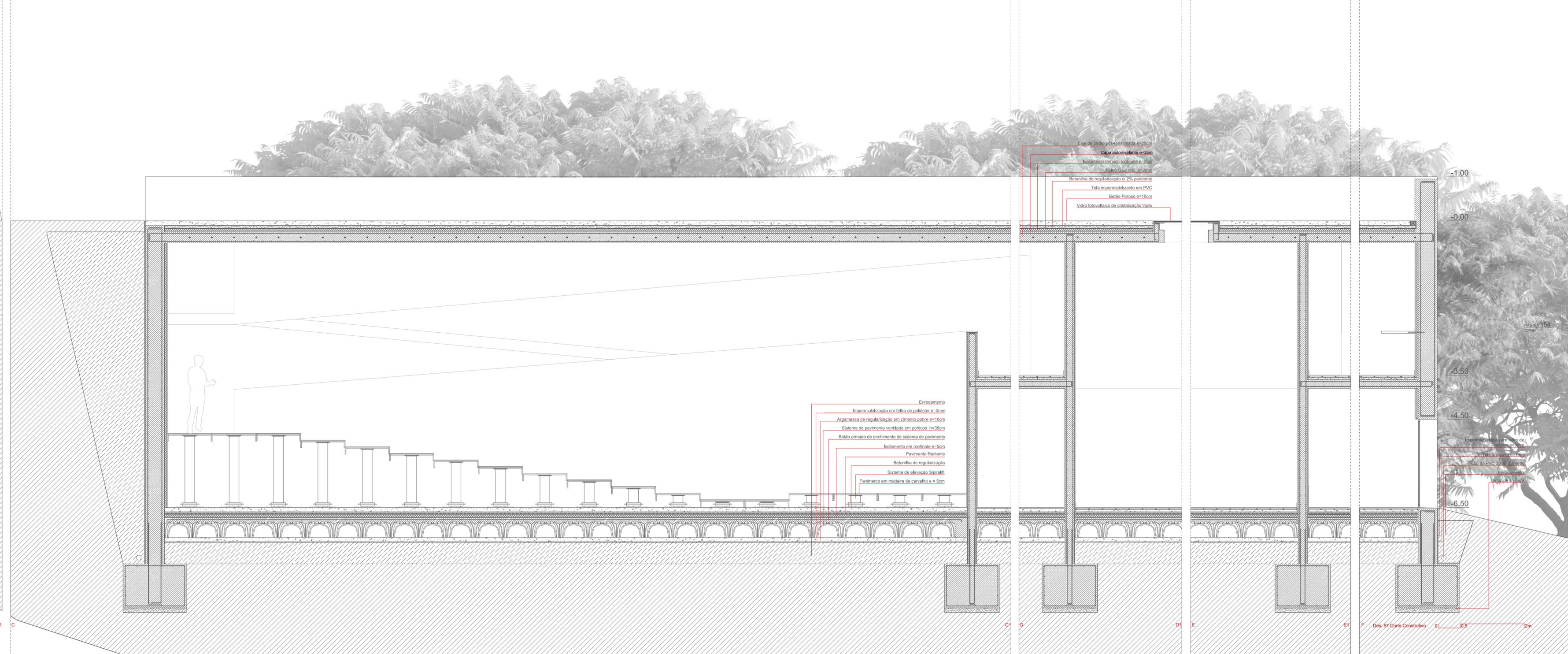
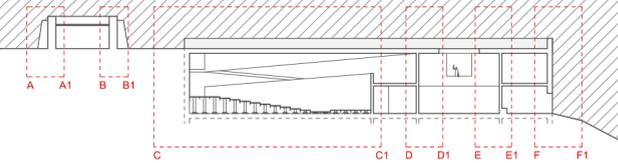








PÁGINA 153
OPNN



- Eixo do betão pós-tensionado e=25cm
- Capa autonivelante e=2cm
- Isolamento térmico roofmate e=5cm
- Filtro Geotêxtil e=2mm
- Betonilha de regularização c/ 2% pendente
- Tela impermeabilizante em PVC
- Betão Poroso e=10cm
- Vidro fotovoltaico de cristalização tripla

- Enrocamento
- Impermeabilização em feltro de poliéster e=3mm
- Argamassa de regularização em cimento pobre e=10cm
- Sistema de pavimento ventilado em pórticos h=35cm
- Betão armado de enchimento de sistema de pavimento
- Isolamento em roofmate e=5cm
- Pavimento Radiante
- Betonilha de regularização
- Sistema de elevação Spirallift
- Pavimento em madeira de carvalho e = 5cm

-1.00

-0.00

-3.50

-4.50

-6.50

- Impermeabilização em feltro de Poliéster e=3mm
- Tela drenadora em feltro
- Tubo de PVC 30cm diâmetro
- Enrocamento
- Betão de Limpeza

PÁGINA 154
OPNN



OCUPAÇÃO ISLÂMICA EM NOUDAR

A ocupação islâmica em Noudar pode identificar-se no troço de muralha em taipa à sul do castelo. Este tipo de muralha era construído com terra argilosa, taipa ou tijolo moído, e argamassa de cal. Estes materiais eram depositados dentro de uma estrutura de madeira e eram bastante calcados, construindo muros de boa qualidade. (17) Esta muralha poderia fazer parte de uma estrutura militar de controlo da passagem que ligava Beja e Moura ao Sul dos territórios de Badajoz e Mérida. Para além do troço de muralha sul, verifica-se que os dois torreões nos extremos da mesma têm o interior construído em taipa, podendo fazer parte da primitiva estrutura defensiva.

Apesar de estar confirmada a presença islâmica em Noudar, os dados que temos são insuficientes para permitir perceber com precisão a organização do antigo povoado.

NOUDAR - 1308

Noudar é doado por Dinis, à Ordem de Avis, a 25 de Novembro de 1307, com a expressa determinação "que lavrem esse castiello de boom muro e façam um boon alcáçar forte". (18)

No castelo existiram duas lápides da mesma época:

- Uma que refere que no início de abril de 1308, D. Lourenço Afonso, funda e povoa o castelo a pedido do D. Dinis, originalmente colocada na Torre de Menagem do Castelo, hoje desaparecida mas referida por Gustavo Meios Sequeira. (19)
- Uma outra do mesmo ano (data crítica atribuída por Mário Barroca), que assinala a construção da Torre de Menagem a cargo do comendador-mor da Ordem de Avis D. Aires Afonso.

No caso de Noudar estamos perante um Castelo Gótico, que utiliza os princípios de "defesa activa", preparando o Castelo para um possível contra-ataque. (20)

As características do castelo gótico em Noudar identificam-se através da proporção do adarve (caminho de ronda no alto das muralhas) que aumenta a largura e permite uma circulação mais fluida sem impedimentos; no número de torreões ao longo da muralha (12 torreões e 2 cubelos a SE na alcáçova); na proteção das portas, ficando cada uma protegida por dois torreões e na Torre de Menagem, pelo facto de não surgir como um elemento isolado, estando adoçada à muralha e permitindo que participasse na defesa do conjunto não como o último obstáculo mas como uma parte que favorece e auxilia o complexo.

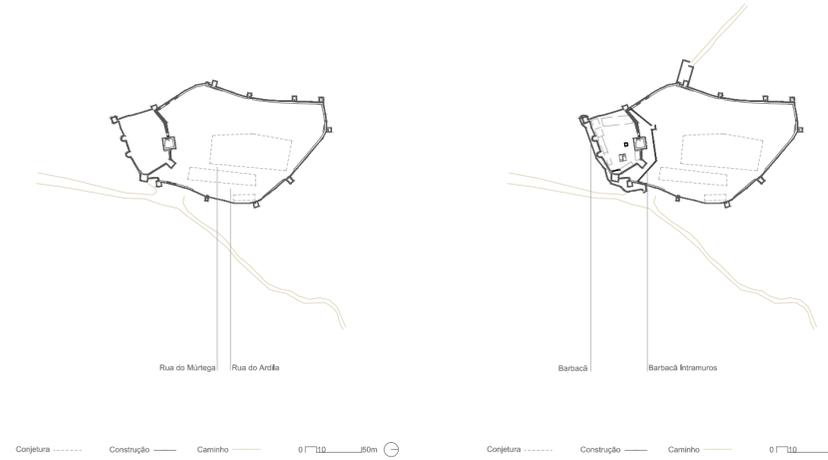
A fortificação é composta pelo castelo e pela cerca que se implantam sobre um planalto no sentido NO/SE existindo 4 acessos à fortificação:

- A nascente, a Porta de Barrancos ou Porta da Vila. É a porta principal e melhor defendida. Para alcançar este ponto, é necessário ultrapassar uma série de condicionantes já impostas pelo local. Somos obrigados subir um caminho em ziguezague e contornar os afloramentos rochosos, ficando bastante expostos, aos dois torreões da entrada. Após ultrapassar a porta, encontramos-nos a uma cota inferior e encausados pelo afinamento da muralha no local, deixando o atacante também bastante vulnerável a ataques vindos da alcáçova e Torre de Menagem que se encontram a cotas bastante superiores.
- A Oeste está a Porta de Moura, que abre em direção ao caminho que nos leva a Moura, também protegida por dois torreões.
- A Norte, a Porta Falsa que dá acesso à ribeira do Ardlia e ao caminho de Valencia del Mornbuey e Oliva de la Frontera.
- Também a Oeste, no pano de muralha da alcáçova, está a Porta Falsa da alcáçova que dá acesso à Ribeira do Múrtega.

(18) Cf. Fonseca, L.A. (2013), Pp.103

(19) Cf. <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=898> [consult. 14-01-2015].

(20) Cf. Barroca, M.J.(2000a) Pp.812



ESTRUTURA URBANA DA VILA - SÉCULO XIV/XV

Noudar foi fundado e começado a povoar no ano de 1308, tendo a particularidade de ser o primeiro couto de homiziados do reino.

Podemos perspetivar que o conjunto habitacional tenha surgido ao longo do século XIV/XV. (21)

- A malha urbana da vila é composta por 3 alinhamentos de casas e por 2 ruas, a rua do Ardlia e a rua do Múrtega. O conjunto habitacional estende-se no sentido Sudoeste/Noroeste paralelamente à muralha, a uma cota muito próxima da cota da alcáçova, ou seja, cota mais elevada, ficando assim o conjunto habitacional da vila numa posição dominante em relação a outros pontos, nomeadamente às entradas.

O castelo foi reforçado com um conjunto de barbacãs. A barbacã extramuros, na frente Sudoeste, estendendo-se desde o torreão mais a Sul até à Porta da Vila, com o objetivo de proteger a frente mais assediada e a entrada principal do recinto. A barbacã intramuros prolonga-se, desde a muralha Noroeste até à muralha Sudoeste reforçando a separação entre a alcáçova e a vila.

Na Porta de Moura, existe também um particular cuidado no controlo da entrada, onde, para além dos dois Torreões que balizam a porta, existe uma estrutura composta por dois muros paralelos com "formação em cotovelo" (22). O muro a Sul tem seteiras incorporadas

(21) Cf. <http://dglabara.dgarr.gov.pt/viewer?id=4635246> [consult. 14-01-2015]

(22) Cf. <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=898> [consult. 14-01-2015].

(23) Cf. Calado, H.M.P., (2007) Pp.812



NOUDAR - 1510

Com base nos desenhos de Duarte D'Armas, datados em 1509/1510, podemos realizar uma interpretação de como a fortaleza terá evoluído.

O interior da alcáçova aparece já como um núcleo bastante densificado e bem organizado, com duas cisternas no pátio e uma no interior da Torre de Menagem, aposentos térreos e outras dependências junto à muralha. Esta configuração permite-nos ter a noção de que o nível do terreno na alcáçova estaria a uma cota inferior àquela à que se encontra hoje. Os aposentos térreos, junto à muralha, terão sido soterrados e o terreno elevado até à cota do adarve, para responder a novas exigências militares. Esta solução fez com que o troço de muralha em taipa recebesse pressão acrescida, não só pelo peso do próprio terreno, mas também pela água que se acumula quando a precipitação é intensa e que dá origem a uma patologia histórica que subsiste até os dias de hoje.

O edifício corresponde a uma arquitetura religiosa quinhentista, com abóbada de berço, uma única nave, altar e torre sineira acessível por escada exterior. A oeste da igreja existia um cemitério cristão. Nesta época a igreja era denominada Nossa Senhora Entre Ambas as Águas, evocando as ribeiras do Múrtega e do Ardlia. Posteriormente, seria intitulada de Nossa Senhora do Desterro.

A igreja implanta-se entre a torre de menagem e os edifícios habitacionais, entre a porta de Barrancos e a Porta de Moura, adquirindo assim uma certa centralidade no conjunto.

(24) Cf. Calado, H.M.P., (2007) Pp.812

(25) Cf. Coêlho, A.M., (1986) Pp.89

(26) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82



NOUDAR - 1755

Em 1640 a fortificação foi reforçada com algumas estruturas abaluartadas, próprias da época.(25) A preocupação em defender as entradas que estavam em contacto com os eixos viários vindos de Castelo, materializam-se no reforço da frente Sudoeste e da porta da vila, com uma cortina de redentes, e o topo Oeste, com um revelim que auxiliava a Porta Falsa de acesso ao Ardlia. A porta de Moura não foi reforçada uma vez que era ela que estabelecia a ligação à rede fortificada portuguesa. Era conveniente que esta frente ficasse mais desimpediada para facilitar o acesso de tropas portuguesas e a fuga aos ataques castelhanos.

No ano de 1755 foi projetado, para reforço de Noudar, um reduto no morro de S. Gens. "... ao reduto projetado para melhor defesa da Praça no padroasto onde o inimigo na guerra passada elegeu contra a praça as suas baterias".

"Reduto para substituir a praça depois da guerra da Sucessão nos tempos de D. João V". Este projeto dá-nos uma ideia de como a fortificação tenderia a evoluir. O testemunho fo-nos deixado no belíssimo desenho de Miguel Luiz Jacob de 1755. O projeto apresenta a forma aproximada de um quadrado. Constituída por cortinas de muralha formando oito ângulos salientes, quatro nos cantos, com faces de baluartes e quatro a meio das cortinas permitindo o falqueamento das fachadas. Com um desenho que revela uma evolução na noção de flanqueamento, corresponde a uma tentativa de adequar a fortificação à topografia. Os parapetos seriam preparados para tiro de mosquete. A artilharia trabalharia a barbeta. (26) Este projeto não viria a concretizar-se.

Atualmente, o morro de São Gens está pontuado apenas com a presença da ruína de um antigo moinho de vento, que muitos consideram ser de uma ermida.

(25) Cf. Coêlho, A.M., (1986) Pp.89

(26) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

NOUDAR - 1755

No ano de 1755 foi projetado, para reforço de Noudar, um reduto no morro de S. Gens.

"... ao reduto projetado para melhor defesa da Praça no padroasto onde o inimigo na guerra passada elegeu contra a praça as suas baterias".

"Reduto para substituir a praça depois da guerra da Sucessão nos tempos de D. João V". Este projeto dá-nos uma ideia de como a fortificação tenderia a evoluir. O testemunho fo-nos deixado no belíssimo desenho de Miguel Luiz Jacob de 1755. O projeto apresenta a forma aproximada de um quadrado. Constituída por cortinas de muralha formando oito ângulos salientes, quatro nos cantos, com faces de baluartes e quatro a meio das cortinas permitindo o falqueamento das fachadas. Com um desenho que revela uma evolução na noção de flanqueamento, corresponde a uma tentativa de adequar a fortificação à topografia. Os parapetos seriam preparados para tiro de mosquete. A artilharia trabalharia a barbeta. (26) Este projeto não viria a concretizar-se.

Atualmente, o morro de São Gens está pontuado apenas com a presença da ruína de um antigo moinho de vento, que muitos consideram ser de uma ermida.

(27) Cf. Coêlho, A.M., (1986) Pp.89

(28) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(29) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(30) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(31) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(32) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(33) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(34) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(35) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(36) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(37) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(38) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(39) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(40) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(41) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(42) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(43) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(44) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(45) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(46) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(47) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(48) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(49) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(50) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(51) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(52) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(53) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(54) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(55) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(56) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(57) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(58) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(59) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(60) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(61) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(62) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(63) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(64) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(65) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(66) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(67) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(68) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(69) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(70) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(71) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(72) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(73) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(74) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(75) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(76) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(77) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(78) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(79) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(80) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(81) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(82) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(83) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(84) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(85) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(86) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(87) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(88) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(89) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(90) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(91) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(92) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(93) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(94) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(95) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(96) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(97) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(98) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(99) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(100) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(101) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(102) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(103) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(104) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(105) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(106) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(107) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(108) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(109) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(110) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(111) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(112) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(113) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(114) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(115) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(116) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(117) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(118) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(119) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(120) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(121) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(122) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(123) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(124) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(125) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(126) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(127) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(128) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(129) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(130) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(131) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(132) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(133) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(134) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(135) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(136) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(137) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(138) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(139) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(140) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(141) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(142) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(143) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(144) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(145) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(146) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(147) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(148) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(149) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(150) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

(151) Cf. Lobo, F.S.(2001) Pp.82

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento deste trabalho foi possível compreender o objeto de estudo desde a sua génese até os dias de hoje.

A investigação assentou em grande parte no desenho. No desenho de Noudar a uma escala territorial, como elemento que participa numa rede fortificada complexa. No desenho da evolução morfológica e funcional, que nos permite ter noção das várias configurações do castelo ao longo dos séculos. E por fim num desenho propositivo que concebe novas infraestruturas que possam albergar os novos programas do lugar.

Para mantermos o património é essencial dar-lhe um uso.

Após uma profunda reflexão pareceu-nos determinante atuar em dois lugares com dois programas distintos. Um museu de arqueologia na frente sul da alcáçova e um observatório no Morro de S. Gens.

Para responder á problemática de degradação e abando integrou-se o museu de arqueologia no ponto mais fragilizado do castelo. Esta intervenção na frente sul da alcáçova vem corrigir uma patologia histórica, na primitiva muralha em taipa, que tende frequentemente a ruir fruto do pressão acrescida que o aterro existente lhe coloca. A estratégia passa por libertar a muralha do aterro com um novo edifício que se implanta no lugar dos antigos “*aposentos térreos*” que compunham a alcáçova representados nos desenhos de Noudar de Duarte de Armas. O museu destinado a receber todo o espólio arqueológico da fortaleza, funciona também como artéria de ligação entre a alcáçova e a porta falsa.

O Observatório do Parque da Natureza de Noudar surge como uma infraestrutura que pretende servir e potenciar a nova cultura do território, relacionada observação do céu noturno, observação da fauna e da flora, percursos pedestres e BTT. Um local de estudo, conservação e divulgação do Património Natural e Arquitetónico. O Observatório implanta-se no morro de S. Gens, por ser um lugar dominante, com uma forte vocação para a observação e que estaria destinado a ser a evolução militar de Noudar conforme documentado na planta de Noudar Miguel Luiz Jacob de 1755.

Museu e Observatório podem ser complementados com os edifícios habitacionais da vila, funcionando como residências temporárias para os investigadores ou visitantes.

A estratégia desenvolvida apoiada em novos catalisadores de cultura parece-nos fundamental para valorizar este lugar do ponto de vista natural, histórico e arquitetónico.

“El verdadero valor del patrimonio no esta tanto en lo que generosamente hemos heredado como en lo que generosamente tenemos que aportar”. (39)
Antonio Jiménez Torrecillas

(39) Cf. (<https://www.youtube.com/watch?v=D_4JD4zJ_EA>)| consult. 21-08-2015)

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, J. (1943). *O Livro das Fortalezas de Duarte de Armas*. (edição anotada). Lisboa.
- Almeida, J. (1948). *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses*. Lisboa.
- Azevedo, P. A. (1900). *Auto d'uma posse do Castelo de Noudar e Inventario do que la existia no séc. XVI*. 1ª série. Nº 5. Pp.146 -151. Lisboa. O Archeologo Português
- Barroca, M.J. (1991). *Do Castelo da Reconquista ao Castelo Românico*. Portugalia, Nova Série, Vol. XXIV
- Barroca, M.J.(2000a). *D.Dinis e a Arquitectura Militar Portuguesa*. Pp.801-822 (Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4036.pdf>> |consult. 2015.01.14|).
- Barroca, M.J.(2000b) *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*. Vol. III.Lisboa
- Borges, A.G.M. (1993). *Inscrições Árabes de Noudar*. *Arqueologia Medieval*. Nº 2. Pp 215-217. Porto.
- Calado, H.M.P. (2007) *A raia alentejana medieval e os polos de defesa militar: o castelo de Noudar e a defesa do património nacional*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Departamento de História.
- Coelho, A.M. (1986). *O Castelo de Noudar - Fortaleza Medieval*. Barrancos.
- Conceição, M.T. (2011) *Os desenhos do engenheiro militar Miguel Luís Jacob e a cartografia das praças de guerra no século XVII*. Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, IV Simpósio LusoBrasileiro de Cartografia Histórica.
- Correia, L. (2010). *Castelos em Portugal - Retrato do seu perfil arquitectónico - 1509-1949*. Coimbra.
- Fonseca, L.A. (2013). *Comenda das Ordens Militares: Perfil de Inserção Internacional Noudar e Vera Cruz de Marmelar*. Vol. 17. Lisboa.
- Franco, N. (2000). *O Porquê de Barrancos*. Amadora.
- Garcia, J.C.(1986). *O Espaço Medieval da Reconquista no Sudoeste da Península Ibérica*. Lisboa.
- Gil, J. Cabrita, A. (1932). *Os mais belos castelos e fortalezas de Portugal*. Lisboa.
- Jiménez, Daniel. (2013) *Plan Director de las Fortificaciones de Badajoz*
- Lima, B. (1932). *Memória sobre os Forais - Noudar*, Terras Portuguesas. Vol. I. Pp. 382-384. Póvoa do Varzim.
- Lobo, F.S.(2001) *Códigogenético barranquenho*, *Arquitectura e Vida*, Nº18. Pp 82-83
- Macias, S. Torres, C. (1998). *O legado islâmico em Portugal*. Lisboa.
- Páscoa, M. (1998). *Levantamento documental sobre Noudar e Barrancos existente na Torre do Tombo*. Cadernos do Museu. Nº 1. Pp. 5-38. Barrancos.
- Pinto, MC. (2009). *O Douro no Gharb Al-Ándalus: A História e a arquitectura do Douro entre os séculos VIII e XII*. Ufp. Porto
- Raposo, J. (2001). *300 Sítios Arqueológicos Visitáveis em Portugal*. Al-madan. Almada.
- Rego, M. (1994). *Investigações arqueológicas no Castelo de Noudar - Arqueologia en el Entorno del Bajo Guadiana*. Actas del Encuentro Internacional de Arqueologia del Suroeste. Pp. 37-53. Huelva.
- Rego, M. (2003). *A Ocupação Islâmica de Noudar*. *Arqueologia Medieval*. N. 8. Pp 69-82. Porto.
- Sequeira, G. M. (1909). *Noudar, Fortaleza Militar do século XVI - notícia histórica*. Boletim da Associação dos Architectos Civis e Archeólogos Portuguezes. Vol. 11. Nº 10. Lisboa.
- Silva, A. L. (2011). *Boas práticas. Castelo de Noudar: A reconstrução da torre sudoeste*. Pedra e Cal. Nº 51. pp 18-19. Lisboa.
- Torres, C. (1985). *Noudar-1982. Informação Arqueológica*. Nº 5. Pp 39-40. Lisboa

WEB

- (<<http://digarq.dgarq.gov.pt/>>|consult. 14-01-2015|).
- (<<http://www.monumentos.pt/>>|consult. 02-01-2015|).
- (<<http://www.amigosdoscastelos.org.pt/>>| consult. 18-01-2015|).
- (<<http://sidcarta.exercito.pt/>>| consult. 23-01-2015|).
- (<<http://www.patrimoniocultural.pt/>>|consult 20-02-2015>).
- (< <http://www.avesdeportugal.info/>>|consult. 08-09-2015).
- (<https://www.youtube.com/watch?v=D_4JD4zJ_EA>| consult. 21-08-2015).
- (<<http://www.alquevadarksky.com/>>|consult. 24-02-2015|)
- (<<https://www.youtube.com/watch?v=B2-ak8DjMHU>>| consult. 23-01-2015|).
- (< <https://www.youtube.com/watch?v=dXhsEgnXODE>> consult. 23-01-2016)
- (<https://www.youtube.com/watch?v=D_4JD4zJ_EA>|) consult. 21-08-2015)

ÍNDICE DE IMAGENS

Fig. 1 Castelo de Noudar - Vista Aérea, 2011

Fonte:(<<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=178401&page=9>>| consult. 21-02-2015)

Modificada pelo autor

Fig. 2 Castelo de Noudar- Frente Sul, 2014.

Fotografia do autor

Fig. 3 Castelo de Noudar -Vista Aérea Norte, 2011.

Fonte:(<<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=178401&page=9>>

|consult. 21-02-2015)

Modificada pelo autor

Fig. 4 Castelo de Noudar - Vista Sul, 2011.

Fotografia do autor

Fig. 5 Castelo de Noudar - Vista geral, 1984

Fonte: Sistema de informação para o património arquitetónico (SIPA)

IPA.00000898 (<<http://www.monumentos.pt/>>|consult. 08-09-2015)

Modificado pelo autor

Fig.6 Ortofotomapa modificado pelo autor

Fonte: (<<http://www.bing.com/maps/> |consult. 15-09-2014)

Fig.7 Ortofotomapa modificado pelo autor

Fonte: (<<http://www.bing.com/maps/> |consult. 15-09-2014)

Fig.8 Ortofotomapa modificado pelo autor

Fonte: (<<http://www.bing.com/maps/> |consult. 15-09-2014)

Fig. 9 Ortofotomapa modificado pelo autor

Fonte: (<<http://www.bing.com/maps/> |consult. 15-09-2014)

Fig. 10 Vista Oeste do Castelo, 2014

Fotografia do autor

Fig.11 Carta de Portugal, 1561

Autor: Álvaro Seco

Fonte:(<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4d/Portugalliae_1561_%28

Baseado_no_primeiro_mapa_de_Portugal%29-JM.jpg

| consult. 01-02-2015)

Fig.12 Castelo Roqueiro de Pena de Aguiar, sem data

Fonte:(<<http://www.cpisantiago.pt/wp-content/uploads/2012/03/Castelo-de-Aguiar-Vila-Pouca-de-Aguiar.jpg>>

| consult. 08-09-2015)

Modificada pelo autor

Fig.13 Planta do Castelo Roqueiro de Pena de Aguiar

Fonte: Sistema de informação para o património arquitetónico (SIPA)

IPA.00005795 (<<http://www.monumentos.pt/>|consult. 08-09-2015)

Fig.14 Castelo Califal de Gormaz,Soria, Espanha

Fonte:(< <http://tramullas.com/castillo-califal-de-gormaz-soria/>>

|consult. 08-09-2015)

Modificado pelo autor

Fig.15 Planta do Castelo Califal de Gormaz,Soria, Espanha

Fonte:(< <http://www.soriaymas.com/ver.asp?tipo=articulo&id=2061>> | consult. 08-09-2015)

Fig.16 Castelo de Trancoso, 1994

Fonte: Sistema de informação para o património arquitetónico (SIPA)

IPA.00004056 (<<http://www.monumentos.pt/>|consult. 08-09-2015)

Fig.17 Planta do Castelo de Trancoso, 1994

Fonte: Sistema de informação para o património arquitetónico (SIPA)

IPA.00004056 (<<http://www.monumentos.pt/>|consult. 08-09-2015)

Fig.18 Castelo de Guimarães, 1995

Fonte: Sistema de informação para o património arquitetónico (SIPA)

IPA.00001060 (<<http://www.monumentos.pt/>|consult. 08-09-2015)

Modificado pelo autor

Fig.19 Planta do Castelo de Guimarães

Fonte: Sistema de informação para o património arquitetónico (SIPA)

IPA.00001060 (<<http://www.monumentos.pt/>|consult. 08-09-2015)

Fig.20 Torre Albarrã do Castelo de Silves, 1986

Fonte: Sistema de informação para o património arquitetónico (SIPA)

IPA.00001288 (<<http://www.monumentos.pt/>|consult. 08-09-2015)

Modificado pelo autor

Fig.21 Planta do Castelo de Silves, 1986

Fonte: Sistema de informação para o património arquitetónico (SIPA)

IPA.00001288 (<<http://www.monumentos.pt/>|consult. 08-09-2015)

Fig.22 Vista do castelo sobre as ribeiras do Múrtega e rio Ardila,2015

Fotografia do autor

Fig.23 Oliva vista desde a caseta da Russiana,2015

Fotografia do autor

Fig.24 Rio Ardila,2015

Fotografia do autor

Fig.25 Edifício em Barrancos, com gradeamento tipicamente espanhol,2015

Fotografia do autor

Fig.26 Vista de Barrancos a partir do Forte de S.Juan, Encinasola, 2015

Fotografia do autor

Fig.27 Posto Fronteiriço,2015

Fotografia do autor

Fig.28 Caseta de Encinasola,2015

Fotografia do autor

Fig29. Marco de fronteira 990, 2015

Fotografia do autor

Fig. 30 Castelo de Noudar- Vista aérea, 2011

Fonte:(< <https://geolocation.ws/v/P/96153007/castelo-noudar-portugal/en#>>

|consult. 08-09-2015)

Fig. 31 Fotomontagem Castelo de Noudar - Destaque do Troço de Muralha Almoáde

Realizada pelo autor, apoiada em imagem retirada do vídeo de Hélder Afonso

Fonte:(< <https://www.youtube.com/watch?v=dXhsEgnXODE>> consult. 23-01-2016)

Fig. 32 Fotomontagem Castelo de Noudar - Destaque da construção do ano de 1308.

Realizada pelo autor, apoiada em imagem retirada do vídeo de Hélder Afonso

Fonte:(< <https://www.youtube.com/watch?v=dXhsEgnXODE>> consult. 23-01-2016)

Fig. 33 Fotomontagem Castelo de Noudar - Destaque da estrutura urbana da vila.
Realizada pelo autor, apoiada em imagem retirada do vídeo de Hélder Afonso
Fonte:(< <https://www.youtube.com/watch?v=dXhsEgnXODE>> consult. 23-01-2016)

Fig.34 Planta de Noudar do Livro das Fortalezas
Autor: Duarte D'Armas,1509

Fonte:(<<http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=3909707>>|consult.08-09-2015)

Fig.35 Desenho de Noudar do Livro das Fortalezas - Sudoeste
Autor: Duarte D'Armas,1509

Fonte:(< <http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=3909707>>|consult.08-09-2015)

Fig.36 Desenho de Noudar do Livro das Fortalezas, Frente Sudeste
Autor: Duarte D'Armas,1509

Fonte:(< <http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=3909707>>|consult.08-09-2015)

Fig. 37 Fotomontagem Castelo de Noudar- Destaque da barbacã, aposentos térreos, poço e cisterna.
Realizada pelo autor, apoiada em imagem retirada do vídeo de Hélder Afonso
Fonte:(< <https://www.youtube.com/watch?v=dXhsEgnXODE>> consult. 23-01-2016)

Fig. 38 Igreja de Nossa Senhora do Desterro, 1982
Fonte:(<<http://www.patrimoniocultural.pt/en/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70654>>|consult. 08-09-2015)

Fig. 39 Igreja de Nossa Senhora do Desterro, 2014
Fotografia do autor

Fig. 40 Fotomontagem Castelo de Noudar- Destaque da Igreja de Nossa Senhora do Desterro
Realizada pelo autor, apoiada em imagem retirada do vídeo de Hélder Afonso
Fonte:(< <https://www.youtube.com/watch?v=dXhsEgnXODE>> consult. 23-01-2016)

Fig. 41 Troço da cortina de redentes, 2014
Fotografia do autor

Fig. 42 Torreão NO e Revelim, 2015
Fotografia do autor

Fig. 43 Fotomontagem Castelo de Noudar- Destaque da cortina de redentes
Realizada pelo autor, apoiada em imagem retirada do vídeo de Hélder Afonso
Fonte:(< <https://www.youtube.com/watch?v=dXhsEgnXODE>> consult. 23-01-2016)

Fig. 44 Planta da Praça de Noudar
Autor: Miguel Luiz Jacob, 1755
Fonte:(<<http://sidcarta.exercito.pt/bibliopac/imgweb/03/3-40-PP/1393-3-40-PP.jpg>>|consult. 02-02-2015)

Fig. 45 Morro de S.Gens e Castelo de Noudar
Fotografia alterada pelo autor
Fonte:(<<http://www.publico.pt/local/noticia/Camara-de-barrancos-fecha-castelo-de-noudar-por-risco-de-derrocada>----1559395>|consult. 08-09-2015)

Fig. 46 Planta da Praça de Noudar
Autor: Miguel Luiz Jacob, 1757
Fonte:(<http://sidcarta.exercito.pt/bibliopac/imgweb/02/2-21A-105/3247_1-2-21A-105.jpg>|consult. 02-02-2015)

Fig. 47 Planta da Praça de Moura,
Autor: Miguel Luiz Jacob, 1755
Fonte:(<<http://sidcarta.exercito.pt/bibliopac/imgweb/02/2-21-30/3044-2-21-30.jpg>>|consult. 02-02-2015)

Fig. 48 Planta da Praça de Ouguela,
Autor: Miguel Luiz Jacob, 1755
Fonte:(<<http://sidcarta.exercito.pt/bibliopac/imgweb/03/3-40-PP/1394-3-40-PP.jpg>>|consult. 02-02-2015)

Fig. 49 Planta da Praça de Mértola
Autor: Miguel Luiz Jacob, 1755
Fonte:(<<http://sidcarta.exercito.pt/bibliopac/imgweb/03/3-40-PP/1397-3-40-PP.jpg>>|consult. 02-02-2015)

Fig.50 Planta da Fortificasam da cidade d'Elvas, Século XVIII
Autor: Stosch
Fonte: Plan Director de las Fortificaciones de Badajoz, Jiménez Ferrera, Daniel

Fig.51 Goyàn e Vila nova de Cerveira, até1640.
Autor: Desconhecido
Fonte: Plan Director de las Fortificaciones de Badajoz, Jiménez Ferrera, Daniel

Fig. 52 Fotomontagem síntese da evolução morfológica.
Realizada pelo autor, apoiada em imagem retirada do vídeo de Hélder Afonso
Fonte:(< <https://www.youtube.com/watch?v=dXhsEgnXODE>> consult. 23-01-2016)

Fig. 53 Monte da Coitadinha e Castelo de Noudar, 2012
Fonte:(<<http://www.publico.pt/local/noticia/camara-de-barrancos-fecha-castelo-de-noudar-por-risco-de-derrocada>----1559395>|consult. 08-09-2015)

Fig.54 Ortofotomapa modificado pelo autor
Fonte: (<<http://www.bing.com/maps/> |consult. 15-09-2014)

Fig. 55 Grifo
Fonte: (<<http://www.avesdeportugal.info/gypful.html>>|consult. 08-09-2015)

Fig. 56 Abutre preto
Fonte: (<<http://www.avesdeportugal.info/aegmon.html>>|consult. 08-09-2015)

Fig. 57 Águia-real
Fonte: (<<http://www.avesdeportugal.info/aquchr.html>>|consult. 08-09-2015)

Fig. 58 Cegonha Preta
Fonte:(< <http://www.avesdeportugal.info/cicnig.html>>|consult. 08-09-2015)

Fig. 59 Melro Azul
Fonte: <http://www.avesdeportugal.info/monsol.html>>|consult. 08-09-2015)

Fig. 60 Cotovia Montesina
Fonte: (<<http://www.avesdeportugal.info/galthe.html>>|consult. 08-09-2015)

Fig. 61 Chasco ruivo

Fonte: (<<http://www.avesdeportugal.info/oehis.html>>
|consult. 08-09-2015)

Fig. 62 Pardal Francês

Fonte: (<<http://www.avesdeportugal.info/petpet.html>>
|consult. 08-09-2015)

Fig.63 Foto NASA, Portugal Noturno, 2012

Fonte:(<<http://www.publico.pt/ciencia/noticia/a-terra-vista-a-noite-do-espaco-e-um-mundo-de-luz-e-escuridao-1576406>>|consult.
08-09-2015)

Fig.64 Dark Sky Noudar, Miguel Claro

Fonte:(<<http://www.miguelclaro.com/wp/?portfolio=orion-stars-noudar-castle>>
|consult.08-09-2015)

Fig.65 Dark Sky Monsaraz, Miguel Claro

(<<http://www.miguelclaro.com/wp/?portfolio=879>>
|consult. 08-09-2015)

Fig.66 Dark Sky Juromenha, Miguel Claro

Fonte:(< <http://www.miguelclaro.com/wp/?portfolio=signs-of-winter>>
|consult. 08-09-2015)

Fig.67 Dark Sky Noudar

Fotografia do autor

Fig.68 Dark Sky Noudar- Choça

Fotografia do autor

Fig. 69 Galeria e Museu

Realizado pelo Autor

Fig. 70 Museu de Arqueologia

Realizado pelo Autor

Fig. 71 Cisterna

Realizado pelo Autor

Fig. 72 Espaço de Repouso

Realizado pelo Autor

Fig . 73 Ruína de São Gens e OPNN

Realizado pelo Autor

Fig. 74 OPNN

Realizado pelo Autor

Fig. 75 Choça e Banco

Realizado pelo Autor

Fig.76 Sala Multifunções

Realizado pelo Autor

Fig.77 Biblioteca

Realizado pelo Autor

ÍNDICE DE DESENHOS

Des. 1 Mapa de Abrangência Visual

Realizado pelo Autor com apoio em ortofotomapa

Fonte: (<<http://www.bing.com/maps/> |consult. 15-09-2014)

Des. 2 Península Ibérica ano 750

Realizado pelo autor com apoio no mapa disponível em:

Fonte:(<<http://explorethemed.com/ReconquistaPt.asp?c=1>>|consult.08-09-2015)

Des. 3 Península Ibérica ano 910

Realizado pelo autor com apoio no mapa disponível em:

Fonte:(<<http://explorethemed.com/ReconquistaPt.asp?c=1>>|consult.08-09-2015)

Des. 4 Península Ibérica ano 1000

Realizado pelo autor com apoio no mapa disponível em:

Fonte:(<<http://explorethemed.com/ReconquistaPt.asp?c=1>>|consult.08-09-2015)

Des. 5 Península Ibérica ano 1031

Realizado pelo autor com apoio no mapa disponível em:

Fonte:(<<http://explorethemed.com/ReconquistaPt.asp?c=1>>|consult.08-09-2015)

Des. 6 Península Ibérica ano 1150

Realizado pelo autor com apoio no mapa disponível em:

Fonte:(<<http://explorethemed.com/ReconquistaPt.asp?c=1>>|consult.08-09-2015)

Des. 7 Península Ibérica ano 1210

Realizado pelo autor com apoio no mapa disponível em:

Fonte:(<<http://explorethemed.com/ReconquistaPt.asp?c=1>>|consult.08-09-2015)

Des. 8 Mapa de Portugal no reinado de D.Dinis

Realizado pelo Autor com base no de desenho da obra de Barroca:

Fonte: Barroca, M.J.(2000a) Pp. 822

Des. 9 Mapa de Portugal com castelos raianos

Realizado pelo Autor com apoio em ortofotomapa

Fonte: (<<http://www.bing.com/maps/> |consult. 15-09-2014)

Des. 10 Mapa da raia alentejana

Realizado pelo Autor com apoio em ortofotomapa

Fonte: (<<http://www.bing.com/maps/> |consult. 15-09-2014)

Des. 11 Mapa da raia em Noudar

Realizado pelo autor com apoio em ortofotomapa

Fonte: (<<http://www.bing.com/maps/> |consult. 15-09-2014)

Des. 12 Planta de Noudar Século XII/XIII

Escala 1/2000

Realizado pelo autor a partir do levantamento topográfico e arquitetónico de 2004, fornecido pela Câmara Municipal de Barrancos

Des. 13 Planta de Noudar Século XIV

Escala 1/2000

Realizado pelo autor a partir do levantamento topográfico e arquitetónico de 2004, fornecido pela Câmara Municipal de Barrancos

Des. 14 Planta de Noudar Século XV

Escala 1/2000

Realizado pelo autor a partir do levantamento topográfico e arquitetónico de 2004, fornecido pela Câmara Municipal de Barrancos

Des. 15 Planta de Noudar, 1510

Escala 1/2000

Realizado pelo autor a partir do levantamento topográfico e arquitetónico de 2004, fornecido pela Câmara Municipal de Barrancos

Des. 16 Planta de Noudar, 1557

Escala 1/2000

Realizado pelo autor a partir do levantamento topográfico e arquitetónico de 2004, fornecido pela Câmara Municipal de Barrancos

Des. 17 Planta de Noudar, 1640

Escala 1/2000

Realizado pelo autor a partir do levantamento topográfico e arquitetónico de 2004, fornecido pela Câmara Municipal de Barrancos

Des. 18 Planta da Praça de Noudar e reduto proposto por Miguel Luiz Jacob em 1755

Escala 1/10000

Realizado pelo autor a partir do desenho de Miguel Luiz Jacob de 1755

Des. 19 Corte do Castelo de Noudar e Morro de S.Gens

Escala 1/10000

Realizado pelo autor

Des. 20 Planta de Noudar, 2015

Escala 1/2000

Realizado pelo autor a partir do levantamento topográfico e arquitetónico de 2004, fornecido pela Câmara Municipal de Barrancos

Des. 21 Planta síntese da evolução morfológica

Escala 1/750

Realizado pelo autor a partir do levantamento topográfico e arquitetónico de 2004, fornecido pela Câmara Municipal de Barrancos

Des. 22 Corte síntese da evolução morfológica

Escala 1/500

Realizado pelo autor

Des. 23 Mapa Reserva Dark Sky

Realizado pelo autor

Des. 24 Planta de implantação do Museu e Observatório

Escala 1/3000

Realizado pelo autor

Des. 25 Corte do Museu e Observatório

Escala 1/3000

Realizado pelo autor

Des. 26 Corte - Muralha almóada no século XII/XIII

Escala 1/200

Realizado pelo autor

Des. 27 Corte - Muralha no século XIV/ XV

Escala 1/200

Realizado pelo autor

Des. 28 Corte - Muralha no século XVII

Escala 1/200

Realizado pelo autor

Des. 29 Corte - MACN

Escala 1/200

Realizado pelo autor

Des.30 Planta de implantação do MACN

Escala 1/1500

Realizado pelo autor

Des. 31 Planta de cobertura

Escala 1/200

Realizado pelo autor

Des. 32 Planta Piso -1

Escala 1/200

Realizado pelo autor

Des. 33 Corte A A´

Escala 1/200

Realizado pelo autor

Des. 34 Corte B B´

Escala 1/200

Realizado pelo autor

Des. 36 Corte D D´

Escala 1/200

Realizado pelo autor

Des. 37 Axonometria do MACN

Escala 1/1000

Realizado pelo autor

Des. 38 Planta Piso -1

Escala 1/100

Realizado pelo autor

Des. 39 Corte Construtivo

Escala 1/50

Realizado pelo autor

Des. 40 Corte construtivo em perspectiva

Escala 1/70

Realizado pelo autor

Des.41 Planta de implantação do OPNN+

Escala 1/1500

Realizado pelo autor

Des.42 Planta de cobertura

Escala 1/250

Realizado pelo autor

Des. 43 Planta Piso -1

Escala 1/250

Realizado pelo autor

Des. 44 Planta de Piso -2

Escala 1/250

Realizado pelo autor

Des. 45 Corte A A´

Escala 1/250

Realizado pelo autor

Des. 46 Corte B B´

Escala 1/250

Realizado pelo autor

Des. 47 Corte C C´

Escala 1/250

Realizado pelo autor

Des. 48 Corte D D´

Escala 1/250

Realizado pelo autor

Des. 49 Alçado Este

Escala 1/250

Realizado pelo autor

Des. 50 Alçado Oeste

Escala 1/250

Realizado pelo autor

Des. 51 Alçado Norte

Escala 1/250

Realizado pelo autor

Des. 52 Alçado Sul

Escala 1/250

Realizado pelo autor

Des. 53 Axonometria OPNN

Escala 1/500

Des. 54 Planta Piso -1

Escala 1/150

Realizado pelo autor

Des. 55 Planta Piso -2

Escala 1/150

Realizado pelo autor

Des. 56 Corte Construtivo

Escala 1/50

Realizado pelo autor

Des. 57 Corte Construtivo

Escala 1/50

Realizado pelo autor

UM OLHAR SOBRE O CASTELO DE NOUDAR

Do castelo medieval á ruína

Proposta de valorização do Lugar